Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 55.º/18 998 4$00

QUARTA-FEIRA 10 MARÇO 1976

Diz comandante de regimento

G.N.R. DEVE ACTUAR COM ISENÇÃO PARTIDÁRIA

«A G. N. R. deve actuar com isenção partidária», afirmou o tenente-coronel Costa Ferreira, comandante do Regimento de Cavalaria, durante o desfile na unidade esta manhã no Campo Grande comemorativo do encerramento do período de instrução.

O comandante-geral da corporação, brigadeiro Passos Esmeriz, que assistiu à formatura e passou em revista o regimento, apelou para «a inteligência e ponderação da G. N. R. no cumprimento de uma missão essencial para a manutenção da ordem pública». Criticou a «especulação» tecida à volta deste desfile, afirmando que «tudo nesta época é motivo de especulação». Considerou por outro lado que «o mal da G. N. R. foi não ter superado as sucessivas retóricas». Contestou ainda a designação de «força militarizada» vulgarmente aplicada à G. N. R., tendo salientado a sua ligação ao Exército.

Ramalho Eanes em Coimbra e no Porto

. . Em avião militar o general Ramalho Eanes chegou às 9 e 45 ao aeroporto de Cernache para uma visita à Região Militar do Centro. Após os cumprimentos, o chefe do Estado-Maior do Exército seguiu directamente para o Regimento de Infantaria de Coimbra, onde teve uma demorada reunião com o comandante da Região e delegações das unidades militares do Centro.

O general Ramalho Eanes almoçou naquela unidade, após o que retomou o avião para o Porto, chegando a Pedras Rubras cerca das 16 horas. Dali seguiu directamente para o quartel do R. A. S. P., em Vila Nova de Gaia, onde reunirá com o comando da R. M. N. e delegações de todas as unidades da Região, constituídas estas pelos primeiro ou segundo comandantes, um capitão e um sargento. Em Pedras Rubras, logo após a chegada, o general Ramalho Eanes trocou impressões com representantes dos órgãos de Informação durante alguns minutos.

Ramalho Eanes era acompanhado pelo seu ajudante-de-campo, capitão Sousa Pinto, e ainda por mais quatro oficiais e dois sargentos do Estado-Maior do Exército. Os objectivos destas visitas são os mesmos das efectuadas já em Lisboa e em Évora.

AVEIRO E FIGUEIRA SEM LUZ À MEIA-NOITE?

A cidade da Figueira da Foz e todo o distrito de Aveiro poderão ficar sem iluminação pública a partir da meia-noite de hoje.

Em contacto com um porta-voz da Comissão de Trabalhadores dos S. M. da Figueira da Foz, foi-nos dito que os seus colegas de Aveiro assumiam igual atitude não apenas por solidariedade mas porque a luta era comum: procura-se que os vencimentos sejam equiparados aos dos colegas de Coimbra, o que equivale a um aumento médio mensal de 560$00.

Um comunicado emitido pela Comissão de Trabalhadores dos S. M. da Figueira da Foz — através do qual se pedia o apoio da população — viria a ser suspenso a pedido do ministro da Administração Interna, o qual solicitou aos delegados de Aveiro e da Figueira que recebessem o director-geral para conversações. Tal encontro verificou-se no dia 8 e, segundo os trabalhadores, ficou combinado que dariam mais um prazo ao Governo, até ao dia 10 (hoje).

Entretanto e admitindo a hipótese de o Governo não dar satisfação às suas reivindicações, os trabalhadores declaram que, a partir da meia-noite, a Figueira e Aveiro e todo o distrito ficarão sem iluminação pública, abrindo-se contudo excepção para hospitais, quartéis de bombeiros e outras instituições onde a falta de luz possa pôr em risco pessoas e bens.

A decisão do corte de iluminação pública, última forma encontrada de pressionar o Governo, deverá ser confirmada definitivamente hoje à tarde numa reunião dos delegados distritais.

ANGOLA PRETENDE BOAS RELAÇÕES

O «interesse do povo angolano em reatar e estreitar os laços de amizade e de cooperação» com Portugal, segundo palavras do ministro das Relações Exteriores da R. P. A. patentes numa nota enviada ao Ministério português dos Negócios Estrangeiros, constitui um passo decisivo no desbloqueamento das relações Lisboa-Luanda.

O gesto angolano, concordando com o estabelecimento de relações diplomáticas ao nível de Embaixada, abre amplas perspectivas à cooperação entre os dois países, com importantes reflexos sobretudo em Portugal. Para além de um contencioso económico-financeiro com a ex-colónia rondando a centena de milhões de contos, arrasta-se ainda a questão dos retornados das ex-colónias, quer ao nível dos que pretendem regressar (cerca de 15 mil estariam inscritos para o efeito em Janeiro último), quer quanto aos problemas de bens abandonados aquando da retirada.

O estabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países encontra-se já em fase de arranque, podendo processar-se em duas etapas, registando-se na primeira a instalação de um consulado da R. P. A. em Lisboa, de acordo com dados confirmados ao «DL» por círculos próximos do M.P.L.A. Na segunda etapa, que se pretende breve, efectuar-se-ia a troca de embaixadores entre as duas capitais.

. É de destacar que o desanuviamento das relações de Portugal com Angola surge a despeito de toda a oposição que sectores da direita, civil e militar, levantaram ao acto de reconhecimento e de toda a polémica que daí resultou, adensada nos últimos tempos com a aproximação do período eleitoral. Na ultrapassagem que se vislumbra da oposição interna há ainda a registar o facto positivo que representa uma nova tomada de posição de alguns sectores de retornados que, cinco meses volvidos sobre a independência de Angola, se dão conta da manipulação reaccionária de que foram alvo, quer na ex-colónia, quer depois em Portugal, enquanto se arrastava um aparente período de indefinição do poder real dos movimentos angolanos, definitivamente desfeito com a inevitável vitória do M. P. L. A..

Para esta clarificação de posições de alguns sectores de retornados não terá deixado também de contribuir a constatação da disparidade de situações existentes entre aqueles que continuam a habitar em hóteis de luxo, e a usufruir de regalias de excepção e os que, nas cidades ou no interior das províncias, vivem nas piores condições. Demarcam-se, assim claramente os verdadeiros exploradores do povo angolano daqueles que, explorados também, foram depois habilmente manipulados, vendo-se reduzidos a uma situação que em alguns casos pode ser considerada como desesperada.

(Ler notícia na Pág. 12)

TELEFÉRICO DESPENHA-SE NOS ALPES

Dezassete crianças mortas

. CAVALESE (ITÁLIA), 10 — (R.) — Pelo menos 17 das 42 pessoas mortas no pior desastre de teleférico do Mundo eram crianças — declarou hoje a Polícia.

As crianças, de Hamburgo, na Alemanha Ocidental, encontravam-se a bordo do teleférico vermelho quando este se despenhou numa encosta dos dolomitas italianos, de uma altura de 50 metros.

A Polícia disse não estar ainda completa a identificação das vítimas, mas as autoridades já determinaram que o grupo de Hamburgo figurava entre os turistas e esquiadores que regressavam de um dia passado na neve.

O único sobrevivente — uma jovem italiana de 14 anos — encontrava-se em estado crítico às primeiras horas de hoje — declararam fontes hospitalares.

Seis pessoas foram retiradas com vida do teleférico, mas cinco morreram pouco depois.

Crê-se que a maior parte das vítimas eram turistas da Alemanha Ocidental e da Áustria.

A Polícia local, declarou não ter qualquer ideia sobre a causa do desastre, mas peritos em Trento, a 40 quilómetros a nordeste desta estância de esqui, e em Roma, disseram que poderia ter sido causado por uma avaria no cabo de tracção do teleférico.

Tal avaria poderia ter feito saltar o cabo de apoio da sua roldana e deixado a cabina sem qualquer suporte.

Ao despenhar-se, o veículo arrastou consigo um pesado conjunto de engrenagens fixo no topo de um pilar de apoio. Uma notícia a noite passada dizia que a maior parte das vítimas foram esmagadas pelo maciço conjunto de aço que caiu sobre a cabina.

O pior desastre de teleférico anterior ocorreu, na Formosa, em 1966, tendo então morrido 16 pessoas.

Em 1961 seis pessoas perderam a vida depois de um avião de combate Sabre francês embater nos cabos de um teleférico no Monte Branco.

AMANHÃ NO "DL"

Laginha Serafim escreve sobre independência nacional e conhecimentos técnico-científicos

20 PÁGINAS

Nacional

Política de A a Z

UNIDADE A PRAZO

O segredo que rodeia o funcionamento interno e as discussões do Conselho da Revolução, dá lugar a especulações frequentes. Os observadores que acompanham a actividade desse importante órgão político-militar e os jornalistas que à entrada e à saída das sessões solicitam palavras e revelações aos conselheiros, concordam em afirmar que na última reunião se terá desenhado um consenso no sentido do reconhecimento da necessidade do Conselho da Revolução ultrapassar divergências. O comunicado confirma esta interpretação ao informar que o C.R.: «debateu a actual situação político-militar, preocupando-se fundamentalmente em assegurar a maior coesão e unidade das Forças Armadas, tarefa que reconhece prioritária e essencial».

Essa «coesão e unidade das Forças Armadas» passa, também, pela coesão, unidade e neutralização polémica dos seus chefes. Declarações como as do general Morais da Silva ou do almirante Souto e Cruz, trazem evidentes perturbações e suscitam justificadas perplexidades. As próximas semanas dar-nos-ão a possibilidade de avaliar se o Conselho da Revolução ultrapassou, na realidade, as suas próprias contradições, as contradições entre o «antigo» e o «novo», que, também, no meio militar estão a acentuar-se. O futuro do «25 de Abril» — como início de um processo de transformação da sociedade portuguesa — depende da «unidade revolucionária» no seio do Conselho da Revolução. Depende de que, no Conselho da Revolução, a coesão, o consenso para superar divergências e conciliar posições diferentes, não se limite a ser uma «unidade a prazo».

DIVIDIR PARA REINAR

A regra é velha. Mas tem seguidores obstinados. Na vida política portuguesa há quem não desista de dividir em «partidos» diferentes os três ramos das Forças Armadas, de dividir os «políticos» de os «operacionais», os oficiais «de linha» e os oficiais do «Corpo do Estado-Maior», os oficiais do «Quadro Permanente» e os oficiais do «Quatro de Complemento», os «Nove» dos outros membros do C.R., os «Nove» dos outros membros do Governo. A estes profissionais da divisão, desiludiu-os o major Melo Antunes afirmando categoricamente: «Não há qualquer contradição entre a posição que defendo e a do general Ramalho Eanes». Falava-se da Europa e do Terceiro Mundo, mas, talvez, pudessem ser igualmente firmes e categóricas as palavras de Melo Antunes se a pergunta tivesse versado os temas quentes: democracia, socialismo, Presidência da República. E até: libertação de Otelo Saraiva de Carvalho.

A POLÉMICA RENOVA-SE

A legalização do M.R.P.P., nos termos em que foi determinada, ou reconhecida, pelo Conselho da Revolução, suscitou imediato protesto daquele agrupamento político. Com efeito a declaração do capitão Sousa e Castro é sibilina: «O Conselho da Revolução considerou legal o M.R.P.P. Esse partido terá agora de cumprir as disposições legais». Noutro passo o capitão Sousa e Castro afirmara: «O M.R.P.P. fica com a sua inscrição legalizada no Supremo Tribunal de Justiça, muito embora, para estas eleições, compita agora ao Governo e à Assembleia Constituinte regulamentar essas mesmas eleições. Como é sabido há legislação do antecedente...». E é a essa legislação que o M.R.P.P. contesta. Não pretendia o M.R.P.P., apenas, a revogação de uma decisão do Conselho da Revolução, mas a revogação do Decreto-Lei n.º 126/75, o que, segundo parece, está fora da competência do Conselho da Revolução. Portanto a expressão usada: «legalização» é contingente e promete desencadear, a vários níveis, uma áspera polémica. A Comissão Nacional de Eleições defender-se-á com as exigências legais que compete ao Supremo Tribunal de Justiça verificar; este defender-se-á com a lei. Qual será a posição do Governo?

Perguntado por um jornalista, o ministro Almeida Santos reduziu a questão ao seu aspecto legal: «Se nós queremos que os símbolos sejam alterados, alguma razão há... Mesmo nas marcas de indústrias, os símbolos não desempenham as suas funções se forem confundíveis...»
Cedendo ao argumento legal, outros partidos e agrupamentos políticos modificaram já os seus símbolos. O M.R.P.P. tem declarado que o não fará. A campanha eleitoral inicia-se com a «guerra dos símbolos».

CATORZE PARTIDOS

Vão disputar a campanha eleitoral catorze partidos e agrupamentos de índole unitária apoiados em partidos políticos classificados de «extrema-esquerda». À «direita» a situação parece mais clara: será dominada pela presença eleitoral do C.D.S. e do P.P.D. Embora o P.D.C. — se conseguir impor a sua presença e designação —, e o P.P.M. tenham um papel a desempenhar. Mas à «esquerda», dominada pela competição entre o P.C.P. e o P.S., frequentemente expressa em duros termos polémicos, verifica-se a concorrência de uma «extrema-esquerda» dispersa e crítica, flutuante nas suas posições tácticas, maximalistas nos projectos estratégicos. Nater o P.C.P. e o P.S. na campanha eleitoral, sobretudo no domínio da afirmação corajosa, radical, será uma preocupação predominante numa campanha eleitoral que ameaça renovar o uso e o abuso da «frase revolucionária» principalmente nos comunicados, e nas emissões da Rádio e da TV.

Cimentos e pornografia em S. Bento

A criação da Cimpor — Cimentos de Portugal, EP e a regulamentação da pornografia constituem as decisões mais importantes do Conselho de Ministros de ontem, o qual aprovou ainda entre outros diplomas relacionados com os funcionários públicos vindos de Timor e com as penas disciplinares impostas a funcionários nas ex-colónias, bem como com os diplomas de enfermagem.

Quanto à Cimpor saliente-se que ela não será a única empresa produtora e distribuidora de cimentos, pois continua a existir, com capital estrangeiro (não nacionalizado) a Secil. De resto, foi também aprovado o estatuto da Cimpor que prevê uma gestão descentralizada e concede aos trabalhadores algumas possibilidades de participação na vida da empresa.

No que se refere à regulamentação de exposição e venda de pornografia o projecto de decreto-lei aprovado prevê que ela se venha a fazer só no interior de estabelecimentos exclusivamente destinados a essefim sendo proibida a venda a ou por menores de 18 anos. Além disso, os filmes pornográficos sofrerão uma sobretaxa que desencoraje a sua importação e procura.

É o seguinte o texto integral do comunicado final do Conselho de Ministros:

«O plenário do Conselho de Ministros reuniu em S. Bento (residência oficial do Primeiro-Ministro) tendo aprovado as resoluções e os projectos de diplomas a que a seguir se faz menção:

«1 — O ministro dos Negócios Estrangeiros fez uma exposição ao plenário sobre a sua recente deslocação ao Irão e à Grécia, que possibilitou uma frutuosa e clarificante troca de pontos de vista e abriu perspectivas de cooperação no plano económico e cultural.

«2 — O ministro da Cooperação fez uma exposição sobre o curso das negociações com o Governo da República de S. Tomé e Príncipe para resolução do contencioso económico e financeiro entre os dois Estados. O Conselho de Ministros ratificou os critérios perfilhados pelo ministro.

«3 — Resolveu também nomear, por proposta do ministro da Indústria e Teconologia, o sr. Francisco de Matos Guedes Lebre, membro da comissão administrativa de «Pardal Monteiro, Lda», sendo exonerados, a seu pedido, da mesma comissão, o eng. Fernandes de Melo Mendes e o dr. Manuel Eduardo Ferreira Raposo, nomeados por resolução do Conselhos de Ministros de 1.7.75 (D. G. 9.7.75).

O ponto 9 da mesma resolução foi alterado nos mesmos termos da resolução anterior.

«4 — Por proposta do ministro das Finanças foram nomeados os drs. António de Sousa Ribeiro Moreira e João António Lopes Alves o eng. José Joaquim Fragoso para administradores da Caixa Geral de Depósitos.

COMISSÃO PARA O SECTOR ADUBEIRO

. . .«5 — Por proposta do Ministério da Indústria e Tecnologia e nos termos do n.º 1 do Artigo do Decreto-Lei n.º 457-75 de 22 de Agosto, foram designadas as seguintes individualidades para a comissão de reestruturação do sector adubeiro: dr. António Rodrigues Celeste (presidente), eng. Humberto de Almeida Santos, dr.ª Ivone Pires de Matos Castanheira Dias Marques, eng.ª Belmira Martins, um representante do Ministério da Agricultura e Pescas, um representante do Ministério do Trabalho, um representante dos trabalhadores do Amoníaco Português, S. A. R. L., um representante dos trabalhadores da Sociedade Portuguesa de Petroquímica, S. A. R. L., um representante dos trabalhadores de Nitratos de Portugal, S. A. R. L., um representante os trabalhadores da Companhia União Fabril S. A. R. L., um representante dos trabalhadores da Sapec-Produits et Engrais Chimiques de Portugal, S. A. R. L.

«6 — O Conselho resolveu criar, sob proposta do ministro da Justiça, um grupo de trabalho destinado a fixar as melhores condições de aproveitamento da herdade afecta ao Ministério da Justiça 'Instituto Vila Fernando' sita a 15 km de Elvas, na frequesia de Vila Fernando e Santo Aleixo, que tem uma grande área agrária. O grupo será presidido pelo director-geral dos Serviços Tutelares de Menores e terá como vogais um representante por cada um dos Ministérios da Justiça, Finanças, Educação e Investigação Científica, Agricultura e Pescas, Assuntos Sociais e Trabalho. As conclusões deverão ser apresentadas até ao fim do mês de Maio.

O Conselho deliberou:

«7 — O Conselho de Ministros resolveu exonerar, a seu pedido, os drs. Manuel Eduardo Ferreira Raposo e Ricardo Corte Real de membros da comissão dministrativa de 'Mármores Condada' S. A. R. L.

«A resolução do Conselho de Ministros de 1.7.75 (D. G. 9.7.75) foi alterada no seu ponto 9. Aquela comissão administrativa, que depende do Ministério da Indústria e Teccnologia, apresentará dentro de um prazo de 30 dias:

A) Um plano de comercialização, producão e aprovisionamento;

B) Um plano para o saneamento financeiro da empresa.

FUNCIONÁRIOS VINDOS DE TIMOR

. . .«8 — Um diploma emanado do Ministério da Cooperação regulariza a situação dos funcionários vindos do território de Timor que se encontram em Portugal, prevendo o seu ingresso no quadro geral de adidos mediante requerimento a apresentar no prazo máximo de 30 dias a contar da data de publicação do presente projecto.

«Os servidores que não se encontrem presentemente em Portugal, e que mantenham a nacionalidade portuguesa deverão igualmente requerer o seu ingresso naquele quadro no prazo de 30 dias após o seu regresso a Portugal.

«A partir de 31 de Março deste ano cessam as situações de comissão eventual de serviço em que se encontram estes funcionários, assim como deixam de ter eficácia os pareceres ou decisões da Junta de Saúde do Ultramar respeitantes à concessão de licenças por doença. Os servidores civis do Estado que ingressem no quadro geral de adidos ao abrigo do presente dec.-lei, serão prioritariamente destacados para os serviços relativos à administração do território de Timor, quando neles haja necessidade de pessoal.

PENAS IMPOSTAS A FUNCIONÁRIOS DAS EX-COLÓNIAS

«9 — Um projecto de dec.-lei emanado do mesmo Ministério anula as penas disciplinares impostas aos servidores civis do Estado e dos corpos administrativos por factos decorrentes da situação criada pela ocupação do então Estado Português da Índia pelas Forças Armadas da União Indiana, em Dezembro de 1961, à semelhança do Decreto-Lei n.º 727/74 que aplicou idêntico regime a militares.

«A anulação depende do requerimento do interessado, e é da competência do Ministro do Departamento de que dependia o servidor punido. Além de se anular o registo da pena, será o funcionário requerente reintegrado nas suas funções, caso tenha sido demitido ou aposentado compulsivamente, com respeito das expectativas legítimas de promoção que não se efectivaram por efeito da punição.

«10 — Um projecto de decreto-lei emanado do Ministério da Justiça estabelece disposições quanto à intervenção dos tribunais portugueses no cumprimento de penas de indivíduos condenados em territórios das antigas colónias antes da independência. Pertence ao tribunal da comarca onde se encontra a cumprir pena o recluso condenado em território das ex-colónias, antes da independência, a competência atribuída por lei ao juiz do processo, sendo nas comarcas de Lisboa e Porto tal competência atribuída ao tribunal criminal.

«O director do estabelecimento prisional onde se encontrar o réu remeterá ao tribunal competente, no prazo de 10 dias a contar da entrada em vigor do novo diploma, certidão da decisão condenatória e quaisquer outros elementos processuais que constem do processo individual do réu ou dos registos da cadeia.

«11 — Um decreto-lei conjunto emanado dos Ministérios da Justiça e do Comércio Interno amnistia o crime de especulação, previstos e punido nos artigos 24 e 25 do Decreto-Lei n.º 41204, quando cometido por dirigentes ou gestores de cooperativas agropecuárias, suas uniões e federações, ou outras pessoas que, pela sua actividade nas referidas instituições tenham tido intervenção nesses actos, quando praticados ao abrigo de autorizações do Governo ou seu agentes.

OBRIGAÇÕES DO TESOURO

. . .«12 — Dado que os investimentos públicos poderão ser financiados pelos investidores financeiros institucionais, devendo ser-lhes dada a possibilidade de acesso a títulos de Estado quando pretendam fazer a aplicação das suas reservas, entendeu-se ser conveniente reservar para esse efeito um adequado montante de obrigações susceptíveis de subscrição.

«Com tal finalidade autorizou-se a emissão de um empréstimo interno amortizável, denominado 'Obrigações do Tesouro, 7 1/2 por cento — 1976, 1.ª emissão — Plano de Investimentos Públicos', até à importância de 500 mil contos, cujo produto se destina ao financiamento de investimentos públicos.

«O serviço relativo ao empréstimo fica a cargo da Junta do Crédito Público.

«O juro das obrigações será a 7 1/2 por cento ao ano, pagável aos semestres em 15 de Maio e 15 de Novembro, vencendo-se o primeiro juro em 15 de Maio de 1976. As obrigações deste empréstimo serão amortizadas ao par por sorteio, em dez anuidades iguais, devendo a primeira amortização ter lugar cinco anos depois da data da respectiva emissão.

«Os certificados de dívida inscrita representativos das obrigações emitidas gozam dos direitos, insenções e garantias consignadas no art. 58 da Lei n.º 1933, de 13 de Fevereiro de 1936, e no Art. 22 do Decreto-Lei n.º 43453 de 30 de Dezembro de 1960, bem como da isenção do pagamento do imposto sobre as sucessões e doações.

REGULAMENTO DA PORNOGRAFIA

. . .«13 — Um projecto de decreto-lei do Ministério da Comunicação Social disciplina a exposição, venda e exibição de cartazes, anúnios, avisos, programas, manuscritos, desenhos, pinturas, estampas, emblemas, discos, fotografias, filmes e em geral quaisquer impressos, instrumentos de reprodução mecânica e outros objectos de comunicação audiovisual de conteúdo pornográfico e obsceno.

«De um modo geral, a sua exposição e venda só é permitida, de acordo com o diploma, no interior de estabelecimentos que se dediquem exclusivamente a esse tipo de comércio, devidamente licenciados em termos a regulamentar. Essa medida é ainda proibida a ou por menores de 18 anos.

«Aos filmes que a Comissão de Classificação Etária de Espectáculos Cinematográficos classificar de pornográficos serão aplicadas sobretaxas desestimulantes da sua importação e da sua procura.

«É dever de qualquer autoridade judicial, policial, militar ou administrativa, e faculdade de qualquer cidadão participar a ocorrência de qualquer dos actos proibidos pelo diploma ao Ministério Público, através dos seus agentes ou da Polícia Judiciária.

O novo texto prevê a apreensão judicial imediata dos objectivos que constituam corpo de delito.

Os processos judiciais correspondentes às infracções previstas têm natureza urgentíssima.

EMPRESA PÚBLICA DE CIMENTOS

. . .«14 — Um projecto de decreto-lei, emanado do Ministério da Indústria e Teconologia, cria a empresa pública denominada Cimpor — Cimentos de Portugal, E. P., Trata-se de uma pessoa colectiva de direito público dotada de autonomia administrativa e financeira, com património próprio, definindo o diploma os princípios fundamentais do seu regime jurídico bem como do regime transitório regulador das relações de trabalho. Adopta também medidas tendentes a garantir a prossecução de uma política cimenteira concertada, necessárias em virtude de continuar a existir uma sociedade de direito privado produtora de cimento — Secil — de que apenas foi nacionalizado o capital português.

«A Cimpor, E. P., gozará do exclusivo da produção de cimento, sem prejuízo dos direitos actualmente reconhecidos à Secil — Companhia Geral de Cal e Cimento S. A. R. L. e ao Entreposto Industrial das Ilhas, S. A. R. L. O Estado poderá celebrar contratos com a nova empresa pública com vista ao estabelecimento, por um período determinado, dos objectivos a atingir, dos meios a utilizar e das facilidades a conceder pelo Governo.

«Foram também aprovados os estatutos da Cimpor, que fazem parte integrante do diploma. Procurou-se conceder às diversas unidades fabris a maior autonomia possível, constituindo centros de exploração distribuição e atribuindo aos seus dirigentes os poderes necessários para uma efectiva gestão descentralizada, sem prejuízo da necessária coordenação ao nível central. Esta coordenação será feita no âmbito do conselho de gerência, órgão de que fazem parte os responsáveis pelos centros de exploração.

INTERVENÇÃO DOS TRABALHADORES NA CIMPOR

. . .«Em matéria de intervenção dos trabalhadores na vida da empresa procurou-se garantir-lhes poderes efectivos, quer mediante a sua participação directa no Conselho Geral quer mediante a atribuição de direitos (a indicarem um membro da Comissão de Fiscalização, a designarem, em conjunto com os trabalhadores da Secil, oito membros do Conselho Geral, a indicarem seis membros do Conselho de Gerência, a assumirem a condução directa de actividades da empresa, verificados determinados pressupostos, a sua prévia audição em tudo o que respeite ao seu estatuto e condições de trabalho) que lhes permitam acompanhar a vida da empresa e intervir na sua condução, sempre que o considerem necessário.

«Como órgãos da nova empresa pública funcionarão o Conselho Geral (a quem compete apreciar e votar os planos plurianuais de actividades, o plano anual de actividades e o orçamento relativos ao ano seguinte, bem como o relatório, o balanço, as contas de exercício e a proposta de aplicação de resultados respeitantes ao ano anterior), o Conselho de Gerência (a quem compete o exercício de todos os poderes necessários para assegurar a gestão e o desenvolvimento da empresa, a administração do seu património e a sua representação em juízo e fora dele e que, por força da lei ou do presente estatuto, não sejam atribuídos a outros órgãos) e a Comissão de Fiscalização (a quem compete velar pelo cumprimento das normas reguladoras da actividade da empresa, fiscalizar a sua gestão, acompanhar a execução dos planos de actividade e de financiamento plurianuais e anuais, examinar a contabilidade da empresa, etc.).

«O Conselho de Ministros deliberou ainda nomear, desde já alguns dos membros que integrarão o Conselho de Gerência. Por parte dos Trabalhadores: eng. João Augusto Dias Coelho, eng. Joaquim Dias Cardoso, eng. José António Fialho Costa, eng. José de Lucena, eng. Manuel Joaquim Moreira dos Santos; por parte do Ministério da Indústria e Tecnologia: eng. José Melo Torres Campos, dr. Armope Oliveira das Neves, eng. José Joaquim Toscano Júnior.

DIPLOMA DE ENFERMEIRO

. . .«15 — Um projecto de decreto-lei dos Ministérios dos Assuntos Sociais e da Educação e Investigação Científica estabelece que compete ao Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge a emissão do diploma de enfermeiro a que têm direito as pessoas habilitadas com o curso de enfermagem geral ou equivalente e as habilitava com o curso de promoção a que se refere o Artigo 4.º n.º 1 do Decreto-Lei n.º 440-74 de 11 de Setembro, e regulado pela Portaria n.º 107-75 de 17 de Fevereiro.

«O diploma de enfermeiro, segundo esta lei, constitui o título legal que habilita ao exercício da profissão de enfermagem, seja no Estado e demais entidades públicas, seja nas pessoas colectivas de direito privado.

«O decreto aprova ainda o modelo único de diploma de enfermeiro.

«16 — O Conselho de Ministros iniciou a discussão na especialidade do projecto de decreto-lei dos Ministérios da Administração Interna e da Cooperação relativo à estruturação de um único quadro de adidos, que funde os actuais quadros de adidos, existentes naqueles Ministérios. A discussão continuará na próxima sessão de Conselho de Ministros.»

De 1975 para 1976

Preços subiram em "flecha"

Os preços de consumo em Portugal aumentaram de 5,7 para 20,9 por cento entre Dezembro e Janeiro últimos, enquanto em Espanha passaram de 1 para 13,6 no mesmo período de tempo.

A Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (O. C. D. E.) declarou hoje que os preços de consumo aumentaram 0,8 por cento em Janeiro nas principais nações industrializadas ocidentais, comparado com o aumento de 0,5 por cento em Dezembro passado.

Os números, baseados em informações fornecidas pelos 24 Governos membros, mostravam que a Finlândia tinha a taxa de inflação mensal mais elevada com dois por cento, seguida pelo Japão com 1,9 por cento.

A percentagem mensal dos Estados Unidos era de 0,2 por cento — a mais baixa dos 24 países.

O aumento mensal dos nove países do Mercado Comum europeu era de um por cento comparado com 0,7 em Dezembro.

post scriptum

A caminhada de traição ao povo angolano

Para os habitantes (europeus) da pequena vila de Teixeira de Sousa — vila perdida, algures, nos confins do Leste Angolano — a noite de Natal de 1966 foi uma noite de tragédia: um numeroso grupo de nativos, vindos das matas vizinhas, atacou a vila pela calada da noite.

Na vila já se esperava pelo ataque. Inconfidências de alguns trabalhadores negros tinham posto os europeus de sobreaviso. O quartel do exército português, por sim ou por não, tinha sido posto de prevenção.

O grupo entrou na vila pela madrugada, fazendo uma barulheira dos diabos. Um agente da Pide, armado em herói, pôs-se à entrada, de metralhadora em punho, a fazer frente ao ataque. Ficou feito em pedaços. As primeiras casas começaram a ser saqueadas. Numa delas residia um indivíduo que em tempos tinha praticado atletismo no Sporting. Escondeu a mulher e a sogra no sótão e saiu para a rua. Ao vê-lo, os negros correram logo para ele a fim de o agredirem, mas ele, que tinha o pé ligeiro, começou a correr em direcção ao quartel, levando os negros na peugada. Chegado junto da sentinela, obedecendo a uma ordem desta, atira-se para o chão. E nesse mesmo instante começa a fuzilaria. Quando a manhã surgiu, mais de duas centenas de corpos juncavam o chão. Manchas de sangue escarlate salpicavam aqui e ali a verdura do capim. E um silêncio muito grande pairava sobre tudo. Do espólio de guerra faziam parte espingardas (poucas), algumas zagaias, catanas e amuletos para tornarem os corpos invulneráveis às balas dos «tugas».

E foi desta maneira que o dr. Jonas Malheiro Savimbi fez a sua entrada no teatro da guerra angolana. Antigo estudante de uma missão católica, não teve qualquer problema de consciência em planear o ataque para a noite de Natal; doutorado em ciências políticas por uma universidade suíça, não teve pejo de arrastar para a «fogueira» centenas de compatriotas seus que não possuiam um mínimo de preparação militar nem tinham armamento apropriado. Foi assim, naquela noite de Natal de 1966, que o dr. Savimbi iniciou a sua longa caminhada de traição ao povo angolano.

Tem-se falado muito, ultimamente na decisão de Savimbi de recomeçar a guerra de guerrilha. Há jornais que falam do assunto com grande publicidade; há pessoas que esfregam as mãos de contentes. Pela nossa parte achamos que está absolutamente certo. Pela primeira vez Savimbi é coerente consigo próprio. Ele não lutou pela libertação de Angola. Lutou, sim, contra a influência soviética em Angola, em África, no Mundo. Ora, nesta altura, há muito mais razões a empurrarem Savimbi para o combate».

Luís Rocha — Évora

Já não temos segurança

Não posso aceitar nem compreender como surgiu em Portugal a onda de violência a que todos vimos assistindo desde a alguns meses a esta data. Os nossos filhos e até nós próprios já não temos segurança nem tampouco o espírito despreocupado. Com que tranquilidade vai uma mãe trabalhar, sabendo que o seu filho ou filha, ficam em casa ou se deslocam para as escolas, pelos seus próprios meios, tendo para isso de enfrentar o «gangsterismo» citadino?

Foi o caso daquela menina de 14 anos apenas que às 8 horas se dirigia, a pé, para o anexo do Liceu Rainha D. Leonor, em Alvalade, e foi raptada por dois bandidos que a obrigaram a meter-se no carro e a transportaram para parte incerta, tendo sido encontrada, passadas algumas horas gravemente ferida e violada.

E as pobres crianças de 4, 6 e 8 anos, e menos, que por vezes dão entrada nos Bancos dos Hospitais, por terem sido encontradas em estado idêntico? Não restam dúvidas de que a sociedade está enferma, e se os depravados sexuais já não têm recuperação só temos uma coisa a fazer: pedir às autoridades que tomem as medidas drásticas que a situação impõe.

Graciete Ferreira — Odivelas

É tempo de dizer «basta»

Li no vosso jornal o artigo «Fogo sobre Melo Antunes» e começo a pensar: a quem estorvará Melo Antunes?

Por todo o lado se lê e se ouve críticas à posição de Melo Antunes. Não estarão esses senhores ainda satisfeitos com o que fizeram? Quem lhes deu esta liberdade, de tudo e todos atacarem? Todos nós sabemos que foi o 25 de Abril. E Melo Antunes faz parte do 25 de Abril, assim como Costa Gomes. Sabemos muito bem que a direita não descansa enquanto não arrumar com todos os homens que fizeram o 25 de Abril. Começou pelos mais progressistas, e, sucessivamente, tem conseguido pô-los fora do processo. Parece-me bem que tentam arrumar a casa, antes da festa, que para eles serão as eleições. E nós, que fazemos nós. Ficaremos a assistir?

É tempo de dizer basta. E não permitir que arrumem os progressistas que ainda se mantêm no Poder.

Maria F. R. Duarte — Lisboa

NO TRIBUNAL DE BRUXELAS

FEMINISMO "BRANCO" DENUNCIADO POR MULHERES DO TERCEIRO MUNDO

DINA NASCETTI

BRUXELAS (I. P. S.) — Acabou-se a época da festa ajuizadinha com um ramo de flores. As mulheres do mundo ocidental bailaram e cantaram nas praças. As feministas, embora não tenham demolido ainda a Bastilha, arrombaram-lhe os portões. Durante anos, martelaram os ouvidos dos bem-pensantes com os seus discursos inconvenientes. E começaram a ter peso. Deste modo, se festeja em toda a Europa Ocidental o dia 8 de Março, proclamado Dia Internacional da Mulher. Da mulher, em homenagem àquele dia de 1900 em que 129 operárias morreram num incêndio numa fábrica de Nova York porque o patrão, para sufocar a sua greve (uma das primeiras batalhas femininas) fechou as portas do edifício condenando-as à fogueira. Desde aquele dia 8 de Março que tal data se converteu para as mulheres de todo mundo num símbolo de luta.

Mas em Bruxelas, onde o Tribunal Feminista realizou a sua primeira sessão, o abismo entre o mundo desenvolvido e o subdesenvolvido fez-se sentir também na questão feminina, e a denúncia das mulheres de cor e das deserdadas do Terceiro Mundo foi violenta contra as «brancas».

«Protesto contra este tribunal que quer julgar os crimes cometidos contra as mulheres e não convidou as mais oprimidas de todas, as imigrantes de cor que trabalhavam nos países europeus. Protesto contra o movimento feminista branco, burguês, classista, protesto sobretudo contra os grupos ingleses e franceses que aceitam e colaboram na exploração das suas irmãs negras e indianas, pagas com salários de fome, isoladas, aterrorizadas, que lavam as suas sentinas e os seus pavimentos, e cujo problema essencial é a sobrevivência para elas, seus filhos e seus homens».

A rapariga indiana que gritava a sua desilusão na cara das companheiras europeias, culpou, uma vez mais, este tribunal que julgou sobretudo (e inconscientemente) os abusos contra as mulheres privilegiadas, brancas, burguesas, cultas. Apesar da resistência das feministas estadunidenses, todas elas ganhas para a concepção da «self-help» (auto-ajuda), o tribunal acabou por se converter num acontecimento que foi muito além do feminismo.

«Estamos aqui para nos conhecermos como mulheres, mas já é tempo de acabar com as lamentações individuais, o tempo da autoconsciência já passou», diz uma rapariga espanhola. «Queremos utilizar este acontecimento para pedirmos a solidariedade das outras mulheres: estamos aqui, não como feministas, mas como perseguidas políticas», acrescentou uma mulher chilena.

Se os grupos ingleses, norte-americanos, alemães e belgas eram os mais numerosos, a força das minorias transformou este tribunal num acontecimento político mais importante e mais doloroso. «Consideraremos que este tribunal é uma burla — continua a dizer a rapariga indiana — um jogo inútil entre senhoras, se das suas resoluções não sair o compromisso assumido por todas as brancas em particular e participar e apoiar a luta de classes das operárias, das criadas, das lavadeiras, das desempregadas negras que vivem nos seus países em condições de miséria desumana.

Entre as duas mil mulheres só esta rapariga indiana representava as trabalhadoras de cor imigrantes da Europa. Do mesmo modo só uma índia dos EUA veio pedir ajuda às europeias. «Vivi 25 anos numa reserva, consegui sair de lá para ir viver num bairro miserável de Washington. Matei um homem de 62 anos, branco conhecido pela polícia como violador de crianças. Procurou violar o meu filho de sete anos, que conseguiu escapar, mas pouco depois assaltou e violou uma garota de seis. O júri do tribunal norte-americano, composto totalmente de homens brancos, considerou-me culpada como mulher, como índia, como mãe. Ajudem-me»

Estava também presente uma bela aborígene australiana, que falou no genocídio do seu povo. Havia uma negra norte-americana que contou às europeias emudecidas o que significa ser mulher, negra, mãe e só em Los Angeles: «Tinha um marido que gastava o dinheiro para parecer homem numa sociedade em que só se acredita nas coisas, isto é, no automóvel, na roupa. Deixou-me com três filhos: passei a recorrer à assistência pública. O que quer dizer que não posso viver com outro homem, sob pena de perder a subvenção. Todos os meses vem uma gentil senhora branca revistar a casa, em busca de rastro de homem e bastou que um vizinho, pai de seis filhos, cortasse a erva no meu quintal para que não me dessem um centavo durante dois meses.»

Aborto livre, salário para o trabalho doméstico, oportunidades de trabalho, novas leis contra a discriminação sexual são temas que tomaram outra dimensão ante este tribunal, no meio destas representantes da verdadeira e durissima codição humana.

Apenas cinco mulheres — uma iraniana, duas chilenas, duas indianas, todas elas refugiadas políticas na Europa — levaram para o tribunal outra batalha: a batalha pela libertação dos presos políticos dos seus países. Disse a iraniana, que vive em Paris: «Entre os 45 mil presos políticos que se encontram nas monstruosas prisões do Xá, há quatro mil mulheres, submetidas a torturas terríveis por pertencerem a grupos de esquerda. Pedimos a este tribunal que julgue este crime monstruoso e intervenha concretamente para que em todo o mundo se saiba quem é o Grande Xá, o dono do petróleo.»

Disse uma das raparigas indianas, muito jovem: «Estive na prisão durante dois anos em Calcutá, porque pertenço a um grupo de esquerda. Basta ser suspeito de tal para acabar na prisão. Fugi para Paris, onde procuro dar a conhecer ao mundo o que se passa no meu país: há, pelo menos, mil raparigas de esquerda que continuam na prisão. A nós não nos interessa o feminismo. Na União Indiana, há grupos desses, mas são constituidos por senhoras da boa sociedade. Em compensação, as mulheres indianas combatem como podem. Vocês não sabem nada disso, mas há frequentes greves de donas de casa que ocupam as praças das cidades para protestarem contra a fome.»

Também uma das chilenas, que agora vive em Londres, esteve um ano nas prisões de Pinochet: «O nosso desespero é grande. Há, pelo menos, duas mil mulheres presas no meu país por motivos políticos. Mas eu aqui peço ajuda para todos os presos, mulheres e homens. Quando uma pessoa é torturada, tanto sofre se for mulher como se for homem. Este tribunal é feminista, e o feminismo está na moda, as mulheres fazem barulho e são ouvidas. Nós utilizamo-lo para pedir ajuda.»

MEMÓRIAS DE MUHAMMAD ALI

O DINOSSAURO MISSIONÁRIO

JEAN-MARC THÉOLLEYRE

O MAIOR... Este é o título do livro que nos chega da América. Confissão? Sim, se a palavra convier a tantos sentimentos expressos, misto de furor e de ternura, de revolta profunda e de impulso na direcção de uma fraternidade procurada, de militantismo e de ingenuidade, de intimidade e de vida pública. O Maior traz consigo um sabor a suor e a sangue, a riqueza insolente e a profunda miséria. É o ar da arena. Mas a arena não se limita ao «ring». É a vida na América do **blackjack**, das máquinas de moedas, do loto. É também a vida das recordações dos linchamentos do Sul, avivada pelos homens do Ku Klux Klan, sempre presentes, sempre ferozes. Ela é, para Muhammad Ali, a verdadeira arena, **aquela em que se dá o combate pela liberdade dos negros da América.**

Ele entrou nela muito antes da recusa do serviço militar, a 28 de Abril de 1967, por ocasião da guerra do Vietname. Falou-se tanto na condenação a cinco anos, na retirada da licença de «boxeur» na perda do título de campeão de pesados. É isso que ele hoje quer que se saiba, ao contar o seu nascimento e a sua juventude em Louisville. Ao assumir o facto de ter sido — porque o sente hoje profundamente — um «menino de bairro de lata», mesmo que, materialmente, isso não tenha sido verdade.

No entanto ele também foi o «bom preto, o bom negro». Nesse tempo parecia inimaginável que um dia de 1968, no México, Tommy Smiths e Carlos Jones, com medalhas olímpicas americanas, lançassem de um «podium» a saudação do «poder negro».

Muhammad Ali, que recorda o acontecimento, quereria mostrar que foi um precursor? Também ele foi campeão olímpico. Em Roma, tinha então dezoito anos. Levou para Louisville a sua medalha de ouro. Cobriram-no aí nessa cidade em que, segundo ele, só o «whiskey» e os cavalos de corrida têm valor, de honrarias e de aclamações. Ele descobria então o ar indisposto dos seus aduladores brancos, **quando se davam conta de que tinham de homenagear um preto.** Em 1964 pertencerá ao país do Islam de Elipah Muhammad, homenzinho de essência divina que desafia a raça branca. Nessa altura já ele atirara para o Ohio a medalha de ouro de Roma. Mas quer ser sempre o «campeão», um campeão segundo o seu coração.

O ADEUS AO TIO TOM

Isso significa que ele nunca mais fará o jogo, não será mais um desses «tios Tom» como viu, tantos. Já não pquer descobrir, do alto de um «ring», os empresários brancos e milionários que ficam com 50 por cento de todos os seus ganhos, piscando o olho às amiguinhas, como se lhes dissessem **Este é o nosso cavalo.** Não quer ouvir mais vezes um padre agradecer a essas pessoas **a ajuda que dão à sua alma de Negro.**

Até aí tudo parecia correr bem. Em Roma durante a guerra-fria, um russo perguntara-lhe como é que os negros eram tratados nos Estados Unidos. Ele, que nessa altura ainda era «tio Tom», respondeu: **A América é o melhor país do mundo incluindo o teu.** Conserva dessa frase, e mais ainda do modo como foi explorada, uma terrível recordação.

Tinha que se ilibar de tudo isso, como de um pecado cometido por fraqueza, ignorância, e conivência. Fá-lo com a sua imodéstia característica,

Continua na pág. 4

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS, LANIFÍCIOS E VESTUÁRIO DO SUL

MOÇÃO

Considerando:

1.º — Que um dos Princípios dos Estatutos do nosso Sindicato é a independência face ao Estado.
2.º — Que a moção aprovada no dia 1 de Fevereiro em Assembleia Geral é justa e desmascara correctamente o Governo que tem vindo descaradamente a conciliar com o fascismo abrindo as portas à sua actuação terrorista

Decidimos:

a) Os trabalhadores reunidos em Assembleia Geral solidarizam-se com os dirigentes sindicais e repudiam firmemente a ingerência do Governo na vida do nosso Sindicato.
b) Nesta conformidade os trabalhadores deste Sindicato assumirão todas as formas de luta necessárias no sentido de defender intransigentemente o Sindicato contra as manobras intimidatórias do Governo.

— NÃO ÀS MANOBRAS DO GOVERNO!
— VIVA A CLASSE OPERÁRIA!
— VIVA A UNIDADE DOS TRABALHADORES!
— O FASCISMO NÃO PASSARÁ!

NOTA: Esta moção foi aprovada por maioria com três abstenções.

Lisboa, 8 de Março de 1976

Geral

O DINOSSAURO MISSIONÁRIO

Continuação da pág. 3

o excesso, a rudeza por vezes fabricada. Mas nem por isso deixa de sentir rancor e até uma espécie de ódio por aquilo que foi, por aquilo que fez. Não se está longe do convertido que, de súbito, sente horror pelo seu pecado de outrora.

Um psicólogo teria bastante que fazer com tal personagem. Ei-lo passeando a sua auto-suficiência no carro vermelho, novinho em folha, que acaba de comprar, declamando «poemas» que dizem respeito às suas próprias virtudes, às suas atitudes futuras, e, mais ainda, às derrotas sempre prometidas aos outros, onde ele quiser, quando ele quiser, como ele quiser. É ele mesmo que, mais adiante, dirá, sem fazer batota, o que sabe da derrota, e como as pessoas se sentem «nuas e geladas». É ainda ele que nos conta os seus choques com os Brancos do Sul, sempre que quiz lutar contra a sua lei de segregação. Quadros de noites implacáveis em que se vê passar o ódio, a necessidade de matar num ruido de correntes manejadas como laços, por perseguidores com nostálgicos capacetes da Wehrmacht.

Sabe-se que outros negros como ele aceitaram essa América puritana e feroz. Ainda são «tios Tom». Entre estes, Muhammad Ali. Silva, Ray Sugar Robinson, Joe Louis, Kid Chocolate, Henry Armstrong, Sonny Liston. E, claro está, Joe Frazier, e George Foreman, os dois com quem lutou, quando, depois de 1970, o Supremo Tribunal anulou a sua condenação por recusa de fazer o serviço militar, e pode voltar ao «ring». Ele censura-lhes, mais ainda que aos outros, o facto de não terem sabido evitar as armadilhas que a ele o obcecam. Escravos, aceitaram a escravatura celebrando o senhor. Por que agitou Foreman, no México, a bandeira americana? Não percebia que o mandavam fazer isso porque convinha ser um negro a fazê-lo?

«FECHEM-LHE A BOCA»

Transformar-se em tese-autobiografia? Aqui e além dá essa impressão. Como se Muhammed Ali quisesse justificar as suas fanfarronices, as suas provocações, os seus insultos os seus excessos, numa palavra para com todos, Pretos e Brancos, com quem teve de combater. Mas ei-lo a tentar mostrar, senão a demonstrar, o significado de uma tal falta de medida. Não é a esses pugilistas, a esses novos gladiadores, «dinossauros» como ele, que quer mal. Quer mal é a todos os que os «lançam» para que destruam esse Muhammad Ali que se diz «o maior», para que lhe fechem a boca de uma vez por todas, para que dêem de vez cabo dele.

Ora como Muhammad Ali participa nas lutas do povo, se interessa pelo progresso do povo, faz «box» e dança para os pequenos, pretos ou não, para os prisioneiros, os vagabundos, os proletários, que o consideram um «filho pródigo», a sua derrota significaria a derrota dos proletários, dos vagabundos, de toda a pobre gente **que não tem trabalho nem renda a pagar.**

Assim raciocina e se justifica esse que quiz provar que **numa profissão conhecida antes de mais pelo seu aspecto brutal e sanguinário, um homem pode ser dotado de nobreza e de dignidade.** Muhammad Ali sabe cuidar da sua imagem. É quase irritante. Essa proclamação não mascarada de ser um missionário, o dinossauro missionário... E depois os factos estão ali, gritos que ninguém inventou. O Branco que no dia da vitória de Ken Norton, em 1973, berrava para o vencido, para o seu nariz desfeito, para o seu queixo partido: «Vencemos-te, grande porcalhão»!

Como pô-lo então no seu verdadeiro lugar? Ele diz que teve por interlocutores Jean-Paul Sartre e Bertrand Russel, e, entre os chefes de Estado, Charles de Gaulle e Kadhafi. Não o diz por vaidade. E é capaz de fazer humor. Por exemplo, essa maneira de lembrar que disse a Russell: **Você não é tão idiota como parece.** Não sabia com quem estava a falar. A ternura também está presente, na infância, com a mãe a quem chamavam «Bird» e o pai, que pintava crucificações que arrancavam lágrimas às pessoas. Ternura ainda, do homem, por Sonji, a sua primeira mulher, por Belinda, a segunda. E depois o «box» os seus truques traiçoeiros, esse mercado em que tudo se faz — pelo menos àquele nível — a golpes de milhões de dólares. Os contratos, a selva. Está-se longe dos «gentlemen» do «ring». Mas que reportagem que repórter também esse «boxeur» que conta como se recebe nas costelas uma luta «carregada de TNT» de Foreman, como o embate quase explosivo se dá.

Campeão segundo o seu coração, Muhammad Ali agradece no seu livro a Hezbert Muhammad que é desde 1967 o seu manager. Herbert é o irmão, o conselheiro, o gémeo. Agora terá outro agradecimento a fazer. Deve-o a Richard Durham, pela utilização magistral de tantas confidências, de tantas conversas, para a sua metamorfose numa biografia de grande raça. Com o prémio da restituição desse **mundo dos dinossauros destinados a fazer-se em pedaços sob o olhar de milhões de outros animais instalados em frente da televisão, enquanto as máquinas contam o dinheiro.**

© «Le Monde»

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS DE PANIFICAÇÃO E PRODUTOS ALIMENTARES AFINS DO DISTRITO DE LISBOA

CARTA ABERTA
AO SENHOR SECRETÁRIO DE ESTADO DO TRABALHO

Lamenta este Sindicato que as autoridades competentes continuem sem actuar para impor o cumprimento do estabelecido pela portaria publicada no Boletim do Ministério do Trabalho n.º 47 de 22 de Dezembro de 1975 em matéria de horário de trabalho para o nosso sector.

Por todos os meios são os trabalhadores forçados pelo patronato a começar a trabalhar à hora que muito melhor lhe apraz, àquela que mais convém à sua ganância desmedida, para promover toda a espécie de concorrência apresentando cada patrão o pão o mais cedo e o mais longe que pode e toda a sorte de fraudes sem minimamente se preocupar com os interesses do público consumidor.

— As suspensões, as ameaças de despedimento e mesmo alguns despedimentos de trabalhadores, por se recusarem a cumprir outro horário diferente do legalmente estabelecido.

— A ausência de uma autoridade que, cooperando estritamente com os trabalhadores, imponha o cumprimento do horário e das leis que regulam o despedimento, força-os a ceder à chantagem do patronato, pela necessidade que têm de ganhar o sustento das suas famílias, desrespeitando o horário que na realidade corresponde aos seus interesses.

Todas estas prepotências do patronato, com a conivência das autoridades e a cobertura do Ministério do Trabalho, mais nos fazem recordar os velhos tempos que gostaríamos de ver completamente arredados para os anais da história. A recusa do Ministério do Trabalho em agir, no seu silêncio conivente, procurando refúgio numa legalidade podre, fruto de uma Ordem Jurídica e Social ultrapassada pelo curso do processo histórico, mais radica em nós a ideia de que o Ministério do Trabalho, cada vez mais, vai defendendo os interesses daqueles que desejam o regresso de um passado recente de opressão e de miséria.

DE QUE VALE FAZER AS LEIS, SE DEPOIS NÃO SE FACULTAM OS MEIOS NECESSÁRIOS AO SEU CUMPRIMENTO?

À nossa classe, como a todos os trabalhadores, estão a ser extorquidos todos os seus direitos todas as suas conquistas revolucionárias que só com intensa luta conseguimos obter.

CONTINUAREMOS LUTANDO!

Mas exigimos das autoridades medidas efectivas para imporem aos patrões o efectivo cumprimento da lei.

Exigimos que seja de imediato posto ponto final à recuperação capitalista.

Os despedimentos sucedem-se e vão continuar se não forem tomadas medidas drásticas que os impeçam.

É assim, senhor Secretário de Estado, que se pretende pôr fim ao desemprego?

NÓS RESPONDEMOS NÃO!

NÃO ÀS MANOBRAS DE RECUPERAÇÃO CAPITALISTA!

NÃO À ANARQUIA PATRONAL

SIM AO CONTROLO OPERÁRIO

FIM AOS DESPEDIMENTOS — CUMPRIMENTO DA LEI!

POR UM GOVERNO QUE DEFENDA OS TRABALHADORES!

Aprovado por unanimidade em Assembleia de Delegados Sindicais realizada em 4 de Março de 1976.

Lisboa, 4 de Março de 1976

PELA DIRECÇÃO
A. Coelho da Silva

PUB

COMUNICADO

Para conhecimento de todos os trabalhadores, abaixo se transcreve o ofício dirigido em 9 do corrente ao secretário de Estado do Trabalho relativo à luta dos trabalhadores da «Firestone».

««Exmo. Senhor
Secretário de Estado do Trabalho
Ministério do Trabalho
Praça de Londres
Lisboa - 1

Em resposta ao despacho do secretário de Estado do Trabalho de 8.3.76, dizem os sindicatos representativos dos trabalhadores da Firestone:

Considerando que, ao propor a constituição da comissão paritária prevista na cláusula 75 do A. C. T., a Secretaria de Estado do Trabalho está a ignorar todas as diligências desenvolvidas pelos trabalhadores desde Julho de 1975 no sentido de obter a resolução do diferendo por acordo das partes e, nomeadamente, a comissão paritária constituída na reunião efectuada em 5 de Março último que não alcançou qualquer resultado (a não ser que o Ministério do Trabalho ignore a acta da referida reunião pelo facto de ter o timbre do Ministério das Corporações e Segurança Social).

Considerando que, é aos trabalhadores e aos seus sindicatos que cabe decidir das formas de luta que tenham por bem adoptar face ao patronato e não ao Ministério do Trabalho impor ou sequer sugerir os termos dessa luta.

Considerando que, o recurso à mediação ou arbitragem não é aceite pela administração como claramente o fez na reunião do dia 5 de Março último e é afirmado nos próprios considerandos do despacho de 8.3.76,

Considerando que, o diferendo resulta da interpretação do A. C. T. e da P. R. T. de 21.6.75 emanada desse Ministério, circunstância que impõe a esta entidade, uma tomada de posição imediata e inequívoca sobre o assunto.

Considerando que, a forma como a administração processou o pagamento dos retroactivos além de ilegal é manifestamente injusta

DECIDEM:

1 — Repudiar vivamente o despacho do secretário de Estado do Trabalho por ser uma manobra demagógica, autoritária e dilatória da resolução do problema em causa.
2 — Apoiar a justa luta dos trabalhadores da Firestone na defesa dos seus direitos e interesses imediatos.
3 — Exigir uma imediata tomada de posição do Ministério do Trabalho quanto à legalidade do pagamento dos retroactivos efectuados pela administração.
4 — Responsabilizar o Ministério do Trabalho por todas as consequências da sua passividade e submissão às propotências da administração.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Química do Sul
Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal
Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e Ofícios Correlativos do Distrito de Setúbal
Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa
Sindicato dos Engenheiros do Sul
Sindicato dos Electricistas do Sul
Sindicato dos Químicos de Lisboa
Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra do Sul e Ilhas Adjacentes
Sindicato das Garagens de Lisboa
Sindicato dos Serviços de Portaria, Vigilância e Afins
Intersindical Nacional

Lisboa, 9/3/76

Nacional

A ordem por que os partidos políticos aparecerão nas listas foi ontem apurada em Lisboa. Eis um momento do sorteio

P.R.T. (trotsquista) 14.º concorrente às eleições de Abril

«Ao cumprir os requisitos exigidos pela lei para se legalizar, o objectivo do partido é o de poder participar nas eleições para a Assembleia Legislativa» — diz o P. R. T., Partido Revolucionário dos Trabalhadores, num comunicado ontem emitido para os órgãos de Informação. — «Nesse sentido foram já apresentados os processos de candidatura a deputados em quatro círculos eleitorais: Coimbra, Lisboa, Porto e Setúbal; (...) A exiguidade dos prazos estabelecidos não permitiu organizar a candidatura por mais círculos eleitorais.»

. O P. R. T. é a segunda organização política trotsquista a entrar na cena política portuguesa, depois da L. C. I., Liga Comunista Internacionalista, e antes de outras mais ou menos dispersas e ainda sem existência legalizada nos serviços competentes. Fundada em fins de 1974, tem tido até agora uma existência relativamente discreta, desenvolvendo escassa actividade que se resumiu a alguns comícios e sessões, para além da emissão irregular de comunicados. Observadores pensam que se trata de uma organização sem grande apoio social, sendo no entanto de reconhecer que conta com uma base relativamente numerosa no meio escolar, mercê da acção desenvolvida pela Aliança Socialista da Juventude e pelo seu jornal «Combate Socialista». A grande maioria dos filiados e simpatizantes do P. R. T. são jovens.

O partido ainda não tornou públicos os nomes que integram as listas pelos referidos círculos, mas admite-se que delas façam parte principalmente estudantes e operários. Lembra-se que, quando do seu «lançamento» público, o P. R. T. preconizava, nas paredes de Lisboa pelo menos, uma aliança entre os dois principais partidos com representação operária, o P. C. P. e o P. S., e central sindical única de trabalhadores, a Intersindical. Posteriormente, o P. R. T. alinhou com as forças de esquerda revolucionária numa idêntica atitude (de crítica) face ao P. S. Não tendo entrado na F. U. R., emitiu oportunamente um comunicado declarando aderir ao espírito da plataforma de 25 de Julho que a lançou. Nos últimos meses tem tido uma existência discreta.

«A denúncia do significado do pacto M. F. A.-Partidos contra a ofensiva da burguesia sobre as conquistas económicas, sociais e políticos do movimento operário popular; pela democracia operária nos sindicatos e nas comissões de trabalhadores, pela democratização da Intersindical e por um congresso democrático dos sindicatos; pelo desenvolvimento e centralização das comissões de trabalhadores, para fortalecer o controlo operário nas fábricas e nas empresas, pela realização de um congresso nacional das comissões de trabalhadores que lance a planificação da economia e consolide o poder dos trabalhadores» — são alguns dos pontos programáticos adiantados pela organização em vésperas da campanha eleitoral.

PARTIDOS SORTEADOS

Realizou-se ontem à tarde no gabinete do juiz corregedor da 1.ª Vara Cível de Lisboa (no Palácio da Justiça) o sorteio dos 14 partidos inscritos nas eleições para a Assembleia Legislativa e para determinar por que cada um aparecerá na lista concorrente por este círculo. O primeiro lugar coube à U. D. P.. Em segundo ficou o P. C. P., e a seguir, nas listas, deverão aparecer os símbolos e as siglas dos restantes: P. C. de P. (m-l), P. P. D., F. S. P., P. R. T., P. P. M., L. C. I., P. S., M. E. S., M. R. P. P., A. O. C., C. D. S. e P. P. D.

Sorteios idênticos realizaram-se em todos os círculos do Continente e das Ilhas, desconhecendo-se ainda os resultados.

OS SÍMBOLOS EM QUESTÃO

Entretanto, não se sabe ainda se o M. R. R. P. poderá ou não participar na campanha eleitoral, por causa da identidade entre o seu símbolo e o do P. C. P. Uma disposição em vigor impede que qualquer organização utilize os símbolos de outra na sua propaganda.

Dúvidas ainda levantam-se em torno do P. C. de P. (m-l), que usa uma sigla igual à do P. C. P. e do M. R. P. P.

Por último, continua por resolver a questão que se levanta em torno do P. D. C. Segundo uma disposição aprovada na Constituinte, mas ainda não em vigor, nenhuma organização política pode designar-se com nomes alusivos a confissões religiosas. A questão deverá ser resolvida pelo Conselho de Ministros.

MELO ANTUNES A RUPHIA BANDA

Reconhecimento da R.P.A. obedeceu ao respeito pela autodeterminação do povo

«A decisão recente de reconhecer a República Popular de Angola obedeceu ao respeito mais estrito pela autodeterminação do povo angolano e pelos interesses nacionais dos dois povos, mais duráveis que as conjunturas e as marés políticas» — afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros, major Melo Antunes, no jantar que ontem ofereceu no Palácio das Necessidades ao seu homólogo zambiano, dr. Ruphia Banda, que se encontra em visita oficial ao nosso país.

Referindo-se ainda à questão angolana Melo Antunes afirmou que o reconhecimento da R. P. A. foi a melhor forma de «garantir para o futuro a melhor cooperação e amizade entre os dois povos, tão ligados na História, na cultura e no sangue». «Pensamos além do mais» — disse — «que só permitindo à República Popular de Angola a maior diversificação possível nas suas relações externas, contribuiremos efectivamente para que este Estado possa seguir a linha de independência e não-alinhamento tantas vezes proclamada pelos seus dirigentes e contrariar quaisquer tentativas de hegemonia por potências exteriores à África.»

. Antes o ministro Melo Antunes havia feito um rápido balanço das relações luso-zambianas antes da queda do fascismo, regime a que se referiu dizendo: «Não espanta que o regime que violentamente reprimiu o povo português vivesse também da opressão e exploração dos povos das colónias. Eram duas faces do mesmo sistema, a que se chamou o colonial-fascismo. Daí que o povo português rejeitasse, e de nenhum modo sentisse como sua, ou assumisse como empresa nacional, tal guerra condenada. E isto convém hoje que seja lembrado.»

. Falando depois sobre o processo de descolonização de Angola, o ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou ainda: «Portugal, recusando-se firmemente a servir de correia de transmissão de quaisquer interesses imperialistas, procurou, em conjunto com os três movimentos de libertação à data internacionalmente reconhecidos, encontrar uma plataforma política que permitisse encaminhar Angola para a sua plena independência, em paz e sem quaisquer ingerências dos grandes interesses mundiais.»

A terminar Melo Antunes referiu a dívida do Portugal pós-25 de Abril para com a Zâmbia, afirmando: «Muito devemos desde então à Zâmbia e ao seu presidente, dr. Kenneth Kaunda, ao seu humanismo universalista, à sua profunda compreensão da África e ao seu conhecimento dos fenómenos de transição pós-colonial.»

O ministro Banda, que chegou ontem a Portugal, deslocou-se esta manhã a S. Bento, onde teve um encontro com o almirante Pinheiro de Azevedo.

MELO ANTUNES NA POLÓNIA

O ministro dos Negócios Estrangeiros, major Melo Antunes, parte depois de amanhã, às 10 e 55 para uma visita oficial de dois dias à Polónia.

A comitiva do ministro Melo Antunes, que será acompanhado pela esposa, é constituída pelo director-geral dos Negócios Políticos, embaixador Magalhães Cruz; pelo adjunto do director-geral dos Negócios Económicos, dr. Silva Marques; pelo chefe da Repartição da Europa-América dos Negócios Económicos; pelo chefe de gabinete, major Gonçalves da Costa e pela adjunta do mesmo gabinete, dra. Maria do Rosário Boleo.

O ministro português permanecerá na Polónia durante os dias 13 e 14.

O último encontro ao mais alto nível entre dirigentes polacos e portugueses verificou-se em Setembro passado quando o general Costa Gomes visitou oficialmente a Polónia. Melo Antunes, que devia fazer parte da comitiva, não se deslocou devido aos acontecimentos verificados em Portugal nessa altura.

Timor volta este mês ao Conselho de Segurança

NAÇÕES UNIDAS, 10 — (R) — Um dirigente da Fretilin declarou ontem esperar que o Conselho de Segurança das Nações Unidas recomeçasse a considerar a situação na antiga colónia portuguesa em 24 de Março.

José Ramos Horta disse, depois de conferenciar com o secretário-geral Kurt Waldheim, que o Conselho podia reconhecer a «legitimidade da República Democrática de Timor Oriental proclamada pela Fretilin, ou a legitimidade do genocídio indonésio».

Horta declarou aos jornalistas que prosseguiam as lutas entre o seu movimento e tropas indonésias. «Os indonésios têm agora cerca de 30 000 fuzileiros e pára-quedistas em Timor Oriental mas controlam apenas 20 por cento de todo o território», afirmou.

A Indonésia, por seu turno, diz que o Governo Provisório, estabelecido no fim do ano passado por partidos favoráveis à integração, detém praticamente o controlo total do território.

Um informador da O.N.U. declarara anteriormente que Waldheim deveria emitir um relatório esta semana sobre as tentativas do seu representante especial, Vittorio Winspeare Guicciardi, para auxiliar a obtenção de uma solução pacífica na disputa.

BISPO DO PORTO RECEBEU MANUEL SERRA

. Manuel Serra, «leader» da Frente Socialista Popular encontrou-se no passado sábado com o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, para recordar os velhos tempos da luta antifascista. Isto mesmo afirmou o dirigente da F.S.P.

Durante o encontro, que durou mais de uma hora, foram analisados a actual situação política e o papel dos católicos e da Igreja na revolução portuguesa. Por ambos foi reafirmada a necessidade e a importância de se construir em Portugal uma sociedade mais humana e mais justa.

PORTUGAL presente na Feira Internacional de Barcelona 1 a 10 de Junho de 1976

O Fundo de Fomento de Exportação está a organizar uma representação do comércio exportador nacional do sector de materiais de construção na Feira Internacional de Barcelona.

Este certame é um dos mais importantes que se realizam em Espanha, sendo visitado por grande número de industriais e público em geral, dado tratar-se de uma feira de amostras que abrange diversos sectores merecológicos.

As firmas exportadoras interessadas em expor os seus produtos no Stand de Portugal no certame em referência deverão contactar «até ao próximo dia 20» a Direcção de Serviços de Feiras e Exposições — Fundo de Fomento de Exportação — Avenida 5 de Outubro, 101 — Lisboa — Telefones 77 77 72 e 77 77 68.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

Sede: — BARREIRO — Rua Miguel Pais, N.º 35 - A
Tel. 207 31 09
Deleg.: — ALMADA — R. Moçambique, 6 - A Cova da Piedade
Tel. 275 11 03
Deleg.: — SETÚBAL — Av. 5 de Outubro, N.º 11
Tel. 042 23 64

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais para uma reunião distrital a realizar na próxima quinta-feira, dia 11-3-76, pelas 14 horas, no Sindicato dos Ferroviários no Barreiro, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — INFORMAÇÕES.

2 — CONTRATAÇÃO COLECTIVA E POLÍTICA SALARIAL.

Nota: As delegações de Almada e Setúbal asseguram aos Delegados Sindicais da respectiva área o transporte em autocarro, com partida pelas 13 h 15 m. Os Delegados devem inscrever-se para este efeito na respectiva delegação.

Barreiro, 5 de Março de 1976.

Pel'A Direcção

Germano dos Santos Madeira

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONSERVAÇÃO, MANUTENÇÃO, REPARAÇÃO E REGULAÇÃO DAS INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS E AR CONDICIONADO ..... Conc. Público n.º 7/76-IE

CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO DO EQUIPAMENTO DOS BLOCOS OPERATÓRIOS E ESTERILIZAÇÃO ... Conc. Público n.º 8/76-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados das 9 às 12.30 horas, na Secretaria do Serviço de Aprovisionamento.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 5 de Março de 1976.

Pel'A COMISSÃO INSTALADORA
a) Jorge Sereno d'Almeida Ribeiro

Nacional

P.C.P. inaugura nova sede em Braga

BRAGA, 10 — O Partido Comunista Português inaugurou agora o seu novo Centro de Trabalho em Braga. As instalações do anterior centro de trabalho do P. C.P. nesta cidade haviam sido destruídas por uma acção de fogo posto no Verão passado num dos momentos mais trágicos da vaga de violência que então varreu a zona norte do País e custou a perda de dezenas e dezenas de sedes principalmente ao P.C.P., mas também a outras organizações de esquerda.

Para participar no acto inaugural do novo Centro de Trabalho deslocou-se do Porto a Braga um dos mais destacados dirigentes do P.C.P., Carlos Costa, membro do Comité Central e primeiro nome da lista de candidatos à Legislativa pelo partido naquele círculo. Carlos Costa proferiu uma breve alocução exprimindo a sua confiança no futuro que aguarda a actividade das forças progressistas tanto naquela cidade e naquele distrito como em todo o País.

O novo Centro de Trabalho fica situado na Rua do Carmo. No acto inaugural estiveram presentes numerosos dirigentes e militantes comunistas locais.

Câmara Municipal do Concelho do Seixal

EDITAL

EUFRÁSIO FILIPE GARCÊS JOSÉ, PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

FAZ SABER que de harmonia com a deliberação da mesma Câmara, tomada em reunião de 19 de Fevereiro de 1976, se recebem propostas, em carta fechada, para adjudicação da empreitada de «Fornecimento de 300 contentores para lixo com a capacidade unitária de 1,1 m3».

A base de licitação é de ..... e o depósito provisório na importância de 3.000$00, deve ser efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência com guias preenchidas pelos concorrentes, tudo conforme Programa de Concurso e Caderno de Encargos patentes na Secretaria dos Serviços Técnicos, onde podem ser consultados em todos os dias úteis, durante as horas do expediente. A abertura de propostas terá lugar na primeira reunião da Câmara que se efectuar, decorridos 20 dias, a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário do Governo», reservando-se a Câmara o direito de abrir a licitação verbal entre os proponentes e ainda o de não adjudicar se assim o julgar conveniente nos interesses do Município, devendo ser selada pelo respectivo proponente a que tiver a adjudicação.

E para conhecimento geral se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho do Seixal, 3 de Março de 1976.

O Presidente da Comissão Administrativa
Eufrásio Filipe Garcês José

OFICINA DE AUTOMÓVEIS

SERVIÇOS RAPIDOS

MANUTENÇÃO E REPARAÇÕES
DE AUTOMÓVEIS DE MARCAS POPULARES

MENDES DE ALMEIDA, S. A. R. L.
AV. 24 DE JULHO, 52
LISBOA TEL. 66 77 94 / 8

SOCIEDADE «ESTORIL»

LINHA DE CASCAIS

AVISO

Para execução de trabalhos de renovação da via, no dia 8, no troço C. Quebrada - Caxias e nos dias 9, 10, 11 e 12 no troço Paço de Arcos - Oeiras, a circulação de comboios, das 10 às 12 horas, far-se-á apenas por uma das vias, com os atrasos daí resultantes.

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, 55-C — LISBOA

Montemor-o-Novo

Bombeiros demitem-se após incidentes

Na sequência de incidentes verificados no passado sábado em Montemor-o-Novo a propósito de uma frustrada reunião da Confederação dos Agricultores de Portugal (C.A.P.) na sede dos Bombeiros o chefe desta corporação, Fragoso Amado, demitiu-se. Solidários, acompanharam-no no acto, cerca de 40 bombeiros.

«Fui apedrejado, insultado e caluniado quando saía do quartel após a tentativa da reunião da C.A.P.» — declarou à Anop o demissionário.

«Como sempre — explicou — o salão dos bombeiros está aberto a todas as organizações, associações e partidos políticos, tendo sido já realizados naquelas instalações encontros e comícios dos mais variados.»

Por sua vez, contactada a P.S.P. de Évora, um responsável foi de opinião que «propriamente não houve incidentes nem alterações da ordem pública. Apenas foi dada protecção aos elementos que se encontravam no interior do quartel dos bombeiros».

O «Jornal de Notícias» afirma estar a reunião da C.A.P. devidamente legalizada: «O Diário» que «alguns trabalhadores agrícolas tentaram dissuadir os agrários na realização da reunião, tendo estes recorrido à agressão física e um deles empunhado uma arma»; «O Dia» que «grupos de manifestantes impediram os pequenos e médios agricultores da região de se reunirem para procederem à aprovação dos estatutos da sua associação».

Refere-se que a C.A.P., com particular implantação na zona de Rio Maior, tem contestado permanentemente a política agrária desenvolvida pelo ministro Lopes Cardoso.

VIANA DO CASTELO

Cinco partidos em acção conjunta

VIANA DO CASTELO, 10 — Cinco organizações políticas de esquerda desta cidade cometeram uma acção conjunta: reuniram para analisar a actuação das forças reaccionárias do distrito. As organização são o P. S., o P.C.P., o M.D.P., o M.E.S. e a F.S.P.

Na sequência da reunião os seus representantes tiveram uma audiência com o governador civil, a quem apresentaram «o seu vivo protesto pelas acções terroristas que desde há meses se desencadearam». A delegação exigiu ao representante distrital do Governo «uma intervenção das autoridades por forma a reprimir os responsáveis, pois muitos dos terrorista são conhecidos, e impedir novas acções através de uma actuação firme das autoridades». O transcrito consta de um comunicado posteriormente emitido em nome das cinco organizações empenhadas na iniciativa.

Em vista às eleições, a delegação pluripartidária manifestou ao governador civil de Viana a sua apreensão por causa do período eleitoral que se avizinha. O governador civil, segundo o comunicado, «prometeu manter e desenvolver as medidas mais eficazes com as forças de segurança ao seu dispor no sentido de assegurar um clima de tranquilidade e de salvaguarda das liberdades democráticas». Mais — diz o texto — «declarou ainda que as forças de segurança estarão prontas a actuar para dissuadir as simples provocações destinadas a criar um clima de intimidação durante a próxima campanha».

PUB

Cerâmica da Beira, Lda.

CONVOCATÓRIA

Convoco V. Ex.ª para assistir à Assembleia Geral desta sociedade a reunir-se nos escritórios da Fábrica da Naia, no dia 27 de Março de 1976 pelas 14 horas com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Discussão do relatório, balanços e contas do exercício findo em 31 de Dezembro de 1975.
2.º — Subscrição de uma quota em nova sociedade a constituir cuja actividade será de Cerâmica e Serração.
3.º — Deliberar sobre quaisquer outros assuntos de interesse para a sociedade.

Não comparecendo número de sócios que atinjam o capital necessário para legalmente se tomarem deliberações, a Assembleia Geral funcionará com qualquer número de sócios, no mesmo dia e local, pelas 16 horas.

Os livros e documentos referentes ao Balanço e contas a discutir, encontram-se à disposição dos sócios, nos escritórios em Tondela, todos os dias úteis durante as horas de expediente.

Cerâmica da Beira, Ld.ª
O GERENTE
José António B. Leitão Amaro

LEILÃO GRAVURAS

ANTIGAS DOS SÉCS. XVI A XIX
MOTIVOS PORTUGUESES E OUTROS
AMANHÃ ÀS 21 H. NA NOSSA SEDE
Av. Duque de Loulé, 1-A encontrando-se já em exposição. 200 gravuras dos seguintes temas e dos séculos XVI a XIX: Ilhas do Atlântico, Lisboa, África Ocidental, Portugal Continental, Costumes, Animais, Inquisição, Retratos, Mapas, África Oriental e do Norte, Angola e Congo, Oriente, Portugal e Espanha e outras diversas, CONSTITUINDO UM VALIOSO E DECORATIVO CONJUNTO QUE SERÁ LEILOADO, pela maior oferta, peça por peça, discriminadas no Folheto em distribuição no local

AFRAFILHOS

Bomba no "Sol" de Vera Lagoa

Cerca das 13 e 10 de ontem, um forte petardo colocado à porta do semanário «O Sol» fez estremecer as instalações do jornal dirigido por Vera Lagoa, no terceiro andar de um edifício da Rua Rodrigues Sampaio.

A directora do semanário desabafa: «Espero que o Conselho da Revolução, que foi tão lesto em suspender «O Diabo», seja lesto a fazer um inquérito a este atentado».

A bomba, de razoável potência, projectou para o interior da Redacção de «O Sol» a porta da entrada e quebrou todos os vidros dos diversos patamares do prédio, do rés-do-chão ao sétimo andar.

Posta a questão «quem terá posto a bomba?», Vera Lagoa responde: **A quem aproveita o crime?**

. A directora de «O Sol» comenta ainda que, se a ideia dos autores do atentado era a sua eliminação física, eles deveriam ter escolhido outra ocasião, já que na altura se encontrava nas instalações, além de vários redactores, um jovem paquete de 12 anos.

«Estou entristecida com o que se passa neste país. É um precedente gravíssimo. Amanhã (hoje) saímos com uma edição especial».

OS JORNALISTAS DO FASCISMO Sindicato pergunta: "Quem se quer proteger?"

«Entendeu a direcção do Sindicato dos Jornalistas denunciar o silêncio que a Comissão de Extinção da ex-P. I. D. E./D. G. S. sempre tem mantido em relação aos sucessivos pedidos que lhe tem feito no sentido de indicar os nomes dos jornalistas de algum modo implicados com as organizações do regime fascista», estas as palavras dos dirigentes daquele organismo numa conferência de Imprensa ontem efectuada para divulgação do relatório circunstanciado das diligências levadas a cabo para desmascaramento de semelhante colaboração e cumplicidade no decurso dos regimes de Salazar e Caetano.

Santos Ribeiro, membro da direcção do Sindicato no Porto, pôs a seguinte questão:

. «Quem se pretende proteger com este silêncio?» e acrescentou que a questão deve ser posta e «as pessoas responsáveis têm que responder».

Depois de outros considerandos, Santos Ribeiro acabou por pedir «a colaboração de toda a classe no sentido de, com a maior urgência, serem feitos no Sindicato os saneamentos que se impõem».

Técnicos de pescas estudam recursos do mar

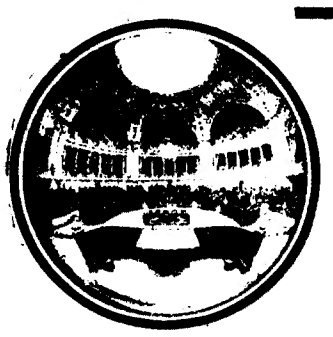
. No prosseguimento da reunião do subcomité para o desenvolvimento da Cooperação com as Organizações Internacionais de Pesca, que faz parte do Comité de Pescas da F.A.O., foram abordados, na reunião de ontem, problemas relativos ao estudo e utilização dos recursos marítimos. Os delegados debruçaram-se, principalmente, sobre dois temas: a forma mais concreta como poderão vir a ser tratados os problemas relativos aos recursos oceânicos, sob a perspectiva do seu estudo e usos; as questões referentes a gestão racional e a transferências tecnológicas em matéria de exploração dos recursos marítimos e, em particular, da pesca.

Espera-se, no seio da reunião, que a próxima Conferência das Nações Unidas sobre Direito Marítimo decida a extensão da jurisdição dos Estados costeiros, sobre recursos vivos, até uma zona económica exclusiva de 200 milhas. Esta zona não pode confundir-se com as águas territoriais de cada país, pois naquela o Estado costeiro não exercerá a sua soberania, limitando-se a dispor de uma espécie de monopólio da exploração dos recursos vivos (peixe) e arcando com os correspondentes direitos de fiscalização e com iguais deveres no que respeita à investigação e preservação do meio ambiente marítimo.

A conclusão dos trabalhos está prevista para sexta-feira.

COMUNA
Teatro de Pesquisa
NOVO HORÁRIO
Às 4.ª, 5.ª, 6.ª e Sáb.
AS 21.30
FOGO!
– 3.º MÊS –
Domingos — Só às 18 h.
PRAÇA DE ESPANHA
(Metro Palhavã)
Tel. 762624

Não pinte os cabelos
USE Restaurador Olex
e os seus cabelos voltarão
à sua côr primitiva
Couto, Lda. PORTO



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

C.R. continua

. Apostada em concluir rapidamente os trabalhos da Constituinte, pois a campanha eleitoral avizinha-se, a assembleia avançou ontem na aprovação de vários capítulos, da Lei Fundamental. Assim, por unanimidade os deputados estabeleceram que o Conselho da Revolução tenha «funções do Conselho de Presidente da República, de garante do regular funcionamento das instituições democráticas, do cumprimento da Constituição e da fidelidade ao espírito da Revolução Portuguesa de 25 de Abril de 1974 e de órgão político e legislativo em matéria militar.» Enfim, o C.R. continua.

DIÁLOGOS

O ponto saliente da sessão de ontem teve lugar com a intervenção do deputado Alfredo de Sousa (P.P.D.). A jogar em termos eleitores aquele deputado visou o P.C.P. — como responsável pela «vaga de contestações no campo social» com o objectivo de «criar mau ambiente social durante as eleições» — e o P. S. Neste último caso considerou «falsa e antidemocrática» a proposta eleitoral do P. S. de «colocar o eleitorado perante a alternativa: ou governamos nós sózinhos ou vamos para a oposição».

«Alfredo Sousa diria a propósito que tal proposta é «falsa» porque «a alternativa para um Governo de inspiração social-marxista não é necessariamente a direita», pois pode ser um Governo social-democrata», o que é «anti-democrática» porque o «P.S. sabe perfeitamente que a esquerda marxista no qual ele se inclui com o P. C. não tem qualquer viabilidade de Governo em Portugal.»

. A Câmara agitou-se. Alguns deputados do P. S. não se contiveram: «fascista», «isso era a política de Salazar», «não queremos capitalistas» — ouviu-se claramente.

O diálogo que depois se seguiu, com pedidos de esclarecimento de alguns deputados e respostas do visado, merecia ser transcrito na íntegra. Como tal não é possível, por questões de espaço, registamos alguns dos passos mais significativos.

José Luis Nunes (P. S.) — Começa por dizer que vai fazer três perguntas. A primeira diz respeito à questão de o seu partido querer governar só. Disse.

Ora bem, na Inglaterra, os camaradas e nossos amigos, camaradas também, em relação a si, do Partido Trabalhista inglês, querem governar sózinhos. Na Suécia, o sr. Olof Palme quer governar sózinho. Na Alemanha o sr. Willy Brandt quer governar sózinho. Em toda a parte os partidos querem governar sózinhos. Portanto eu pergunto: submetendo-nos, como nós nos submetemos, ao jogo eleitoral, a sua afirmação de que o desejo de governar sózinhos é antidemocrático trata-se de uma crença firme ou de uma propaganda política perfeitamente desculpável, se for aceite como tal?

.Sobre a expressão «social-marxismo», que aparentemente irritou demasiado a bancada P. S., **José Luís Nunes afirmou: «Eu li algumas obras do sr. dr. Alfredo de Sousa, antes até de ter o prazer de o conhecer. Conheço graças a si o seu excelente curso de Economia Política da Faculdade de Economia de Lisboa...»**

Vital Moreira (P. C. P.) num aparte: «excelente?!»

.**José Luís Nunes** — ...eu pergunto-lhe se uma pessoa como o dr. Alfredo de Sousa não tem um certo repúdio em usar uma expressão dessas que entra em contradição com todo o seu passado de investigador, cientista e professor, e que efectivamente, mesmo na propaganda eleitoral, o faz de certa maneira caír ao nível que nem a sua obra nem a sua pessoa merecem».

Vital Moreira (Manifesta-se espantado pelo libelo do deputado do P. P. D. contra a política económica do VI Governo). Afirma:

.«Em primeiro lugar qualificou a luta dos trabalhadores pela defesa dos seus direitos, como sabotagem económica. Para além de ser essa a qualificação que todo o bom burguês que se preze atribui às lutas dos trabalhadores, eu queria fazer esta simples pergunta, Sr. deputado: se o aumento dos preços dos bens essenciais, a congelação da contratação colectiva e a falta de apoio a trabalhadores em dificuldades por saneamento de patrões, etc, se não se pode isso qualificar como sabotagem aos direitos e às lutas dos trabalhadores?»

O deputado comunista concluiriaperguntando:«que terrível medo persegue os representantes da burguesia em Portugal? Ou será que sob a capa do perigo, da chantagem e da sabotagem, está uma ameaça sinistra da burguesia reaccionária em Portugal?»

.**Casimiro dos Santos,** o deputado do P. S., trabalhador da U. T. I. C., que havia sido suspenso pela sua posição contra o «esclarecimento» do «grande educador Árnaldo», e figura em penúltimo lugar na lista dos candidatos do seu Partido por Lisboa, perguntou, a propósito da afirmação de Alfredo de Sousa sobre as divisas: «as divisas existentes no País, o dinheiro existente no País é fruto do trabalho da massa explorada deste País, que são os trabalhadores, ou do seu tio rico que está no Brasil, seja o Caetano ou o Tomás?»

E. A.

Augusto da Costa Dias foi hoje a enterrar

. Efectuou-se esta tarde, às 15 horas, o funeral de Augusto da Costa Dias, escritor e militante antifascista, falecido, como noticiámos, ontem de madrugada. A urna saiu da Casa da Imprensa para o cemitério do Lumiar.

Entre as pessoas que ontem velaram o corpo contavam-se o escritor José Gomes Ferreira e o general Vasco Gonçalves.

Augusto da Costa Dias, que foi colaborador do «Diário de Lisboa», fez parte de uma comissão de luta pela liberdade de expressão e foi um dos grandes animadores de um I Congresso de Escritores que o fascismo não permitiu.

A palavra escrita foi para Costa Dias a grande arma contra o fascismo e todas as formas de reacção. Assim, temos os ensaios «A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa», «Nacionalismo Literário da Geração de 90», «Estatística e Dialéctica», «Impossibilidade de o Imaginário Pôr Certas Coisas a Claro», «Pavana Para uma Infanta Defunta», «Itinerário da Guerra Civil: Fábula de Dois Irmãos Desavindos», etc. Igualmente na «Seara Nova» utilizou o seu espírito crítico na desmontagem de todas as manobras da tendência fascista e conservadora. Foi, enfim, um homem com um credo político a que se mostrou sempre fiel.

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

PROFESSORES DE MÚSICA

Convocam-se os professores de música de todos os graus e ramos de ensino da Zona da Grande Lisboa, para um **plenário a realizar no dia 10 de Março, pelas 21,00 horas na Escola Preparatória Eugénio dos Santos (Alvalade).**

A Ordem de Trabalho é:

1) Informações
2) Estudo do processo de eleição dos professores que farão parte da Comissão de Música, conforme acordado com o Secretário de Estado da Orientação Pedagógica em audiencia de 12/2/76.

A COMISSÃO DIRECTIVA

PUB

SINDICATO LIVRE DOS PINTORES DA CONSTRUÇÃO NAVAL E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO DISTRITO DE LISBOA E SETÚBAL

Rua do Arsenal, 84, 2.º, D. — Telefone 32 31 61
LISBOA-2

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os associados para uma Assembleia Geral a realizar no refeitório da H. Parry & Son, em Cacilhas, no próximo dia 14 do corrente (Domingo), pelas 9.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º INFORMAÇÕES;
2.º RESULTADO DA VOTAÇÃO SOBRE A INTEGRAÇÃO NOS METALÚRGICOS;
3.º COMPARTICIPAÇÃO À INTERSINDICAL.

NOTA: A Assembleia funcionará decorridos 30 minutos após a hora marcada, com qualquer número de sócios.

— É INDISPENSÁVEL A APRESENTAÇÃO DO CARTÃO DE ASSOCIADO.

Lisboa, 8 de Março de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Maria Marques de Oliveira Velho

Pel'A DIRECÇÃO
Alvaro Joaquim Pereira Farinha

Trabalho

Trabalhadores da J.N.P.P. solidários com a política da direcção suspensa

«É sem dúvida mais um saneamento à esquerda, entre muitos que, a variados pretextos e revestindo fórmulas diversas, têm vindo a ser praticados no âmbito do Ministério do Comércio Interno». Assim classificam a suspensão da Direcção da Junta Nacional dos Produtos Pecuários os elementos do Conselho Geral de Trabalhadores deste organismo oficial.

«Os trabalhadores — acrescentam-nos — estão solidários com a política seguida pela Direcção actualmente afastada, pois ela atendeu sempre à defesa dos interesses dos pequenos e médios agricultores e criadores de gado, ao desenvolvimento harmonioso da Reforma Agrária e à abolição, nos circuitos comerciais, dos intermediários parasitas. Ao contrário, assiste-se agora a nova e descarada ofensiva desses parasitas especuladores.»

A Direcção da J. N. P. P. foi suspensa por despacho de 16 de Dezembro do ministro do Comércio Interno, Magalhães Mota, a proposta do secretário de Estado do Abastecimento e Preços, Mário Baptista. A suspensão — fazem-nos notar — foi decidida sem conhecimento prévio dos trabalhadores e do seu Conselho. Também não foram ouvidas as entidades às quais a Junta presta serviços: cooperativas, associações de pequenos e médios agricultores, comissões liquidatárias de Grémios da Lavoura, etc. Para substituir a Direcção passou entretanto a exercer funções uma Comissão de Gestão «imposta aos trabalhadores» e na qual figuram alguns elementos que ultimamente — dizem-nos — se têm evidenciado em manobras que visam dividir os mesmos.

Estariam efectivamente em curso, ao que nos afirmam, iniciativas de grupos minoritários, sobretudo do sector administrativo, com o fim de desacreditar o Conselho Geral de Trabalhadores. Esses grupos insistiriam também em contestar o Plenário recentemente realizado em Coimbra com a presença de cerca de mil e 500 trabalhadores de todo o País, reunião essa que a C. G. T. considera uma grande vitória da classe. Acrescentam-nos a este propósito: «Em documentos anónimos subscritos por uma tal «comissão de trabalhadores»-fantasma, pretendem dividir e desmobilizar. Por denúncia, conseguiram até que fosse suspensa também a secretária da Direcção afastada. Denúncia pidesca e sem fundamento: a prova está em que ela foi já reintegrada, após uma luta desencadeada pelos trabalhadores que alcançaram ainda outras vitórias; por exemplo, garantir o direito ao trabalho àqueles que estão em regime de prestação de serviço além do quadro.

A FALTA DE CARNE

A direcção da J. N. P. P. suspensa é acusada, nomeadamente, de responsabilidades na falta de carne e de não ter prestado contas ao Fundo de Abastecimento. Quanto às contas, elas vinham atrasadas desde 1968, facto que contribuiu, em devido tempo para um pedido de sindicância ao organismo, o qual só viria a ser concretizado no momento em que o Ministério decide suspender a Direcção.

Segundo nos foi afirmado, esta, durante o lapso de tempo em que exerceu funções — de Fevereiro a Dezembro de 1975 — conseguiu pôr a escrita em dia até 1974. «E mais não fez — acrescentam-nos — precisamente porque foi suspensa...»

Quanto à falta de carne, a própria Direcção, em comunicado tornado público em Janeiro, apresentara aquilo que considera as provas da sua não-responsabilidade. No documento então distribuído aos órgãos de Informação, foram expostas todas as fases de uma luta de dois meses. Às sucessivas diligências efectuadas, não deu o Ministério qualquer resposta. «Se houve ruptura nos «stocks» em Dezembro é porque o ministro só autorizou a importação em princípios de Novembro. Só um mês e meio de importações significavam três mil toneladas para o «stock» que tínhamos previsto, atendendo ao total das importações que estavam feitas. Assim, não será imputável à direcção suspensa e, muito menos, aos trabalhadores da Junta, a ruptura acontecida» — conforme as explicações dadas no Plenário de Coimbra por um dos suspensos.

Entretanto, a Direcção afastada tinha elaborado, com a colaboração dos trabalhadores, um regulamento de comercialização de gado para abate que os circuitos burocráticos emperraram. Esse regulamento, até agora só parcelarmente legislado, apontava para toda uma série de soluções que visavam sobretudo garantir os preços à produção, proibir o abate de gado em boas condições de recria, dotar a J. N. P. P. de estruturas que lhe permitissem eliminar os circuitos intermediários e proteger os pequenos e médios produtores. Procurava-se, em resumo, disciplinar todo o processo. Há falta de cabal legislação, os próprios trabalhadores têm assumido um papel de vigilância.

A este respeito foi-nos referido o caso do abate maciço de vitelas, verdadeiro crime contra a economia, no qual os trabalhadores da J.N.P.P. se vêem obrigados muitas vezes a fechar os olhos, por terem de aceitar que o pequeno produtor se veja por vezes obrigado a vender vitelas para o talho para realizar dinheiro. Aliás, a criação de mecanismos que permitissem à Junta o pagamento das rezes aos médios e pequenos produtores e cooperativas no acto de entrega, era um dos principais objectivos do regulamento elaborado. Sem qualquer protecção, os produtores sem grandes recursos ficam sujeitos a todas as formas de chantagem por parte de oportunistas e especuladores.

PLANEAMENTO

Num aspecto mais de fundo, o regulamento que os trabalhadores da J. N. P. P. referiram como um documento de transcendente importância para a economia do País, previa a concentração das inúmeras e dispersas salas de abate (algumas sem as mínimas condições de higiene) em matadouros industriais que permitissem eficaz aproveitamento do subproduto, com relevância para o courame, quase sempre desperdiçado, quando poderia constituir suporte, pelo menos em boa parte, à indústria portuguesa de calçado, sujeita a importar matéria-prima estrangeira. Tal concentração implicaria a criação de uma frota de distribuição e a fixação de bolsas de gado, após estudo no qual deveriam colaborar as cooperativas agrícolas. Paralelamente, seria constituída uma rede de frio, com entrepostos em lugares estratégicos. «Só com um planeamento global da produção e da importação seria possível diminuir as compras de carne congelada ao estrangeiro» — sublinharam-nos.

A MANTEIGA

Outra das acusações dirigidas à Direcção da J. N. P. P. afastada por decisão do Ministério dirigido por Magalhães Mota é a de que ela seria responsável pela falta de manteiga durante o período do Natal.

Também neste ponto o Conselho Geral de Trabalhadores se manifestou concordante com as soluções em devido tempo preconizadas pela Junta para obviar a tal falta, «previsível aliás no período do fim do ano e já anteriormente notória, dado o aumento do consumo resultante do aumento da população com a vinda dos muitos milhares de «retornados». Ao que nos informaram, logo em princípios de Julho foi dirigida ao Governo uma proposta que visava resolver em parte o problema do abastecimento de manteiga, através da redução da gordura do leite para consumo de 3 para 2,5 por cento. (Disseram-nos que, em países altamente industrializados, como a Holanda, essa taxa é de 1,6 por cento.) Tal redução aumentaria a produçao de manteiga em 70 por cento. A questão foi posta à Direcção Geral de Saúde, que concordou. Superiormente, porém, nada foi decidido. Só agora — dizem-nos — em entrevista recente, a actual Comissão de Gestão da Junta vem afirmar que essa proposta vai ser posta em prática, abrangendo, não só o leite, como o queijo e o leite em pó.

«Enquanto descarregam culpas para cima da Direcção afastada, vão-se aproveitando de muito do bom trabalho que ela realizou, mas, ao mesmo tempo protelam decisões urgentes que os directores suspensos quiseram pôr em prática, em benefício das classes exploradas, das cooperativas, da Reforma Agrária. Decisões que só não foram por diante porque lhes travaram o passo com barreiras burocráticas e de toda a ordem».

Este foi o comentário que pôs ponto final à prolongada conversa que tivemos com os elementos do Conselho Geral de Trabalhadores da Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

Importar, importar sempre... a triste sina da pecuária nacional, sector em crise. Será com a suspensão de elementos responsáveis, da confiança dos trabalhadores que o problema se resolve?

Em FARO o DIARIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA-LIVRARIA MAGALHÃES

Em S. Pedro do Estoril o «Diário de Lisboa» é vendido por Profírio da Silva Carreira

CENTRAL ESTEFÂNIA

Pedida a intervenção do Estado para acabar com "exploração desenfreada"

Os 126 trabalhadores da Central Estefânia, empresa de transportes de Camarate, continuam a greve que iniciaram há mais de uma semana. A sua luta define-se, essencialmente, pela aplicação da portaria dos rodoviários. Os trabalhadores daquela empresa de transportes e mercadorias foram para a greve porque o patrão se recusou a cumprir as tabelas salariais, em vigor desde Novembro, com efetiso retroactivos a partir de 6 de Junho. Exigem, ainda, o pagamento dos subsídios de férias e o 13.º mês do ano passado.

Em reunião efectuada no Ministério do Trabalho a entidade patronal alegou que não tinha dinheiro.

Como o escritório só existe para emitir e receber facturas pedimos ao patrão para nos mostrar um balancete das contas. Não havia nenhum balancete — afirmou-nos Victor Manuel, da Comissão de Trabalhadores.

Na sequência da sua luta, os trabalhadores ocuparam o local de trabalho impedindo a entrada do patrão nas instalações da empresa. Ali se mantêm em piquetes permanentes. Entretanto, aguardam uma resposta do Ministério do Trabalho, pois a solução para a Central Estefânia terá de ser a intervenção estatal ao abrigo do Decreto 660/74. Os trabalhadores entendem, ainda, que lhes deverá ser passada uma credencial que permita a gestão operária.

Entregámos os documentos comprovativos da nossa luta ao Conselho da Revolução, ao Presidente da República, ao Conselho de Ministros, ao Ministério do Trabalho e ao Ministério dos Transportes — diz o elemento da Comissão de Trabalhadores com quem contactámos.

Os trabalhadores da Central Estefânia que não receberam os ordenados de Fevereiro e, alguns deles, o de Janeiro, não arredam pé do local de trabalho. Elegeram, entre eles, uma equipa de «cozinheiros» que confeccionam a comida para todos. Junto do portão principal há um controlo rigoroso das saídas e entradas, que são registadas numa folha de papel. O povo de Camarate está com os trabalhadores e tem apoiado activamente a sua luta.

O patronato, no primeiro dia de greve, ameaçou a Comissão de Trabalhadores com uma caçadeira dizendo que nos matava. Então, a partir daí, o povo ainda se uniu mais a nós — frisou Victor Manuel. Os trabalhadores da Central Estefânia distribuem diariamente à volta de seis mil comunicados elucidativos do desenrolar da sua luta.

A nossa luta é uma luta justa. Sempre, antes e depois do 25 de Abril, os trabalhadores dos Transportes Rodoviários, foram sujeitos a uma desenfreada exploração: a trabalhar de dia e noite, sem quaisquer condições. Alguns de nós, de trinta e poucos anos, estamos com um aspecto de velhos, resultado das noitadas e do frio apanhado durante estes anos ao volante de um camião — salienta-se num dos últimos comunicados.

EVA

grande cabeleireiro de senhoras EVA, lda.

manicuras, pedicuras, esteticistas, massagistas, sauna, boutique e um simpático serviço de refeições ligeiras e cafetaria.

É UM CABELEIREIRO PARA AS SENHORAS QUE TÊM POUCO TEMPO E QUE QUEREM GASTAR POUCO DINHEIRO

Pr. Marquês de Pombal, 1 e R. Camilo Castelo Branco, 23
LISBOA

Em ARMAÇÃO DE PERA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LAMI

Trabalho

Firestone

Persiste a greve e os operários cozinham

Depois de um plenário que ontem se realizou na Fábrica da Firestone, em Alcochete e de nova tentativa de resolução junto do Ministério do Trabalho, o caso desta Fábrica de pneus parece continuar em pleno impasse. Novo plenário que se realizava esta manhã, com a presença dos trabalhadores que se encontram na Fábrica, pode determinar nova fase na luta que ali se desenvolve.

Um elemento novo neste conflito foi a determinação, por parte da administração, de que deixassem de ser fornecidas as refeições no refeitório da empresa, tarefa que estava consignada a uma empresa alheia à Firestone. Neste momento, os trabalhadores que se encontram em greve, mas presentes na Fábrica, tratam eles próprios de assegurar as refeições, comprando os géneros e cozinhando-as.

Entretanto, segundo informações de que dispomos, os trabalhadores da Firestone teriam dado plenos poderes aos sindicatos para os representar nas negociações e contactos, quer com o M. T. quer com a parte contrária, o patronato (multinacional).

A solidariedade dos sindicatos para com os trabalhadores desta Fábrica tem sido a mais diversa: Sindicato das Indústrias Químicas do Sul, dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal, dos Fogueiros de Mar e Terra do Distrito de Lisboa, dos Electricistas do Sul e ainda, a Ordem dos Engenheiros.

Entretanto, o secretário de Estado do Trabalho despachou no sentido de «procurar uma solução por acordo entre as partes ou através de um órgão reconhecido por eles» atendendo a que estamos perante uma situação suscitada pela aplicação do A. C. T. em conjunção com a P. R. T., ambos de 21-6-75».

Tendo este facto em atenção, o secretário de Estado determina entre outras coisas que os sindicatos devem pôr fim à greve, que se deve promover com a administração a constituição da comissão paritária prevista na cláusula 75 do A. C. T., etc.

Excepto urgências

Farmácias podem encerrar amanhã

Os ajudantes de farmácia dos distritos do sul, designadamente Lisboa, paralisa amanhã, caso os respectivos dirigentes sindicais não obtenham resultados satisfatórios na reunião que esta manhã se iniciou no Ministério do Trabalho com representantes da entidade patronal e daquele departamento governamental.

À hora de encerrarmos esta edição, os elementos do Sindicato dos Ajudantes de Farmácia mantinham a hipótese de greve para amanhã, decidida em assembleia geral do sector no dia 28 do mês passado, com vista a pressionar a Associação Nacional de Farmácias a negociar o respectivo Contrato Colectivo de Trabalho.

O Sindicato assegura, no entanto, o abastecimento do serviço de urgência, «por forma a não prejudicar o público» — isto, claro, no caso da paralisação se concretizar.

Argumentam os trabalhadores que «as farmácias não estão em crise, ao contrário do que o patronato quer fazer crer», segundo afirmações da direcção do Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Sul e Ilhas, ontem, em conferência de Imprensa.

«A farmácia é um negócio chorudo, possibilitando até que certos proprietários abram outras, quer em cidades, quer em outros lugares», acrescentam, chamando a atenção para o constante aumento do preço dos medicamentos.

A comprovar estas afirmações, citou-se uma estatística oficial, referente a 1973, que revela que Portugal consumiu cinco milhões de contos de medicamentos, dos quais um milhão foi gasto em publicidade. O patronato argumenta, no entanto, com a falta de medicamentos, que, segundo o sindicato, sempre existiu; aliás a direcção alerta o público para a carência de especialidades farmacêuticas e de outros medicamentos, sobretudo nos períodos de surtos gripais.

Em busca de maior rendibilidade, mas com prejuízo das necessidades da saúde pública, os proprietários de farmácias implantaram-nas em locais predominantemente urbanos, numa verdadeira «concentração estratégica» que os números traduzem: das 1200 farmácias a funcionar nos onze vdistritos do Sul e ilhas, 580 situam-se em Lisboa.

Os dirigentes sindicais denunciaram, igualmente, a violação do diploma que impõe a presença do director técnico da farmácia durante o seu período de funcionamento. Com efeito, em 90 por cento dos casos as farmácias funcionam a cargo, exclusivamente, dos ajudantes.

A concretizar-se a paralisação, esta alargar-se-á ao Norte no próximo dia 18. Ao convocar a reunião desta manhã, o Ministério do Trabalho historiou o processo de contratação do sector, elemento central do conflito que opõe os trabalhadores à associação patronal:

«Em 31 de Março de 1975 caducou o C.C.T. aplicável aos ajudantes de farmácia. Entretanto, já em Dezembro de 1974 os respectivos sindicatos tinham apresentado uma proposta de revisão do C.C.T., a qual não teve resposta por parte da Associação Nacional das Farmácias por considerarem que o sector se encontrava em crise. Foi então elaborada uma portaria de carácter provisório destinada a resolver o problema da caducidade e na qual se regulamentavam os aspectos essenciais constantes daquela proposta, nomenado-se então uma comissão técnica para estudar a viabilidade do sector quanto à sua capacidade económica, dado que a Associação Nacional das Farmácias se recusava a negociar o C. C. T.. Foi apresentada uma nova proposta de revisão do C.C.T. pelos sindicatos, à qual novamente a Associação Nacional das Farmácias não deu qualquer resposta, gorando-se mais uma vez a hipótese de negociação.»

Enfermeiros

Mantém-se hipótese de greve

A greve nacional dos enfermeiros, com carácter progressivo, deve iniciar-se na data prevista, ou seja depois de amanhã, não obstante o Governo ter dado já satisfação a um dos seus fundamentos — a exigência de diploma único.

Na verdade, o plenário ministerial de ontem aprovou um projecto de decreto-lei do Ministério dos Assuntos Sociais que fixa a existência de diploma único, qualificação bastante para o exercício da profissão de enfermeiro.

Mantém-se assim o motivo fundamental que levou os Sindicatos dos Profissionais de Enfermagem a decretar a greve para o dia 12: a aceitação até ao dia de hoje do caderno reivindicativo, nomeadamente a tabela salarial, por parte do Governo.

O Governo não só não aceitou até agora as tabelas salariais negociadas entre os sindicatos e o Ministério dos Assuntos Sociais, como apresentou na passada 6.ª feira uma proposta que as associações sindicais consideram absolutamente inaceitável. Os salários propostos pelo Governo (de 7 mil a 12.700 escudos mensais) viriam abrir ainda mais o leque salarial, fomentando o divisionismo.

Apesar da greve, os enfermeiros assegurarão os serviços de urgência para não afectarem a população.

POSIÇÃO DOS ENFERMEIROS DIPLOMADOS

O Sindicato Nacional dos Enfermeiros Diplomados, cujos estatutos chegaram a ser enviados para publicação no Diário do Governo e posteriormente mandados retirar pelo secretário de Estado do Trabalho, opõe-se à greve considerando que ela obedece a «motivos claramente políticos» e tem «frágil motivação».

Tentando fundamentar a sua decisão os corpos gerentes deste Sindicato afirmam num comunicado que um dos objectivos da greve é exigir a extinção desse mesmo organismo. No entanto, os Sindicatos dos Profissionais de Enfermagem insistem que não está nos seus propósitos inserir a extinção do SNED na greve, visto o secretário do Trabalho ter já despachado no sentido de considerar ilegal este organismo sindical.

Mas o SNED diz ainda no mesmo comunicado não aceitar as restantes motivações da greve. Assim, não aceita o caderno reivindicativo totalmente, pois há «muitos interesses dos seus associados que não foram levados em conta nem devidamente apreciados» e repudia o diploma único (aprovado agora em Conselho de Ministros) porque a população tem o direito de saber a qualificação dos técnicos que a trata».

Organizações da lavoura repudiam portaria sobre adubos

Em plenário efectuado ontem nas instalações do Amoníaco Português em Estarreja foi aprovada uma proposta em que as organizações da lavoura «repudiam a Portaria N.º 97/76 de 1 de Fevereiro último sobre a qual não foram ouvidas e onde se repõe o espírito de portarias anteriores ao 25 de Abril, com prejuízo da agricultura e da economia nacional».

Por outro lado, as organizações em plenário exigem «que representantes seus estejam na Comissão de Reestruturação do Sector Adubeiro». Na próxima segunda-feira, dia 15, realiza-se novo plenário nas instalações do Amoníaco Português a fim de se escolherem representantes das organizações da lavoura para a solução destes problemas.

Póvoa, Vila do Conde

"Lock out" e traineiras no porto

Os pescadores da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde estiveram ontem, à noite, reunidos no salão paroquial das Caxinas, para debate da situação criada pela recusa dos mestres das traineiras em se fazerem ao mar e apreciação de uma proposta do delegado do Trabalho, Manuel Pires, que recusaram.

Uma moção dos pescadores aprovada nessa reunião, considera que a atitude dos mestres é, indiscutivelmente, «lock-out» e portanto ilegal, razão por que exigem que «o Ministério do Trabalho e as outras autoridades governamentais apliquem as sanções que a lei prevê para o «lock out», ilegal. A não aplicação desta medida determina por parte dos trabalhadores a recusa de negociações. Além disso, ainda é exigido o pagamento dos dias de paralisação, forçada pelo «lock out» dos mestres e da sua inteira responsabilidade».

Deste modo, mantém-se a situação que tinha sido criada no dia 8, quando os mestres se recusaram a partir para o mar, não tendo, também hoje, os barcos saído. A recusa dos mestres é originada pela divisão do total do pescado: até aqui, cada mestre tem recebido sete partes e meia e agora os patrões daquelas motoras exigem que lhes sejam atribuídas dez partes e meia.

Entretanto, numa reunião ontem efectuada, como já indicámos o delegado do Trabalho apresentou uma proposta que seria recusada pelos pescadores. De acordo com esse documento, seriam retomadas, imediatamente as negociações, sendo estas levadas a efeito fora das horas normais da faina, sendo de iniciar imediatamente um estudo económico do sector. Em caso de impasse, passar-se-ia de imediato à arbitragem. De acordo com essa proposta deveriam iniciar-se as negociações ainda hoje. Não resultou.

Torralta

Êxito na luta pelo salário

Uma representação de trabalhadores da Torralta concentrou-se ontem em frente à residência do Primeiro-Ministro, antes e durante a reunião do Conselho de Ministros, exigindo a prestação de um aval governamental que possibilite o pagamento dos ordenados de Fevereiro a 2300 trabalhadores do grupo.

Segundo declarações do ministro Jorge Campinos tanto ele como Salgado Zenha apoiam a prestação do aval, embora seja necessário encontrar uma solução de fundo. E efectivamente o plenário ministerial aprovou a concessão do aval, aguardando os trabalhadores que sejam cumpridas as inevitáveis formalidades.

Entretanto, os trabalhadores também concordam com a necessidade de uma solução de fundo. Com efeito um comunicado das comissões de trabalhadores do grupo Torralta, ontem distribuido refere que «o problema da empresa e do turismo nacional ainda não foi resolvido, embora os trabalhadores tenham apresentado propostas concretas e pressionado as entidades governamentais realizando inclusivamente um Encontro Nacional de Trabalhadores de Turismo e Hotelaria» e que «também não foi ainda resolvido o problema dos investidores da Torralta, a sua maioria pequenos investidores, embora já tenha passado mais de um ano após a intervenção do Estado».

Comércio no Porto pode entrar em greve

Vinte mil trabalhadores do comércio retalhista do distrito do Porto ameaçam fazer greve no próximo sábado, no caso de as entidades patronais não retomarem, até amanhã as negociações do respectivo contrato colectivo.

Em plenário efectuado ontem à noite no pavilhão do Académico, no Porto, os representantes da classe afirmaram estarem «cansados de esperar que o patronato se decida a sentar-se à mesa das negociações para verem concretizado o primeiro C.C.T. da classe e saturados de andarem em reuniões e plenários a aprovar moções que a nada têm levado».

A decisão de entrar em greve no sábado foi tomada por aclamação, tendo ainda sido feitas críticas à actuação do Ministério do Trabalho que acusaram de estar mais interessado «em defender os interesses dos patrões e do capital».

Os trabalhadores do comércio retalhista denunciaram o que consideram manobras do patronato no ramo do comércio, nomeadamente sobre o imposto de transacção que, disseram, «está a beneficiar a entidade patronal, que à sombra dele ganha dinheiro à custa do trabalhador a quem são vendidos sem imposto mercadorias em armazém e que tinham sido adquiridas ainda por preços antigos». Abordaram-se ainda formas de vigilância contra possíveis boicotes à greve.

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL DE SANTA MARIA

LEGUMES FRESCOS E HORTALIÇAS ..... Concurso Público n.º 34/76

PERUS ..... Concurso Público n.º 35/76

PEIXE ..... Concurso Público n.º 36/76

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados das 9 às 12 horas, na secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicados nos Cadernos de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 5 de Março de 1976.

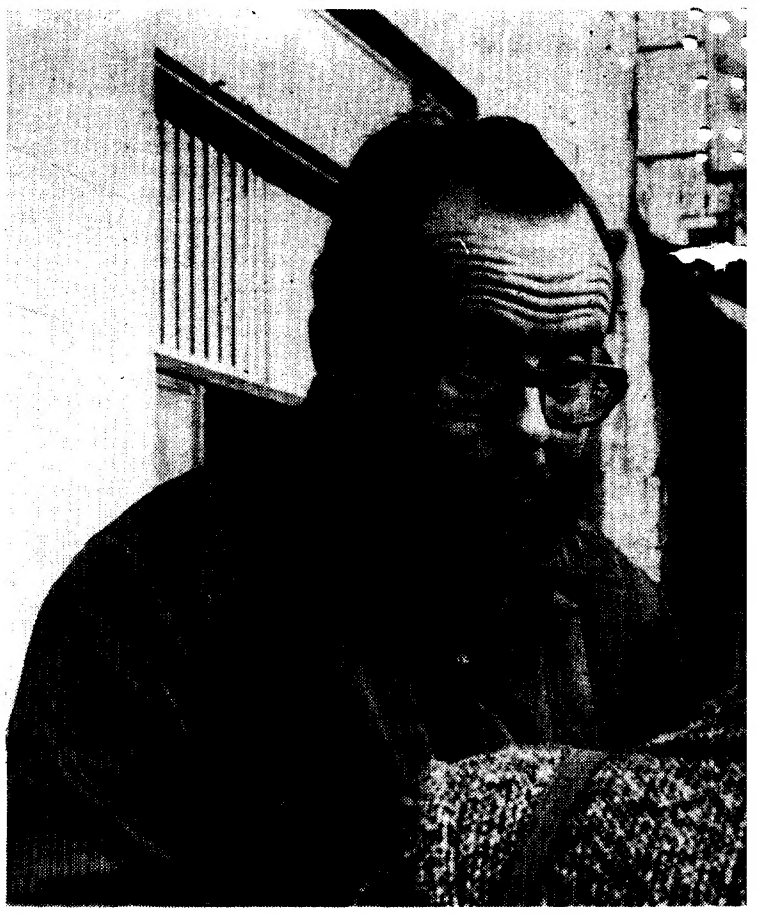
Pel'A COMISSÃO INSTALADORA

a) **Manuel Brioso Pina de Jesus**

Estrangeiro

ENTREVISTA DE RAFAEL J. CLAUDIN

PADRE XIRINACHES AO "D.L."



O padre Luís Xirinachs em frente dos muros da prisão modelo conversam, informam-se e lentamente vão ganhando consciência

Os movimentos oposicionis da Catalunha estão unidos na luta antifas

Há mais de dois meses que durante doze horas por dia, um pequeno grupo de resistentes antifascistas se concentra diante dos muros da chamada prisão-modelo de Barcelona. À frente do grupo, destaca-se o iniciador desta acção de resistencia passiva, o célebre padre Luís Xirinachs. Candidato ao Prémio Nobel da Paz de 1975, Xirinachs é um homem conhecido mundialmente pela sua acção de lutador antifascista. Preso várias vezes durante o regime franquista, decidiu usar da greve da fome, e da greve do silencio, para, dentro dos muros da prisão, continuar a sua batalha pelos direitos do Homem. Numa recente deslocação a Espanha, o nosso colaborador Rafael J. Claudin esteve em Barcelona, onde entrevistou Xirinachs para o nosso jornal. A trajectória revolucionária do padre catalão, as razões da sua luta, os resultados práticos da sua conduta — eis, em síntese, os temas abordados nesta entrevista. Quando Xirinachs falou para o «DL», tinha terminado havia pouco a visita de «boa vontade» que o Rei Juan Carlos fez, durante oito dias, à Catalunha, e que ficou assinalada por incidentes vários entre manifestantes e Polícia. A isso se refere também Xirinachs, salientando o carácter continuista do regime espanhol, e pondo em destaque a debilidade do poder do monarca.

DL — Chegou a Portugal a notícia desta concentração permanente que decorre aqui, frente à prisão modelo de Barcelona. Sabe-se que tens estado várias vezes na prisão, que foste proposto para o Prémio Nobel da Paz — pormenores interessantes da tua vida, é certo, mas não substituem o conhecimento directo da tua personalidade. A verdade é que nunca se ouviu nem se leu nada vindo directamente de ti. Gostaria que me explicasses em linhas gerais como te inseriste no processo de luta pela democracia em Espanha.

Luís Xirinachs — Houve vários episódios anteriores, mas aquilo que me lançou definitivamente neste processo foi o julgamento de Burgos contra os militantes do País Basco. Pareceu-me que a melhor maneira de auxiliar o povo basco na sua luta era, mais do que assinar documentos de adesão, acelerar também o processo de autodeterminação da Catalunha. Lancei-me então numa greve da fome para chamar a atenção do meu povo e para que esse processo de autodeterminação se pusesse em marcha. Esta atitude levou-me a ser processado pelas autoridades. Logo que me encontrei em liberdade condicional, a minha consciência foi-se abrindo pouco a pouco para os problemas sociais. Vi que existiam leis muito duras sobre a ordem pública (estávamos então em 1971), que convertiam a Espanha realmente num estado de força e não de direito. Tomei **então a decisão de adoptar uma atitude pública de rejeição do regime. Regime que considero** fascista, ditatorial e autoritário, completamente arbitrário. De acordo com esta atitude, rasguei o meu bilhete de identidade, fiz um documento assinado que se leu e circulou por toda a parte (e que está na posse dos governadores civis e do Ministério da Governação) no qual fazia uma crítica do regime e do Tribunal de Ordem Pública, que me havia processado. Entre outras coisas, dizia que ignorava esse tribunal, que o considerava a pior sobrevivência da Inquisição Espanhola, trasladada para o terreno político, que não me apresentaria ao tribunal e que, se me levassem pela força, não abriria a boca. Três vezes fui citado para me apresentar ao tribunal, três vezes me recusei a comparecer. Deixei-me ficar tranquilamente em casa, sem me esconder. Fiz uma campanha pública, com as mesmas características das campanhas clandestinas, de oposição ao regime.

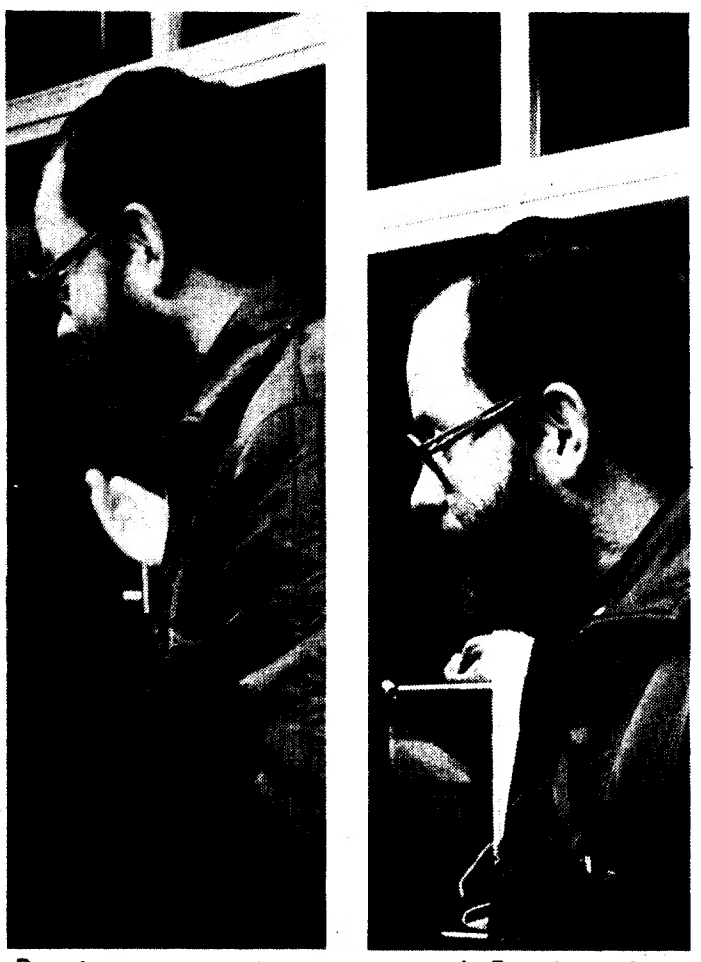
O ANO DA RECONCILIAÇÃO

DL — E foi isso que te levou à prisão.

LX — Sim. Isso levou-me à prisão e levou-me a ser sujeito a diversas pressões. Quando me levaram para a cadeia ficámos ali detidos os 113 membros da Assembleia da Catalunha, à qual eu também pertencia. Comecei então uma greve da fome, que só terminei quando puseram em liberdade os outros 112 elementos da Assembleia. Eu não sai, porque estava preso por outros motivos. Na prisão, entre outras coisas, comecei uma campanha muito intensa pela amnistia; pareceu-me que a amnistia era a porta da democracia, sem amnistia não podia haver democracia. Em Portugal foi assim que se passaram as coisas. Começou-se pela amnistia não é verdade? Esta minha acção pela amnistia decorreu em vida de Franco. Estava a começar o Ano Santo de 1975. Falava-se do ano da reconciliação e eu pensava que, para a Espanha, a reconciliação incluía a amnistia, exigia precisamente uma amnistia. Enviei uma carta a Franco, pedindo-lhe a amnistia, e fiz uma greve da fome de 31 dias, desde o dia primeiro do ano até ao dia 31 de Janeiro. Durante todo o tempo que me mantive na prisão, fiz uma greve de silêncio com os meus carcereiros, que durou até Outubro, mês em que dali saí. Quando saí, a situação tornou-se mais quente. Dai a pouco tempo, morria Franco e comecei então outra greve da fome, que durou 22 dias, até ao Natal, pedindo a amnistia, que o Rei não concedeu. Toda a gente escreveu ao Rei, a pedir a amnistia e ele não a concedeu. Parece-me que não a concedeu, porque não pôde, porque não lho consentiram. Em protesto contra o facto de essa amnistia não ter sido concedida por um rei que se diz rei de todos os espanhóis e que não quer privilégios, vim para aqui no dia de Natal, para a frente da prisão modelo de Barcelona, e não tenciono sair daqui enquanto a amnistia não for concedida.

DL — Pensou-se que o Rei teria um gesto desse tipo na sua passagem por Barcelona.

LX — Não sei, não me parece. As pessoas pensam muita coisa, têm muita imaginação, mas de momento não se viu nada. Pelo contrário: nervosismo da Polícia, cargas da Polícia, e, quando se junta aqui gente, cacetadas da Polícia. Ontem até apareceram de metralhadoras.



Durante quase quarenta anos os povos de Espanha perderam os espaços livres e fecharam-se em casa. Agora, a pouco e pouco, reconquistam a rua

À ESPERA DE MUDANÇA

DL — Que relação existe entre estes teus actos cívicos e as manifestações que estão a processar-se noutros sectores sociais de Barcelona?

LX — Organicamente não há nenhuma relação. O que agora acontece é que desde a morte de Franco a população está à espera que as coisas mudem. Neste sentido, há uma espécie de rendimento mútuo, tácico, tudo é influenciado por tudo e todas as coisas se ajudam umas às outras. Muitas divisões que existiam na clandestinidade estão meio diluídas, na expectativa dessa espécie de «salto para a democracia» que esperamos venha a chegar. Talvez depois reapareçam as divisões, mas de momento não vêm ao de cima. As grandes manifestações que decorreram a 1 e 8 de Fevereiro, aqui em Barcelona, uniram-nos muito mais a todos, e pela rua desfilaram partidos, grupos políticos, organizações de massas, representantes de escolas, municípios, bairros. Toda a gente estava a lutar ombro a ombro enfrentando as cargas da Polícia. Creio que se produziu uma união extraordinária e agora muitas manifestações vêm acabar aqui, diante da prisão-modelo, e nós participamos também nas acções de fora. Há uma espécie de ajuda mútua sempre boicotada pela Polícia. Se agora vês aqui pouca gente, é porque a Polícia não permite que haja mais. Houve uma altura em que a Polícia afrouxou um pouco e a rua encheu-se de gente. Teria sido uma manifestação maciça, mas a Polícia carrega constantemente. Mesmo esta noite, se vieres aqui pelas nove horas verás que todas as noites fazemos um quarto de hora de silêncio. Pomo-nos todos absolutamente calados, abrindo caminho para as pessoas que quiseram passar. Anteontem a Polícia carregou sobre nós quando estavamos em silêncio. Ontem, quando a Polícia chegou, já nós tínhamos ido embora.

DL — Quantos presos políticos estão nesta cadeia?

LX — Uns cento e vinte.

DL — E eles sabem da concentração?

LX — Sabemos e estão-nos muito gratos. Muito contentes por nos lembrarmos deles. Em certo sentido, estou a fazer isto por eles. Quando estive na prisão, recebi muito apoio de fora, mesmo muito. Isso alegrou-me muito, ajudou-me imenso, e entendo que eles são credores do nosso apoio.

o de Barcelona. As pessoas,

stas

scista

A minha atitude parece um tanto bizarra às pessoas que passam, porque é lenta, demorada, interminável. Mas, se nos colocarmos do ponto de vista dos presos, a minha atitude pouco sacrifício representa. Eles não vão para casa de noite, como eu vou, não têm as visitas que eu tenho, etc.

A RECONQUISTA DA RUA

DL — Há outra coisa que me despertou a atenção. Creio que se está a assistir a um processo de mentalização das pessoas. Umas a um nível, outras, a outro. Mas toda a gente está a participar em diferentes tipos de acção. Parece que a tua acção aqui tem despertado a consciência de muita gente que dantes não estava mentalizada, não estava politizada e que agora se sente atraída pela acção puramente cívica ou, se assim o preferires, humanitária que tu estás a praticar.

LX — Sim, creio que essa será talvez a função mais importante a nível prático, concreto, imediato, que esta acção tem produzido. Acção que não é apenas minha, pois há algumas pessoas que estão aqui também em permanência. Creio que isto tem mentalizado muitas pessoas que, durante quarenta anos viveram encerradas dentro de casa, porque não havia direito de reunião, de expressão, etc. Tínhamos perdido a rua de vista, nunca nos deixavam estar na rua. As pessoas estavam metidas dentro de casa, preocupadas apenas com os seus problemas individuais ou familiares, e sem nenhuma perspectiva social.

Agora, pelo contrário, encontraram uma espécie de chama permanentemente acesa na rua. Há já 60 dias que estamos aqui doze horas diárias, por isso as pessoas têm tido muitas oportunidades de nos verem. Muita gente vem a princípio só por curiosidade, porque esta acção não se dirige àqueles que são militantes, que já têm consciência. Aos cem mil entendidos isto não lhes faz falta, embora eles, por vezes, apareçam também por aqui. As pessoas que estão distraídas ou alienadas vêm aqui às vezes para se distrairem, para espairecerem. Mas logo que aqui chegam, começam a encarar a situação de modo diferente. Junta-se um estudante com um operário, junta-se um indivíduo da cidade com um do campo, e toda a gente fala, ouve. Deste modo, as pessoas voltam a descobrir a sua dimensão social, e apercebem-se de que o homem é muito mais feliz quando se preocupa com o seu semelhante do que quando se preocupa exclusivamente com os seus pequenos problemas pessoais.

DL — O facto de teres referido o homem do campo e o homem da cidade leva-me a pensar que a tua acção, estando embora a decorrer num contexto catalão, tem raízes comuns com a luta do País Basco, do País Galego ou de Castela. Concordas com esta afirmação?

LX — Sim, a luta é a mesma. Embora eu tenha lutado muito tempo e a fundo por coisas estritamente catalãs, sempre receei que as outras nacionalidades não me entendessem. Em compensação com a amnistia não tenho nenhum problema, porque não a peço só para os catalães, peço-a para todos os que estão a ser reprimidos pelo Estado espanhol ou que se encontram no exílio. Esta acção despertou simpatias noutros pontos do território, porque não estava unicamente centrada na Catalunha, e, além disso, a minha preocupação não é a Catalunha, mas o ser humano. O que acontece é que o homem, entre outras coisas, tem a sua nação e as suas raízes fundamentais, e isto é tão respeitável como o seu nariz ou a sua integridade física. Assim, eu defendo a minha nação como um castelhano e um galego tem que defender a sua. O que penso que temos de fazer é evitar os desejos paternalistas de fazer despertar o sentimento nacional nos outros, cada qual tem de despertar pela sua nação e lutar por ela. O que temos é de nos unir, e, logo que cada um seja senhor dos seus destinos, poderemos então constituir unidades superiores, entre as quais poderá vir a existir uma unidade chamada Espanha, essa unidade que comprovadamente não assenta hoje em moldes democráticos.

UMA FIGURA DECORATIVA

DL — Como vês a viagem do Rei aqui à Catalunha?

LX — Andavam na verdade muito assustados. As manifestações que se realizaram aqui em Barcelona nos dias 1 e 8 de Fevereiro foram impressionantes. Foram a demonstração de uma vontade popular, uma vontade maciça. Todo o ser vivo desceu à rua. Aliás, não foram apenas as manifestações dos domingos. Durante a semana, houve grandes greves da construção civil em Bajo Llobregat. E noutros sectores; me-

Continua na pág. 12

Marcelino Camacho apresentou em Paris os "Escritos de Prisão"

Pela segunda vez desde a sua última libertação o «leader» sindicalista espanhol Marcelino Camacho veio a França. Camacho já participara o mês passado numa reunião da Junta Democrática, de que faz parte integrante o seu movimento, as comissões operárias. Desta vez veio a Paris para o lançamento dos seus **Écrits de la Prison,** ensaio sobre a história do movimento operário espanhol desde o primeiro Congresso da Federação Regional, em 1870, às Comissões Operárias, organizações que nasceram espontaneamente há vinte anos, nas minas do País Basco, que começaram a tornar-se permanentes, a estruturar-se ao nível dos ramos e das regiões, em 1964, e que hoje se implantaram em todos os sectores da indústria.

Écrits de la Prison reúne centenas de palestras e debates feitos perante detidos políticos, por Marcelino Camacho, nas diferentes cadeias por onde passou, entre 1967 e 1975.

Quer dedique o seu livro nas sedes da C.G.T., quer participe num «meeting» na Mutualité, quer responda a uma entrevista ou às perguntas dos estudantes da universidade de Censier, Camacho sente-se investido numa missão: revelar, agora que pode fazê-lo, que a opressão franquista não pode impedir o renascimento do movimento operário, aniquilado após a guerra civil. O seu orgulho é fazer saber que esse movimento está disposto a assumir um papel de primeiro plano na fase histórica que a morte do «Caudillo» abriu.

Mas o que são as comissões operárias? **Nem um sindicato, nem um grupo político,** mas um **movimento independente, da classe operária.** As comissões não são um sindicato, explica Camacho, devido às limitações que o franquismo sempre provocou à organização da classe operária. Ao recusar as organizações verticais do regime, os trabalhadores podiam sentir-se tentados a constituir um movimento clandestino. Mas — prova-o o depauperamento das grandes centrais que havia antes da guerra civil — **as catacumbas são a morte.** Nas condições impostas pelo fascismo, **a clandestinidade exige o conhecimento das regras da conspiração, e isso nunca será um atributo das massas. Praticá-la é condenar-se a ser reduzido a pequenos grupos, a siglas sem verdadeira incidência e à perda de contacto com as massas.**

Os que, a meio dos anos 60, acharam que o futuro do movimento operário espanhol consistia em coordenar, em dotar de um **mínimo de organização** e de uma **perspectiva geral de classe, «comissões»** nascidas espontaneamente nas oficinas ou nas fábricas, reduziram a clandestinidade ao número indispensável: o aparelho de propaganda e os órgãos de coordenação geral. Quanto ao resto, o princípio de acção das Comissões Operárias, é **combinar a luta no quadro da legalidade fascista** (participação nas eleições sindicais e na negociação das convenções colectivas, recurso aos tribunais, utilização da Imprensa oficial, etc.) **e a luta ilegal** (greves, manifestações, protestos de toda a espécie), **subordinando sempre o legal ao extra legal, isto é, à acção de massas.** Camacho compreende que alguns façam má cara a esta utilização do aparelho fascista. Mas não se trata **nem de nele se instalar, nem de o fortalecer.** Trata-se, sim, de facilitar a mobilização.

Marcelino Camacho, o famoso «leader» sindicalista espanhol. Observadores coincidem em ligar o seu nome à hipótese de abertura do estreito horizonte do país

Aquilo a que geralmente se chama **Comissões Operárias** é a **parte organizada do movimento.** E este movimento, por evidentes razões de segurança, não é uma organização com um programa, estatutos, listas de aderentes, órgãos directivos conhecidos, quotas, uma disciplina. **Todos podem fazer parte dele, assistindo a uma assembleia nos locais de trabalho ou tomando parte nas suas decisões.** Assim, elas são suficientemente informais para serem **acessíveis ao máximo dos trabalhadores, incluindo os menos preparados** que em geral não aderem formalmente a uma organização por receio em **assumir os riscos da repressão.**

As comissões operárias são pois um «movimento parcialmente organizado». Este mínimo de estruturas de que são dotadas, confere ao movimento uma certa continuidade, que lhe permite recolher o benefício de todas as experiências, **de não partir sempre do zero.**

As comissões operárias, que não são bem um sindicato, dizem que não são um partido. Trata-se antes de um **movimento socio-político**: «social» porque defende as reivindicações dos trabalhadores; e **político** porque o fascismo, mais do que qualquer outro partido, mostra que **a solução das contradições da sociedade exige modificações políticas.**

Claro que os militantes comunistas, socialistas e católicos alistaram-se nas comissões. A sua base será, como tantas vezes se tem dito, o PC? Camacho responde: **A verdade é que o Partido Comunista foi o primeiro a ver que as comissões eram a nova forma histórica tomada pelo movimento operário, e deu-lhes uma perspectiva histórica, a da luta de classes.** Mas, acrescenta: **Nas comissões também há socialistas, católicos, carlistas e uma maioria apartidária.**

As comissões, maleáveis na sua organização, desejam-se **firmes nos seus princípios.** Camacho enumera alguns deles. **O Movimento Sindical Operário é fundamentalmente, mas não exclusivamente reivindicativo. A sua luta é revolucionária. O Movimento deve ser independente de todos os partidos e também de qualquer Estado.** A unidade sindical é indispensável e o internacionalismo proletário materializa-se **através do Movimento Operário de cada país,** e não **em reptura com a base da cultura nacional:** [illegible]ação capital numa Espanha onde bascos, catalães e galegos se opõem a um certo imperialismo castelhano.

O futuro das Comissões Operárias não está fixado. Ele dependerá **da maneira como a ditadura cair, do papel que terão, nessa queda, a classe operária e as próprias comissões.** Estas organizações, que fizeram inovações a fim de se adaptarem às condições do fascismo, terão de se adaptar ainda a uma nova situação. **O futuro e próximo Movimento Sindical Operário deve ser uma espécie de síntese criadora de conselhos operários e de sindicatos, síntese essa que na base, será elaborada nas empresas e nas cúpulas, terá a colaboração de todas as tendências sindicais da classe operária.** Confederação? Federação? União? A forma é secundária se os princípios forem mantidos, conclui Marcelino Camacho.

(C) Le Monde

PUB.

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

CONVOCATÓRIA

Solidários com os enfermeiros da Zona Norte e Centro, o Sindicato da Zona Sul convoca todos os enfermeiros para a concentração do dia 11-3-1976, quinta-feira, às 11 horas frente ao Ministério dos Assuntos Sociais, para repudiar a atitude do Governo face às nossas reivindicações.

Lisboa, 10 de Março de 1976

Pel'a Direcção do Sindicato

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

AOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO SECTOR QUÍMICO

COLEGAS:

Conforme comunicado convocatória de 25-2-76 enviado aos trabalhadores do sector, informamos:

— Foi formado um G. T. no dia 4 do corrente em plenário do sector para tratar os problemas do mesmo

- O G. T. é já formado pelos colegas:

Adelino Amaral	Soc. Nac. Sabões
Maria Custódia Simões	Tinco Portuguesa
Helder Martins	Sogás
José Rego	Sogás
José Antunes	Sovera
Fernando Barata	Sapec
Fernando Sequeira	Fima
José Freire	Robbialac
José Oleiro	Mabor
António Beirão	Nitratos
Vasco Correia	CUF
António Duarte	Sincoral
Helena Blanco Soares	Unires
José Manuel Rego da Silva	Lever
Higino Dias Junior	Atil
Carlos Ramiro Martinez Souto	Somaco
Maximino Rodrigues Vieira	Pereira & Brito

Mais informamos que o G. T. está aberto a qualquer trabalhador de escritório do sector que nele queira participar e reunirá em princípio todas as terças-feiras às 21,30 horas na Av. Duque de Loulé, 83-3.º (Antigo CAP).

PARTICIPA NA VIDA SINDICAL
COLABORA NO G. T. DO TEU SECTOR

A DIRECÇÃO

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA

REGIÃO LISBOA/SUL

AOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA

CONVOCATÓRIA

Convoca-se a **Assembleia Regional de Delegações** para uma reunião a realizar no dia 10 de Março pelas 20 horas, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Único — Diuturnidades — Discussão das formas de luta a adoptar, com vista à satisfação desta reivindicação.

Lisboa, 9 de Março de 1976

Pel' A MESA DA ASSEMBLEIA REGIONAL DE DELEGAÇÕES

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

PLENÁRIO DO ENSINO SUPERIOR

Realiza-se no próximo dia **11 de Março, pelas 21.30 horas no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico**, um plenário de todos os professores do ensino superior para definição da posição da classe face aos últimos despachos do secretário de Estado do Ensino Superior.

NÃO FALTES!

A COMISSÃO DIRECTIVA

Estrangeiro

Angola concorda em estabelecer relações diplomáticas com Portugal

O Governo da República Popular de Angola concorda com o estabelecimento de relações diplomáticas com Portugal.

Uma nota comunicando esta decisão foi recebida anteontem, no Ministério português dos Negócios Estrangeiros. Esta nota, assinada pelo ministro angolano das Relações Exteriores, manifesta. o desejo de que o estabelecimento se faça ao nível de embaixadores. Acrescenta que tal gesto reflecte o interesse do povo angolano de reatar e estreitar os laços de amizade e de cooperação entre os dois países, na base dos princípios de não ingerência e respeito mútuo pela soberania nacional.

Ainda na mesma mensagem se exprime a convicção de que o estreitamento de relações de amizade, solidariedade e de colaboração entre os povos português e angolano servirá a causa da paz e a defesa e consolidação da independência nacional.

DINHEIRO APREENDIDO

LUANDA, 10 — (F.P.) — Uma mala expedida de Lisboa foi retirada anteontem à noite pelos serviços alfandegários do aeroporto de Luanda, depois de se verificar que continha cerca de 5 milhões de escudos angolanos.

Comentando o caso, o secretário de Estado das Finanças da R.P.A., Saidy Mingas, declarou nomeadamente: «É mais que certo que esses 5 milhões de escudos podem significar a existência de uma organização apostada em fazer regressar a Angola o dinheiro que daqui saiu ilegalmente. É possível até que essa rede esteja a tirar partido da lei aprovada pelo Governo português nos termos da qual é facilitada a venda de diamantes transferidos ilegalmente para fora do País».

«A verba apreendida — concluiu o secretário de Estado das Finanças — pode também significar simplesmente a compra de diamantes pelos contrabandistas locais e a sua venda em Portugal. É evidente que não vai aqui qualquer acusação ao Governo português. O que podemos dizer, é que voluntária ou involuntariamente, os refugiados começam a contribuir para o fundo de reconstrução nacional, já que os 5 milhões irão directamente para essa conta.»

PADRE XIRINACHS AO "DL"

Continuação da pág. 11

talúrgicos, escolar, municipal. Uma quantidade enorme de manifestações em todos os sentidos. Todas elas muito cívicas, muito responsáveis, muito bem organizadas, muito sérias. Nenhuma delas com intuitos de criar agitação e convém que isso seja devidamente destacado. Isto é o que mais os contraria. Porque os acontecimentos galgam a fronteira. E o ministro dos Negócios Estrangeiros não pode andar pela Europa a falar em democracia, quando estas manifestações ordeiras são dispersas à cacetada pela Polícia. Tiveram que resolver este problema e decidiram mostrar boa cara e trázer aqui essa figura decorativa que é o Rei, que não tem qualquer poder. Juan Carlos demonstrou no Natal que não tem qualquer poder. Quis conceder a amnistia e não pôde. Com a desculpa de que Franco tinha um poder carismático concentrado, a Lei Orgânica tirou poderes ao chefe de Estado e devolveu-os para escalões inferiores, como se estivéssemos na monarquia inglesa. Mas em Inglaterra existe democracia. O Parlamento é eleito pelo povo, o Governo elege-se, há uma democracia, pelo menos formal. Aqui não se passa nada disso. No poder, continuam os mesmos de antigamente, e o Rei nada pode fazer. Esta visita foi, portanto, um jogo de aparências.

DL — Achas que o povo catalão está neste momento, a passar por cima das ideologias, unindo-se numa mesma luta?

LX — Creio que nos unimos na luta antifascista. Isto não impede que haja outras divisões até profundas no seio dos movimentos de oposição da Catalunha. Mas estas divergências internas que existem, virão ao de cima, quando estivermos em democracia. Entretanto, há uma espécie de consenso: que se consiga primeiro uma democracia, que desapareça primeiro o fascismo. Depois então poderemos lutar entre nós. Na Catalunha há uma aceitação deste programa. Mas em Madrid e no Norte já as coisas não se passam assim. Preferem a luta de classes à luta antifascista e por isso tudo se mistura, é um pouco diferente, talvez porque há ali maior concentração capitalista.

Em S. Pedro do Estoril o «Diário de Lisboa» é vendido por Profírio da Silva Carreira

Greve internacional das mulheres em futuro próximo

BRUXELAS, 10 — (F.P.) — Haverá num futuro próximo uma greve internacional das mulheres para mostrar à opinião pública mundial masculina a força económica do trabalho feminino, soube-se hoje em Bruxelas. A palavra de ordem será lançada, logo que as modalidades da sua organização tenham sido estabelecidas.

As instigadoras são um grupo de mulheres do Terceiro Mundo, que participaram no «Tribunal Internacional para a denúncia dos crimes contra as mulheres», o qual terminou ontem à noite os seus trabalhos na capital belga.

A porta-voz declarou: «No dia da greve, as mulheres interromperão as suas ocupações habituais, a sua actividade profissional, o seu trabalho no domicílio em tudo o resto.» O trabalho doméstico, incluindo a lavagem das peúgas, deve poder ser contabilizado na economia de cada país, acrescentou a porta-voz.

A greve, no dizer da informadora oficial, permitirá constatar que as mulheres contribuem para a eficácia da força de trabalho dos homens.

Denunciada em Bruxelas a violência sexista

BRUXELAS, 10 — (R.) — O poder político sobre as mulheres é mantido por violência sexista — declara na resolução final uma Conferência Internacional de Mulheres.

A declaração acrescenta: «Qualquer ataque contra a integridade do corpo da mulher e a liberdade da sua decisão tem de ser condenado e provocar acção internacional.»

Organizadoras do Tribunal Internacional sobre Crimes Contra a Mulher, que se prolongou por cinco dias, afirmaram que a resolução seria enviada a Governos de todos os participantes e ao secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim.

A informadora Lily Boeykens declarou numa conferência de Imprensa que a Waldheim será solicitado que publique a resolução nos documentos oficiais da O. N. U.

A declaração acrescenta: «O poder político sobre as mulheres é mantido por violência sexista contra as mulheres.»

A Conferência atraiu cerca de 1000 mulheres de mais de 20 países e atacou a escravatura, a poligamia, o estupro, a prostituição forçada e a discriminação contra lésbicas.

Mars Boeykens, que trabalha em Bruxelas como informadora do Governo, defendeu a decisão da Conferência de proibir o acesso de jornalistas do sexo masculino à Conferência e aos «briefings» noticiosos.

«Foi uma boa acção feminista, porque as fotógrafas e redactoras puderam vender o que produziram à Televisão e aos jornais», explicou.

A sr.ª Boeykens declarou que a Conferência foi um êxito, porque mostrou a um mundo dominado pelos homens que as mulheres pensam seriamente em eliminar a discriminação.

«Demonstrámos quão sérias somos e penso que as pessoas começarão agora a tomar-nos a sério», acrescentou.

Quarenta mil pessoas no funeral do operário morto em Espanha

BILBAU, 10 — (FP) — Cerca de 40 mil pessoas, segundo os observadores, assistiram, ontem em Basauri, perto de Bilbau, ao funeral de Vicente Anton Ferrero, um operário de 18 anos, que morreu em consequência de recontros ocorridos, na segunda-feira, na mesma cidade.

A cerimónia, que decorreu sem incidentes, realizou-se num estádio de futebol, onde 15 padres disseram missa em basco e castelhano. Num sermão, um dos padres deu relevo às reivindicações dos operários da Biscaia. Delegações de operários usaram também da palavra e uma operária pediu que se determine a quem cabem as responsabilidades na morte de Anton Ferrero.

A multidão apoiou um apelo para uma greve por tempo limitado e ouviu um sacerdote denunciar os disparos feitos pela polícia como «uma violação dos direitos humanos e uma atrocidade contra o trabalhador espanhol».

Depois do funeral, a multidão percorreu as ruas de Basauri durante cerca de três horas, sem qualquer intervenção das forças da polícia.

«DIA DE LUTA»

Sindicalistas da esquerda da província das Astúrias, no Norte da Espanha, pediram para hoje um «dia de luta», a seguir a uma semana de recontros nas ruas entre trabalhadores e a polícia, em consequência dos quais morreram cinco pessoas na região basca, a Lesta do país.

O alcaide de Oviedo, capital das Astúrias, emitiu imediatamente um comunicado, advertindo os habitantes contra subversão e tentativas para criar agitaçao.

Guardas civis erigiram barreiras nas estradas fora de Oviedo, uma medida destinada aparentemente a impedir trabalhadores de entrarem na cidade para se juntarem às manifestações.

Em Madrid, aguarda-se ainda esta semana que seja lida a sentença dos nove oficiais acusados de conspiração.

Os nove réus são incriminados especificamente de pertencerem a uma organização clandestina, a União Militar Democrática (U.M.D.) que pretende que a democracia seja introduzida imediatamente em Espanha.

SINDICATOS EUROPEUS PÕEM CONDIÇÕES

BRUXELAS, 10 — (R) — A Confederação dos Sindicatos Europeus (C.S.E.), representando 37 milhões de trabalhadores em 17 países, estabeleceu seis condições prévias para a admissão da Espanha no Mercado Comum e no Conselho da Europa.

As condições prévias são a libertação de presos políticos, liberdade para exilados políticos regressarem à Pátria, liberdade sindical, liberdade para os partidos políticos, eleições sob sufrágio universal directo e plenos direitos humanos.

A declaração foi feita após consultas com representantes da classe operária em Espanha — disse o secretário-geral, Carlsen.

Carlsen acrescentou que a C.S.E. forneceria um auxílio de 30 mil francos franceses a mineiros em greve na província das Astúrias, no Norte de Espanha.

JUAN CARLOS RECEBEU O PAI

MADRID, 10 — (FP) — Dom Juan, conde de Barcelona e chefe da Casa Real de Espanha, deixou Madrid, a noite passada, depis de se haver avistado no Palácio da Zarzuela com seu filho, o rei Juan Carlos I, com quem discutiu «problemas exclusivamente familiares» anuncia um comunicado oficial.

O documento não alude aos boatos que corriam acerca da intenção de Don Juan de abdicar os seus direitos à Coroa de Espanha a favor de seu filho.

Chegado ontem de manhã, o conde de Barcelona vinha pela primeira vez a Espanha desde a proibição de aqui permanecer que lhe fora aplicada em Junho de 1975, devido às declarações antifranquistas por ele feitas no Estoril.

Don Juan, que almoçou com o soberano, partiu para Lisboa num avião do Governo espanhol. Juan Carlos acompanhou-o de helicóptero ao aeroporto de Barajas.

Desertores libaneses ocupam terceiro posto

SIDON (Líbano), 10 — (R.) — Desertores do Exército Libanês ocuparam às primeiras horas de hoje um quartel próximo da fronteira israelita, declararam residentes locais.

Foi o terceiro posto de fronteira tomado pelos rebeldes nos últimos três dias.

Os residentes disseram que não houve lutas e os desertores eram adeptos do tenente Ahmed Al-Khatib, que se revoltou em Janeiro passado e constituiu aquilo que ele próprio classifica como um «Exército Árabe Libanês» no Líbano Oriental.

O quartel está situado em Khiam, a cerca de cinco quilómetros da fronteira. Tropas amotinadas estão também a ocupar um posto de artilharia em Arnoun e instalações militares em Rashaya.

Entretanto, uma situação de segurança em deterioração e um surto de motins no Exército estão a exercer crescente pressão sobre as autoridades libanesas, sírias e palestinianas, que tentam em conjunto estabelecer uma paz duradoura no Líbano.

Beirute assistiu ontem a uma significativa vaga de 40 raptos, a maior parte dos quais em áreas fortemente envolvidas nos nove meses de guerra civil.

Estes incidentes adiccionados a um impasse entre os dirigentes políticos do país sobre a forma de um novo Governo estão a impor uma crescente pressão sobre o cessar-fogo de 22 de Janeiro, patrocinado pela Síria e posto em prática com o auxílio de forças palestinianas estacionadas naquele país.

O presidente libanês, Suleiman Franjieh, declarou que um dos motins, num posto de artilharia apenas a seis quilómetros da fronteira com Israel, poderia fornecer aos israelitas um pretexto para entrarem na área.

ACUSAÇÃO A GADDAFI

CAIRO, 10 — (R.) — O jornal de grande circulação «Al-Akhbar» acusava hoje o dirigente líbio Muammar Gaddafi de organizar um plano para raptar o seu próprio ministro dos Negócios Estrangeiros no Cairo e levá-lo para Tripoli.

O órgão do P.C. chinês ataca Teng Hsiao-ping

PEQUIM, 10 — (R.) — O Partido Comunista Chinês deu hoje instruções que parecem anunciar a condenação política do vice-primeiro-ministro Teng Hsiao-Ping, mas tornou claro que a actual campanha antidireitista não deveria transformar-se em violência.

O órgão do partido, o «Diário do Povo», publica acompanhado por uma nova citação de um pensamento do presidente Mao Tse-Tung um extenso editorial que classifica Teng como um burguês que se opôs ao socialismo.

Embora não nomeasse o vice-primeiro-ministro, alude inegavelmente a Teng, ao designá-lo como um «partidário do capitalismo» que virtualmente não tinha perdão.

Há apenas dois meses, Teng era considerado como o segundo homem mais poderoso da China. Observadores salientam que o editorial, com toda a autoridade do P. C. acabara aparentemente com quaisquer esperanças de sobrevivência política que Teng pudesse acalentar.

O editorial dizia que a campanha não deveria alastrar como a tumultuosa Revolução Cultural dos anos 60, quando «guardas vermelhos» ultra-esquerdistas percorreram a China nos chamados «grupos de combate».

O editorial ordenava ainda que a campanha não impedisse a laboração na indústria, agricultura ou defesa nacional, devendo ter como objectivo o progresso da unidade e da estabilidade.

Observadores notaram que esta foi até agora a indicação maisclara de que os dirigentes comunistas se mostram ansiosos por a condenação veemente dos «partidários do capitalismo» não conduzir ao caos económico ou à agitação social.

Observadores conjecturaram que as críticas a Teng poderiam ser acompanhadas de ataques a outros funcionários que, como ele, foram saneados durante a Revolução Cultural, mas reabilitados mais tarde.

Ford e Carter vencedores nas primárias da Florida

ORLANDO (Florida), 10 — (R.) — O presidente Gerald Ford e o democrático Jimmy Carter obtiveram importantes vitórias nas eleições primárias da Florida.

Com quase todos os votos contados, Ford estava à frente do seu rival republicano, Ronald Reagan, por 53 contra 43 por cento e Carter, antigo governador da Geórgia, vencia o governador do Alabama, George Wallace, por 35 contra 32 por cento na disputa democrática.

O dirigente da campanha do Presidente, Howard «Bo» Calloway, disse não poder ver qualquer hipótese de Reagan ganhar. Especialistas políticos previam que apenas uma derrota inesperada de Ford numa primária futura poderia recolocar o antigo actor de cinema na corrida para a Casa Branca.

A vitória de Carter constituiu uma derrota retumbante para Wallace, um sulista que obteve uma vitória fácil nas primárias da Florida em 1972. O resultado deu a Carter um importante incentivo na sua tentativa para ser nomeado candidato do Partido Democrático nas eleições de Novembro.

Carter declarou aos seus adeptos que o aclamavam numa reunião triunfante em Orlando: «Penso que há um novo Sul e uma nova América. Sou o candidato mais provável para conquistar a Presidência.

Tanto os republicanos, com o seu milhão de eleitores registados, e os democráticos, com 2,4 milhões, anunciaram uma forte afluência às urnas, apesar da chuva, das tempestades e de avisos de tornados.

O senador Henry Jackson, do Estado de Washington, ficou em terceiro lugar na corrida democrática com 21 por cento dos votos — uma semana depois de se ter colocado à frente de Wallace e Carter vencendo as primárias do Massachusetts.

Especialistas políticos declararam que, em sua opinião, o resultado de Jackson na Flórida era suficientemente bom para lhe permitir manter o ritmo que conquistou no Massachusetts.

Mas tinham dúvidas acerca do futuro de Reagan. Agora enfrenta ameaças crescentes nas importantes primárias do Illinois, na próxima semana e na lista de Estados industriais do Norte, que se seguem.

Analistas políticos disseram que o resultado da Florida indicava que Reagan tinha errado, ao afirmar que as suas capacidades oratórias e a sua popularidade como estrela de cinema poderiam facilmente vencer as vantagens de um presidente em exercício.

Os colabocadores de Ford julgam que ele está agora numa posição para vibrar um golpe mortal em Reagan no Illinois na próxima terça-feira e consolidar a nomeação republicana antes da convenção do partido em Agosto em Kansas City, no Missouri.

O objectivo das primárias é escolher os delegados para as convenções nacionais.

Para conquistar a nomeação, um democrático tem de obter 1505 votos de delegados num total de 3008 na convenção do seu Partido, enquanto um republicano deve obter 1130 em 2259.

Caleidoscópio

■ FRANKFURT, 10 — (R.) — Um avião de passageiros encontrava-se hoje a postos no aeroporto de Frankfurt em resposta aparentemente à exigência de um indivíduo armado para ser transportado para Cuba com dois reféns, que detém no edifício do tribunal da cidade.

■ LONDRES, 10 — (ANOP) — O primeiro-ministro Harold Wilson deu ontem nova feição à polémica que envolve Jeremy Thorpe ao afirmar no Parlamento que a campanha de descrédito contra o dirigente do Partido Liberal é promovida por interesses sul-africanos.

■ WHITESBURG (Kentucky), 10 — (ANOP) — Quinze homens ficaram ontem encerrados numa galeria de uma mina de carvão do Kentucky, devido a uma explosão.

■ LONDRES, 10 — (F. P.) — O criminoso nazi Martin Bormann escapou à morte e vive numa pequena quinta do Leste da Inglaterra — afirma o jornal britânico «Guardian».

Espectáculos

ZIGMUNT KRAUZE DIRIGE SEMINÁRIO DE MÚSICA DE VANGUARDA

Zygmunt Krauze, um dos mais destacados compositores e pianistas polacos da jovem geração, dirigirá um seminário de música de vanguarda a realizar em Lisboa, de 6 a 10 de Abril próximo, por iniciativa da Gulbenkian.

O seminário, dedicado sobretudo a profissionais e alunos dos cursos superiores de clarinete, violoncelo, trombone e piano, contará também com a presença de compositores e professores e, eventualmente, outros instrumentistas.

A frequência é gratuita e a inscrição já está aberta na recepção da Fundação Gulbenkian.

Por ocasião do seminário, estão previstas as seguintes manifestações públicas: dia 6, «concerto pelo «Warsaw Music Workshop», constituídos por trombone, violoncelo, piano e clarinete, com a inclusão de instrumentos populares polacos; dia 9, conferência sobre «Experiência de um compositor», por Zygmunt Krauze, com música gravada, exemplificações ao piano, filmes e diapositivos, e dia 14, concerto pelos participantes no simário.

Zygmunt Krauze, nasceu em 1938 em Varsóvia, onde frequentou a Escola Superior de Música, tendo-se diplomado em composição com Kazimierz Sikorski e em piano com Maria Wilkomirska. Mais tarde completou os seus estudos com Nadia Boulanger, em Paris. Como pianista, especializou-se na execução de música de vanguarda. Em 1966, em Utrecht, obteve o 1.º Prémio no Concurso Internacional para Intérpretes de Música Contemporânea. Fundou e dirige o conjunto «Warsaw Music Workshop», com o qual se apresentou em muitos países europeus e nos E.U.A. Em 1970/71, foi professor de piano na Universidade de Cleveland. Nos anos de 1973/74, foi bolseiro em Berlim Oriental. Como compositor, a sua obra é bastante numerosa, incluindo peças para piano, diversos conjuntos instrumentais e vocais, e para orquestra.

TEATRO

As companhias de teatro subsidiadas pelo Ministério da Comunicação Social, têm em cena ou preparam as seguintes peças:

— Grupo de Teatro Seiva Trupe — «Lux in Tenebris», de Bertolt Brecht. Encenação de Pere Planella. Teatro Campo Alegre — Rua do Campo Alegre, 624 — Porto. T.311761.

— Companhia de Teatro Rafael de Oliveira — «A Mãe», de Bertolt Brecht, baseada no romance de Máximo Gorki. Encenação de Carlos Wallenstein. Teatro da Trindade — T.323200.

— Grupo de Teatro Proposta — «Notícias do Poder», conjunto de «sketches». Encenação de Fernando Gusmão e Augusto Sobral. Rua do Vale Formoso, 18 — Marvila.

— Grupo 4 — «O Círculo de Giz Caucasiano», de Bertolt Brecht. Encenação de João Lourenço. Teatro da Praça de Espanha.

— Grupo de Teatro Comuna — «Fogo», texto colectivo. Encenação de João Mota. Casa da Comuna, à Praça de Espanha: T.762624.

MARIA VITÓRIA

Todos os dias 2 sessões às 20.30 e 22.45

(Não aconselhável a menores de 18 anos)

A PLURALIREVISTA DO POVO PARA O POVO

FORÇA, FORÇA, CAMARADA ZÉ!

SALVADOR

★

HENRIQUE SANTANA

VÍTOR MENDES

CARLOS GONÇALVES

à frente de um grande elenco e de um corpo de baile internacional

Atracção nacional:

CIDÁLIA MOREIRA

Aos Domingos e Feriados: «Matinée» às 16 h.

2.as feiras: Descanso da Companhia

Aos Sábados: TEATRO INFANTIL às 16 h. (para todos)

«O PRÍNCIPE DAS ORELHAS DE BURRO»

Entradas a 10$00, 15$00 e 20$00 (só!)

PRECISA-SE

MULHER QUE SAIBA COZINHAR

Idade 25 a 40 anos, para casa particular.

Bom ordenado.

Resposta:

D. JUAN TORRES CALVI

Av. Reina Mercedes, 33 SEVILHA-ESPAÑA

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde Rua Luís de Camões

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

«AH Q», tragédia chinesa baseada em Lu Sun, a de Jean Jourdheuil e Bernard Chartraux. Tradução: Luísa Neto Jorge. Encenação: Luís Miguel Cintra. Assistente de encenação: Helena Domingues. Director de cena: Alexandre Passos. Cenário e figurinos: Cristina Reis. Assistente técnico: Paulo Cintra Gomes. Montagem: Fernando Correia. Colaboração de montagem: Manuel Barata. Cenografia: José Maria Marques. Guarda-roupa: Emília Lima. Ajudantes de guarda-roupa: Catarina M. dos Santos, Maria de F. Ruela, Ana Maria Música: Paulo Brandão. Interpretação musical: Paulo Brandão, Leonor Moreira, Maria J. Semiano, João P. Malta. Iluminação: O. Worm e Beça. Interpretação: Orlando Costa, Jorge Silva Melo, Glicínia Quartin, Rui Furtado, Luís Lima Barreto, Marcia Breia, Raquel Maria, Augusto de Figueiredo, Jorge de Nascimento, Alexandre Passos, Luís Miguel Cintra, Lia Gama, Gilberto Gonçalves. Colaboração na encenação: Jean Jourdheuil. Grupo de Teatro da Cornucópia. Teatro do Bairro Alto (R. Tenente Raul Cascais). 5/3/1976.

Crítico é aquele que pode transpor para uma outra forma ou traduzir em elementos novos, a sua impressão da beleza.

ÓSCAR WILDE.

A dialéctica do pleno e do vazio

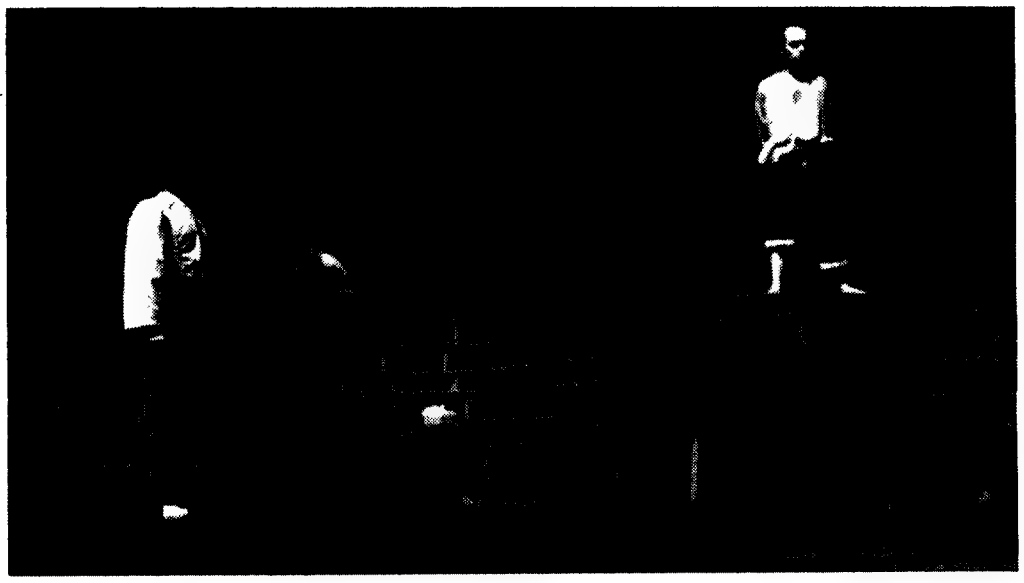


Imagem de «Ah Q», a primeira peça contemporânea a ser estreada pelo grupo da Cornucópia

Admirável.

Se o leitor tem pressa e o adjectivo lhe basta para fazer a sua opção — aí tem: espectaculo admirável pelo texto que, com perdão dos autores, nos pareceu ainda mais belo na tradução de Luísa Neto Jorge: admirável pela encenação (Luís Miguel Cintra) com tudo o que o termo implica: a invenção do espaço cénico, a ocupação física (dramática) e sonora desse espaço, a criação de sinais, a direcção de actores: admirável pela música (Paulo Brandão): admirável pela interpretação: admirável, em vezes admirável, pelo trabalho de Jorge Silva Melo em Ah Q (leia: A Kiu): admirável pela beleza do todo.

Se o leitor não tem pressa, poderemos perder mais algum tempo a falar de um espectáculo que nos fez regressar aos tempos do «Anfitrião» cuja importância na história do teatro português contemporâneo é semelhante à dos primeiros espectáculos de António Pedro no TEP. É certo que para analisar este «Ah Q» (apetecia-nos escrever: para o degustar) precisaríamos de o ver várias vezes e de dispor de todo o espaço deste jornal. Na impossibilidade de uma e outra coisa, tentemos desenvolver, ilustrando-o, o primeiro parágrafo deste comentário.

Antes de mais nada, ponhamos de parte as veleidades de ler no espectáculo do Teatro da Cornucopia, e sobretudo na sua personagem principal, quaisquer implicações para além daquelas que estão contidas na própria realidade dramática que é o espectáculo. Quer isto dizer que repudiamos o carácter simbólico de «Ah Q» como tentativa de criação de uma personagem popular. Ao contrário do que pretendem os autores, o encenador e o intérprete (em «A Capital») não vemos em «Ah Q» outra coisa do que ele próprio. Será possível encontrar na personagem linhas de comportamento que se identificam com as do rosto de outras figuras populares: personagens da **commedia dell'arte**, o soldado Schweyk, e, sobretudo, o Ruzante da Comédia Mosqueta e a personagem do Grand-Guignol (1), e de forma muito mais atenuada do nosso Zé Povinho. Acontece porém, que ao contrário do que pelos vistos pensam os principais responsáveis por este espectáculo, não se pode negar a historicidade da «personagem popular». Por outras palavras: uma figura popular vicentina não será a mesma coisa que uma figura popular nossa contemporânea. Uma figura popular nascida aqui não se identificará automaticamente com uma figura popular nascida algures no Oriente. O povo não é uma entidade abstracta nem uma força estática. É, pelo contrário, uma força em movimento e a sua dinâmica implica o carácter dialéctico dos seus símbolos. Não levemos a irracionalidade (cara aos autores) demasiado longe. Por isso, e para usar uma terminologia linguística, tentemos verificar a carga denotativa deste espectáculo, deixando as improváveis conotações para mais tarde.

Jourdheuil e Chartraux foram buscar este texto dramático a um conto de Lu Sin, autor chinês comtemporâneo (morreu em 1936) que a Portugália Editora revelou entre nós há uns dez anos. Não dispomos de espaço para comparar uma e outra obra nem isso nos interessa muito. Interessa-nos mais sublinhar as consequências implícitas no movimento sofrido pelo texto: um conto chinês, cuja acção decorre em 1911, traduzido para francês e, nesta língua, transformado em teatro por dois autores que, como dizem, viveram a experiência de Maio de 1968, além de certamente se interessarem pela revolução cultural maoista e, após isso, traduzido, é posto em «teatro português» — com o lastro cultural que a expressão denuncia — por um encenador e por uma equipa aos quais aquelas experiências não foram certamente indiferentes e que têm do teatro determinadas concepções concretizadas nos seus espectáculos anteriores. Estas várias passagens do texto até ser o espectáculo da Cornucópia parecem-nos significativas por contribuírem para um entendimento de um e de outro nos seus respectivos parâmetros ou limites.

«Ah Q» é um jornaleiro que trabalha para o clã dos Tchao. A sua dialéctica é a do pleno e a do vazio: tem o estômago vazio e a tijela cheia: bebe e fica com o estômago cheio e a tigela vazia. Quando o espectáculo se inicia, Ah Q comenta com um colega a próxima chegada do filho do sr. Tchao que acaba de se bacharelar e regressa a casa, onde esposa uma jovem que os pais lhe indicam. Apesar do velho Tchao manhosamente elogiar o seu trabalho, o facto é que a tarefa preferida de Ah Q é o descanso — essa é a sua forma de resistência ao Poder. Se todo o comportamento da personagem é uma negatividade (trata-se como já se entendeu de um herói negativo), logicamente é o reflexo da sua total alienação. Não há em Ah Q o mais leve lampejo de consciência de classe. Recusando-se ao trabalho ou aliando-se aos rebeldes, prometendo a destruição do clã dos Tchao ou revoltando-se contra os deuses, nunca Ah Q transforma qualitativamente a sua actuação: A sua morte é o resultado não de qualquer acto revolucionário mas da sua imprestabilidade incómoda (Ah Q era afectado: atrevera-se a dizer que pertencia ao clã: era inconveniente: pretendera violar a criada do clã; era: visto do lado do clã: perigoso: fora ladrão e dizia-se amigo dos rebeldes). Não é possível, parece-nos, encontrar nesta personagem nada que politicamente ou ideologicamente a identifique como um símbolo. Interessa-nos, em contrapartida, detectar a sua tremenda força dramática, a sua capacidade de transformar dramaticamente uma realidade que só aceitamos como teatral. Para projectar essa realidade, Luís Miguel Cintra imaginou um dispositivo cénico — que é uma das mais belas invenções do nosso teatro e deixa na sombra, como aliás todo o espectáculo, a criação parisiense que vimos quando da estreia — dispositivo formado por duas estruturas em madeira que ocupam o centro da sala, ligadas por uma superfície plana, o conjunto envolvido por bancadas laterais para os espectadores. Essas estruturas são constituídas por pranchas que se vão elevando sucessivamente, quase em forma piramidal, como se se tratasse de duas pequenas montanhas ligadas por uma pequena planície. Utilizamos estas palavras, embora para nós o cenário deva ser visto apenas pelo seu significado dramático. As estruturas de madeira são finalmente limitadas por duas cortinas pintadas, uma delas com montanhas nevadas e a outra onde há, como naquela, uma superfície azulada. O espaço é coberto por resíduos de cor semelhante e há pequenas lâmpadas vermelhas que se acendem de acordo com determinadas propostas (a chegada do filho Tchao, o espaço de uma tirada teatral de Ah Q), e o espaço é delimitado por pequenas lâmpadas de luz branca. O espectáculo assenta em três níveis significantes essenciais: as palavras do texto, o movimento ou estatismo das personagens, a música de percussão e os ruídos que constroem, uma e outros, uma rede sonora que funciona duplamente: como apoio do texto e da marcação, e como criação de um tempo específico, ou seja de um ritmo.

A marcação não obedece a um esquema realista: as entradas e saídas das personagens, as suas posições em cena não são hierarquizadas (no espectáculo francês havia um espaço para os senhores e um espaço para os escravos): observâmos, todavia, uma excepção importante: no final, Ah Q assume a posição mais alta, como se tivesse consciência de que o seu papel na tragédia adquirira um outro significado (o que a nosso ver não é o caso). Isso permite transformar a sua morte numa bela cena: o tiro do soldado que o fuzila (fora também o juiz que o julgara e condenara) parte de baixo para o alto. Ao estatismo das personagens nobres opõe-se o movimento das personagens plebeias (embora o esquema não se deva tomar à letra) como à fala literatizante do sr. Tchao e política do estrangeiro colonialista, opõe-se a linguagem viva, por vezes contestatária, das personagens populares (já disse que o texto português é um dos grandes trunfos deste espectáculo).

Escravo com alma de escravo, Ah Q? Nem tanto. São, porém, os signos criados pelo encenador que desocultam as potencialidades da personagem, a sua enorme força poética. Para dormir, Ah Q puxa de sob uma prancha um pano azul coberto de estrelas. O sono é para ele, o seu espaço de beleza, o seu paraíso. No seu terceiro sono, o ano está reduzido a uma espécie de bolha que Ah Q enfia na cabeça. No último, deita-se simplesmente no chão: acabou-se o tempo dos sonhos. Numa das mais belas cenas da peça, um longo véu branco é estendido sobre parte da estrutura — é ao mesmo tempo o nevoeiro a que se referem as personagens (como quando o meu menino desapareceu, diz a criada), e o leito de amor em que Ah Q quisera possuir Wou Ma, a criada que enviuvara duas vezes e não quer repetir a experiência.

O espaço cénico funciona para o espectador como um «écran» tridimensional como se o espectáculo fosse ao mesmo tempo cinema, como quer Jourdheuil, pintura e som. As personagens movem-se ou permanecem estáticas (a beleza daquela abeca nua olhando as montanhas!), ocupam o espaço apenas com a sua presença, constituindo como que pontos de referência do universo de Ah Q, ou com os seus ruídos* (personagem batendo numa bacia com pequenas pedras ou com feijões, por exemplo), trabalham ou deslizam silenciosamente realizando determinadas tarefas (tarefas do quotidiano como depenar uma galinha, apanhar piolhos, escrever, fazer a comida) ou tarefas fantásticas (como a de espalhar lentamente «confettis» ou passear um espelho pela paisagem). Nessa criação de movimentos, de sons, de cores, nessa linguagem sonora e plástica, e que parece por vezes gratuita mas faz parte de um todo que se exige absoluto como um quadro de Vermeer, o espectaculo aproxima-se da linguagem de Peter Stein, e não vejo que maior elogio lhe possamos fazer. É na coerência dos seus elementos plásticos e sonoros (as cores das bandeirinhas que surgem no fim têm a ver, por exemplo, com a cor do solo ou das cortinas, como o jogo dos figurinos corresponde a essa mesma exigência de unidade, e a música de percussão tem a ver com os ruídos que as personagens executam), como é no nível atingido pela equipa que o espectáculo assume o seu significado. No entanto, Luís Miguel Cintra da-se ao luxo de utilizar elementos de aparente **non sense** que, no entanto, se inscrevem admiravelmente no conjunto. É o caso muito em especial da cesta minhota utilizada pela sr.ª Thcao que funciona naquele contexto chinês como se lhe pertencesse (a não ser que nos venham dizer que a cesta é de origem chinesa!); é o caso do espelho que Augusto Figueiredo empunha no final e que participa da mesma carga de fantástico das asas gigantescas que uma personagem abre e fecha (bela invenção chinesa!), do fogo e do fumo que surgem cada um do seu lado; da pequena macaca e do cão que funcionam como se nunca tivessem feito outra coisa. É certo que a personagem do cão é do original. Simplesmente participa aqui de uma forma perfeitamente coerente com o todo do espectáculo como se também ele fizesse parte, com os actores, as pequenas pedras, os sons, as cores, os movimentos, as palavras, e tudo, dessa respiração mágica que é o espectáculo, desse maquinismo maravilhoso. E tudo isto, sem que este «Ah Q» pareça exótico, que foi o que mais nos inquietou no espetáculo francês.

A criação de Jorge Silva Melo bem como o trabalho de todos os actores levar-nos-iam a gastar outro tanto papel. Direi apenas que Jorge Silva Melo constrói uma personagem de tal maneira — ao mesmo tempo realista e poética — marcada por momentos de uma grande violência física, com uma subtileza e uma inteligência, com uma capacidade de registos vocais — aqueles sons na garganta, o seu discurso ao imperador... — que não vemos que fosse possível fazer melhor. E que beleza a interpretação de Glicínia Quartin, como ela se defende bem naquela cancão. Tão difícil, sem acompanhamento: como Augusto Figueiredo parece outro: o desenho admirável, a intencionalidade das personagens criadas por Luís Miguel Cintra. Como Rui Furtado representou como nunca o vimos representar: como Márcia Breia deu estupendamente a grosseria da sr.ª Tchao e Raquel Maria delicadeza sem esperança da noiva; como Lia Gama se metamorfoseou numa personagem aparentemente marginal mas que faz parte do universo onde há algo de alucinante deste espectáculo: de como Orlando da Costa consegue acompanhar Jorge da Silva Melo, e todos os outros constituem um conjunto que revela um poder de direcção invulgar entre nós.

Não se veja nenhuma contradição entre as nossas posições políticas e a forma como aceitamos e defendemos este espectáculo. Uma obra de arte será tanto mais revolucionária quanto mais bela for. E se nos interessam mais (e supomos que ao público português) obras que falam mais directamente de problemas que mais directamente se referem à sociedade portuguesa, não podemos recusar o que consideramos um acto de mera justiça. E numa obra onde há senhores e escravos — não está implícita a Revolução?

P. S. — Chamo a atenção para a importância dos «textos de apoio» publicados pela Cornucópia.

(1) Quando Ah Q se prepara para comer o seu próprio corpo (belo trabalho corporal de Jorge) está a citar um gesto de **Grand-Guignol** como pudemos verificar recentemente em Paris num espectáculo histórico de Marcel Maréchal sobre aquele tipo de teatro popular.

teatro do bairro alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A (ao Rato)

Tel. 661515

Bilhetes à venda

Proibida a ent. após início do espectáculo.

Teatro da Cornucópia

[Ah Kiu]

3.º a sábado, às 21.15 h

domingo, só às 18.30 h

(Não cons. a men. de 13 anos)

CONCERTO PARA TRABALHADORES

Os trabalhadores da fábrica Sepsa — Leça do Bailio, poderão assistir, no final do seu período de trabalho, a um concerto com a Orquestra Sinfónica do Porto, a realizar amanhã, quinta-feira, por iniciativa do INATEL.

Este espectáculo integra-se na série designada «Concertos em Diálogo», que o INATEL promove em colaboração com a Radiodifusão Portuguesa e nos quais participam também as Orquestras Sinfónicas de Lisboa e Porto, dirigidas por maestros portugueses.

Todos os concertos serão realizados em fábricas, à excepção de um, que terá lugar no teatro da Trindade.

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

NÃO É RADIOTELEVISÃO, É RADIOPROVOCAÇÃO

De provocação em provocação continua a vida política neste país. De provocação continuam o *Telejornal*, em particular, e a Radiotelevisão em geral. De há meses a esta parte o nojo voltou aos olhos do telespectador.

Primeiro, foi aquele notícia, proclamada exactamente por José Gabriel Viegas, um sujeito que não sei para o que nasceu, mas sei que não nasceu para locutor: é total a falta de ritmo, é aflitivo o desrespeito pelas vírgulas, quantas vezes não se percebe o que lê. Pois o Viegas vestiu a sua voz das melhores galas para anunciar, logo na abertura do *Telejornal* que rebentara um petardo (de carnaval?) na redacção de um vómito publicado ontem mesmo. Era como se estivessemos perante o acontecimento mais importante neste País — um País onde diariamente, com o total silêncio, com a total cumplicidade da Televisão, rebentam bombas e se molestam homens progressistas, gente honrada do nosso povo...

Depois, foi aquela menina agressiva perante a exigência de mudança de símbolo feita a uma organização neonazi.

Em seguida, perante a manifestação dos trabalhadores da Torralta sem salários, a imperturbável serenidade e compostura do dr. Campinos (há três anos, ele estaria certamente entre os dez mais bem vestidos do país) que prometia (ou ameaçava?) mandar o problema para o Conselho de Ministros.

Findo o que, a propósito da greve dos enfermeiros, Albino Aroso lamentava-se (bem vestido, bem repimpado, com modos de bem comido e sem problemas financeiros) de que houvesse quem se preocupasse com os seus problemas esqueçendo-se que estão ao serviço da comunidade...Ou seja: para o pepedista Aroso, estar ao serviço da comunidade não é razão de maior carinho, de maior atenção, de maior respeito pelas suas condições de trabalho, por parte dos responsáveis do Governo. Pelo contrário: a esses nem sequer é permitido o direito de defender os seus direitos. Podem ganhar pouco, podem viver mal, podem trabalhar em más condições: não faz mal. Estão ao serviço da comunidade e basta. O dr. Aroso obriga-os a vestir (voluntariamente, é claro...) o burel de franciscanos...

As provocações não ficaram por aqui. Viriam mais tarde quando o dr. Rui Machete (meu Deus, com que elegância este homem coça o olho!) declarou que só passara os olhos pelo caderno reivindicativo dos enfermeiros no dia em que findava o prazo indicado pelos enfermeiros!

Assim de provocação em provocação segue a vida política neste País. Perante tais provocações que prefiguram a vida para os trabalhadores caso as forças do P. P. D. e compadres viessem a dominar novamente a nossa Pátria, mais se evidencia a necessidade da unidade maior entre todos os antifascistas.

NA LAGOA DA REACÇÃO

Aconteceu que, não ficaram por aí.

Aconteceu que, não satisfeito com o destaque, ridículo na sua pompa, dado ao acontecido na redacção do novel pasquim fascista, o Telejornal foi ouvir a directora.

Não importa o que a directora declarou. Nem o que declarou foi novidade para ninguém, apenas se regista a informação de que não tivera qualquer interferência na colocação do petardo, mas isso não me cabe a mim investigar. Recordarei uma sua observação: o petardo, não sendo da responsabilidade dela, em todo o caso fizera-lhe imenso jeito como forma de propaganda...E o mais curioso é que o *Telejornal* se prestou ao jogo de fazer propaganda da contra-revolução!

Estão os leitores recordados de que outro semanário dirigido pela mesma dama foi suspenso pelo Conselho da Revolução por ofensas ao Presidente da República. O que sucede? Sucede que o Telejornal não tem o mínimo sentido da responsabilidade quando se resolve a fazer o jogo desta dama, que é fazer jogo da reacção mais negra: a atitude do *Telejornal* insere-se na campanha dos partidos da direita no sentido de desacreditar e desautorizar o Presidente da República e outras personalidades que a reacção abomina.

A presença na Televisão deste fantasma repugnante do passado è uma afronta aos portugueses amantes da democracia desejosos de estabilizar a nossa situação política. Esta presença é uma provocação inadmissível.

Os responsáveis da Televisão só têm um caminho: a rua.

COM A SETA DE FORA

Estávamos, porém muito longe de ter esvaziado o cálice da amargura.

Eis que no horizonte nos aparece a imagem do dr. Rui Machete (meu Deus, que bem este homem vira a folha?) deputado pelo partido de Carneiro. Vinha para mais um *momento político* que duraria cerca de 29 minutos.

Acontece que estamos num período pré-eleitoral e que os ministros, dada a sua filiação partidária, transformam automaticamente as suas presenças na Televisão em pretexto para propaganda partidária. A permanência no Governo dá-lhes o desejado alibi para irem à Televisão.

Ora ir à Televisão é criar uma imagem junto do público é meter-se pelos olhos dentro. Quem vai à Televisão é para *vender*. Não fora assim e não se justificava a publicidade das lacas e dos detergentes, paga a peso de oiro. E é tal a insistência dos ministros, secretários e subsecretários em aparecerem na Televisão que o objectivo da manipulação partidária se mete pelos olhos dentro. Começam agora alguns a compreender que uma das finalidades da manobra iniciada com a greve do IV Governo, era exactamente a conquista de pontos estratégicos com vista às eleições legislativas, conquista que veio a efectivar-se com o 25 de Novembro.

Que era assim, já se sabia. Mais ou menos camufladamente, os secretários e subsecretários e ministros faziam a imagem pública do seu partido. Lopes Cardoso ora na Televisão nos aparece como ministro da Agricultura, ora nos aparece em funções de membro de um partido. Quando vem Zenha, vem senha. Ou quando vem Campinos. Sabemos já que é do partido Socialista que se trata.

Mas, de qualquer modo, evitaram tornar essa ligação demasiado visível. Quando aparecem como ministros, é como ministros que aparecem. O resto vem por acréscimo.

Com a presença de Rui Machete até esse mínimo de decência se perdeu. Machete (com que elegância este homem coça o nariz!) ostentava o emblema do seu partido de forma escandalosa: a seta de material sofisticado, tinha constantes reverberações quando Machete se mexia — e talvez por isso Machete se mexia tanto. No fato escuro, a seta brilhava, acendia-se, criava súbitas auréolas, provocava um centro de interesse, monopolizava as atenções do telespectador, era um hipnotizanço de antecipação científica era uma vergonha.

Que, nas andanças da luta eleitoralesca, se perca de tal modo o sentido do mínimo respeito por isso a que Carneiro chama «jogo democrático», ainda se compreende. Que os responsáveis da RTP permitam tais factos eis o que mais dificilmente se entende. Quando muito, poderiam chamar a atenção dos espectadores, qualquer coisa assim: «Cuidado, caros espectadores, o fascismo está escondido mas com a seta de fora...»

Radiotelevisão? Proponho que se mude o nome para Radioprovocação.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais para um Plenário a realizar na Voz do Operário no dia 17 de Março de 1976, pelas 20.30 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

ÚNICO: Integração da Previdencia no Estado (Conclusão do Plenário de 23.2.76)

NOTA: Pede-se a todos os Delegados Sindicais para se fazerem acompanhar do cartão de Delegado Sindical e do cartão de sócio ou Bilhete de Identidade.

Lisboa, 5 de Março de 1976

Pel'A DIRECÇÃO

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

PROFESSORES APOSENTADOS

PLENÁRIO NACIONAL

Convocam-se os professores aposentados, para um Plenário Nacional, a realizar na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, **no dia 11 de Março pelas 15,00 horas.**

A Ordem de Trabalhos é:

1) Período informal de informação, antes da Ordem de Trabalhos
2) Discussão, aprovação ou rejeição de propostas reivindicativas.
3) Designação de uma Comissão, a nível nacional, para contactar com os diferentes departamentos de Estado.
4) Comissão representantiva para enviar comunicados e intervir junto dos órgãos de comunicação.

Apela-se à presença massiva de todos os professores aposentados e no activo neste primeiro Plenário Nacional.

A COMISSÃO DIRECTIVA

DO SINDICATO DOS PROFESSORES

Hoje

«Memórias do subdesenvolvimento

I PROGRAMA

19.00 Abertura e **«David»** — série filmada.

Trata-se da vida de um rapazinho, dos problemas que lhe surgem no dia a dia e como ele e a família os enfrentam e resolvem.

19.30 **Magazine do Norte** — transmissão dos Estúdios do Porto.

19.55 **Desenhos Animados**

20.15 **Vamos Jogar no Totobola** — prognósticos para o próximo concurso.

20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.

21.05 **Programa do Estado-Maior-General das Forças Armadas**

21.30 **Noite de Cinema** — «Memórias do Subdesenvolvimento» — actores principais: Sérgio Corrieri, DaisyGranados, EslindaNuñez, RenédelaCruz e Omar Valdés. Realização: Tomáz Gutierrez Alea.

22.45 **Telejornal** — 3.ª edição

923.00 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **«Lua de Papel»**

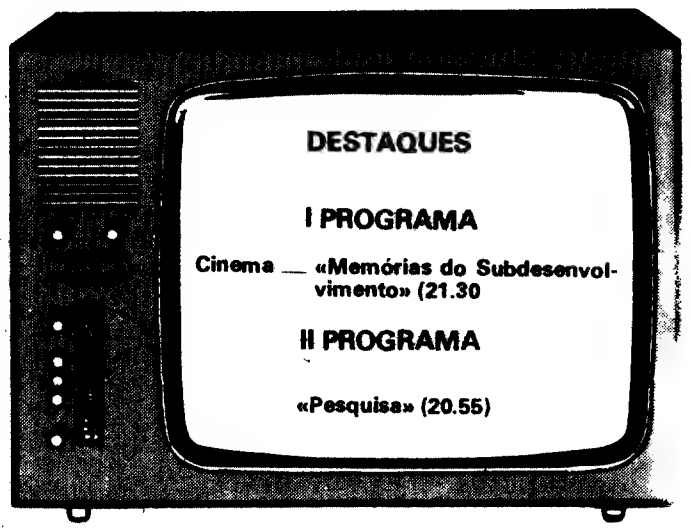
20.25 **As Pedras e o Homem** — as grutas de Mira d'Aire.

20.55 **«Pesquisa»** — série filmada.

22.05 **Expedição**

22.30 **Telejornal** — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.

23.00 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período — 13.15: Abertura e Telejornal — 1.ª edição; **13.30:** «O Golfi Branco» — série filmada; **14.00:** Logo à Noite — cartaz dos cinemas e tea de Lisboa e Porto e da TV.; **10.10:** Língua Portuguesa (1.º ano); **14.35:** Mate tica (2.º ano); **15.00:** Francês (1.º ano); **15.25:** Ciências da Natureza (2.º a **15.50:** Educação Visual (1.º ano); **17.10:** Matemática (1.º ano); **17.35:** L Portuguesa (2.º ano); **18.00:** Trabalhos Manuais (1.º ano); **18.25:** Francês ano); **2.º Período — 19.00:** Abertura e Festival de Coros Juvenis: **19.35:** «A cha Negra» — série filmada, baseada na conhecida obra literária de R Louis Stevenson: **20.00:** TV Palco — actualidade teatral: **20.30:** Telejorn 2.ª edição: **21.05:** Momento Político: **21.45:** «Os Thibault» — série re da para a Televisão Francesa por André Michele e Alain Boudet: **22.45:** jornal — 3.ª edição: **23.00:** Fecho.

II PROGRAMA

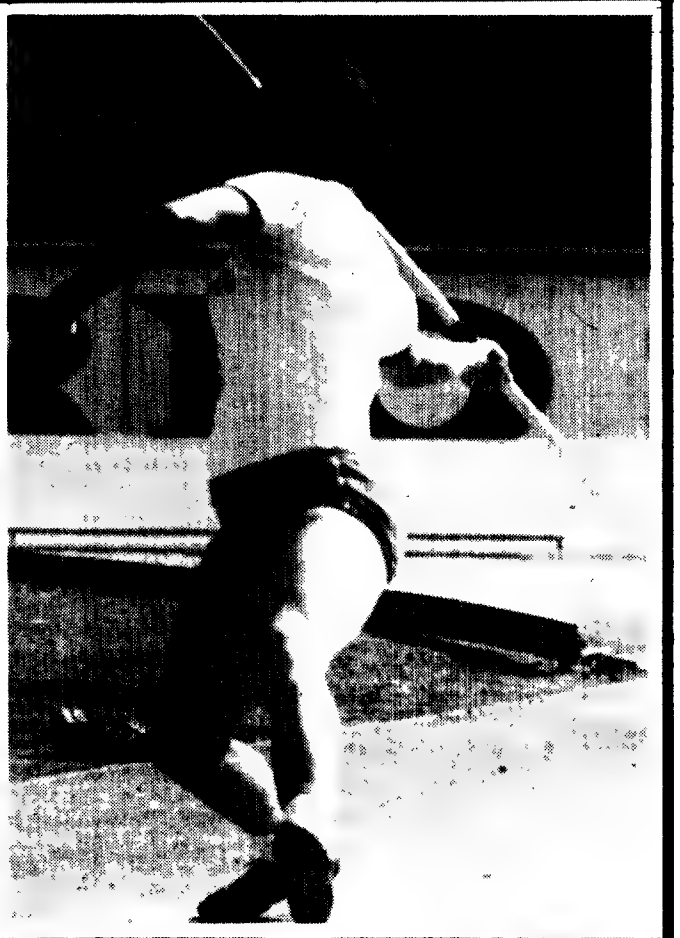
. . . . **20.00:** Abertura e «O Golfinho Branco»: **20.30:** Eurovisão — Concerto d Nações Unidas. Comemorando o 30.º aniversário da O.N.U. em Nova Ior No programa: «Cantata para a Posteridade», de Gottfried von Einhem (estr mundial) e a 7.ª Sinfonia, de Beethoven. Orquestra Sinfónica. Coro do Temp da Universidade de Viena. Solistas: Dietrich Fischer-Dieskau e Julia Hamari Sob a direcção de Carlo Maria Giulini. Realização de John Culshaw. Apresentação do D.P.M.R.; **22.05:** Telejornal — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30; **22.30:** Fecho.

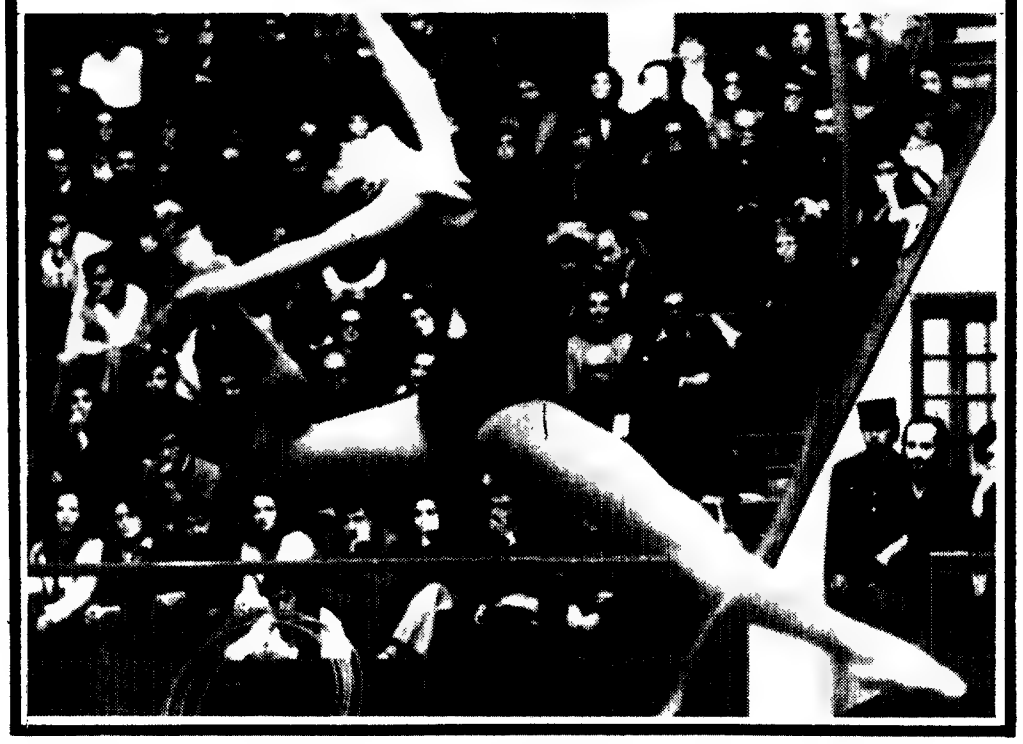
PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus 13-B - Rua Marau 8

Desporto

Feminilidade

Até onde a intensa prática desportiva pode roubar à mulher a sua graciosidade, a feminilidade que a torna o ser mais belo da criação? Aqui temos uma lançadora polaca, ora a estagiar no Vale do Jamor (a campeã Blecilacz, de seu apelido) que arremessa o dardo para além dos 57 metros de distância. Forte, possante, com músculos trabalhados e tronco de carvalho. Olhos determinantes, pulso de ferro e pernas de Hércules. Depois, a graciosa ginasta búlgara Greta Sapundgieva, mestra de desportos na sua terra, expressão de graciosidade e elegância, imagem pictórica arrancada a uma paleta inspirada. Busto correcto, pernas bem torneadas, cinturinha de vespa, braços longos e esguios, buscando o céu na imensidão quase vazia com que o Pavilhão dos Desportos (de Lisboa) ontem se apresentou às visitantes. Tem lugar a interrogação: como querem ser as desportistas de Portugal? Belas como a frágil Greta ou destemidas como a menina Blecilacz?





Cubillas na balança

"Cinco ministros" levará governo "verde" a Alvalade?

A passo (no início), velozmente (logo depois), a notícia tomou conta de certos sectores ligados ao futebol: Cubillas, o peruano que aufere mensalmente uma maquiazinha semelhante ao ordenado de cinco ministros, foi abordado por dirigentes do Sporting, no sentido de deslocar o seu ponto de gravidade das Antas para Alvalade, sem sequer esperar que a bolsa *generosa* do *benemérito* portuense Afonso Pinto de Magalhães seja escolhida para voltar a presidir aos destinos dos «azuis-brancos». Isto é: ao terminar o seu milionário contrato com os nortenhos, D. Teófilo (rapidamente entronizado no posto de «capitão» dos **azuis-brancos**, aí sucedendo a personalidade que marcaram a vida portista em muitas temporadas) fica numa encruzilhada: prosseguir ao serviço do patrão que o trouxe da Suiça, rumar até ao Peru (na terra natal, tanto o Alianza como o Cristal estão *ávidos* de o recuperarem para os estádios lá da terra) ou, então, fazer a bagagem e vir por aí abaixo, na inversa do que aconteceu a Dinis e Alhinho, do que se sabe ir acontecer com Vítor Damas. «Amor com amor se paga», dirão os «leoninos» dirigentes que pretendem, na época que só baterá à porta em Setembro, rechear o seu «plantel» com um suficiente número de «craques», de molde a que possam discutir, até à última gota, «taça», campeonato, torneio uefeiro e tudo o mais que surgir pela frente. Desfalcados (quase sem uma palavra de compensação), de elementos «internacionais» de alto gabarito, os sportinguistas passam (com certa legitimidade) ao ataque: Cubillas ficou no ponto de mira, enquanto Seninho permanece na reserva do interesse.

É evidente que o mais contestável da notícia é, na realidade, o montante que uma eventual transferência de Cubillas para o Sporting iria envolver: dinheiro graúdo, em face da indemnização que seria obrigatório ir contemplar o F. C. Porto, dado o monte de dólares que viajaram para fora das nossas fronteiras quando o peruano deixou as neves suiças e desaguou em Portugal. Mais: não se acredita, assim, à priori, que o próprio F. C. do Porto, lesto a conseguir reforços a peso de ouro (80 e tal para um guarda-redes, à volta de outro tanto para um «back» do Restelo, mil e tal prometidos de «luvas» se certo treinador aceder em regressar às Antas...) vá, agora, perder o concurso da sua vedeta maior. Tampouco é crível que a abordagem sportinguista resulte, dado que a gerência dos *verde-brancos* é profundamente realista e não está disposta (em caso algum, afirmam-nos) a dispender gastos incomportáveis para os precários orçamentos que espartilham os mais ecléticos clubes portugueses. O que poderá suceder (isso, sim) é que, acicatado pelo anzol estendido pelo Sporting a Cubillas, o F. C. do Porto seja obrigado, mais cedo do que imaginava, a colocar um travão na sua cobiça. E, pelo menos, esperar a hora da decisão eleitoral no respeitante à sua futura directriz para, então, continuar na pesca ou recolher a bom porto. De qualquer modo, um grande susto já passou lá por casa.

No centro de uma «vingançazinha»?

N. de S.

Basquetebol com búlgaros

"Esperanças" falharam

Um grupo de basquetebolistas **búlgaros de idade inferior** aos 23 anos, venceu (no Porto) a selecção portuguesa de «esperanças», por 56-52. Ao contrário do que sucedeu em Lisboa com as camaradas da ginástica búlgara (que se exibiram, no Pavilhao do Parque Eduardo VII, para uma sala nua de espectadores: menos de quatro centenas de assistentes), o Porto acudiu ao pavilhão das Antas para aplaudir os jovens **encestadores** da Bulgária. Eis as equipas e marcadores de turno

PORTUGAL: José Coelho (Cruz-Quebradense), 8; Carlos Santiago (Acad. Coimbra), 3; António Sá (V. Gama); Roberto Ivo (Nacional), 2; Rodrigues (CDUP); Carlos Cabral (Porto); José Luis (Algés), 9; João Filipe (Porto); Raul Paula (Sangalhos), 4; Mário Sampaio (Algés), 6; Joaquim Aniceto (Benfica), 5; José Quintela (Cruz-Quebradense), 15.

BULGÁRIA: Taonev Ivan (7), Borislov Eilenkov (14), Dansil Galabov (7), Atanas Atanasov, Nikola Nikolov, Atanas Dikov (2), Nikolai Kolev (6), Flamen Stantchev (8), Ivan Manolov (3), Oleg Stefanov (9).

Ao intervalo Portugal perdia por 23-24.

Nota destacada: o mais baixo dos **pequenos** bulgaros mede 1 e 86 de altura...

Montreal: bilhetes à "bicha"

Centenas de pessoas fizeram ontem «bichas», em Montreal (Canadá) arrostando com temperaturas abaixo do ponto de congelação, para ver se poderiam adquirir alguns dos bilhetes que restam para os Jogos Olímpicos.

Marc Chartier, director interino da secção das vendas locais, revelou que mais de 5500 bilhetes foram vendidos a cerca de 450 a 500 pessoas. O pessoal teve de fazer horas extraordinárias para satisfazer os pedidos de bilhetes.

Ken Farmer, director-geral dos serviços relacionados com os espectadores, do Comité Olímpico organizador, disse que havia ainda dois milhões e 200 mil bilhetes para serem vendidos ao público e pelo correio. Cerca de 2 300 000 bilhetes foram já vendidos para o estrangeiro.

Portugal

BRAGA

Não restam dúvidas: o Sporting de Braga quer (mesmo) apresentar uma equipa com aspirações no próximo campeonato nacional. Depois de se ter falado no acordo **falado** dos bracarenses com o benfiquista Diamantino e com o aveirense Inguila, mais dois nomes surgem na grelha de partida: o do sportinguista Chico e o do desconhecido Chaves (guarda-redes do modesto Maia) que, também eles, estariam com um pé dentro do maior estádio minhoto.

CICLISMO

Enquanto o ex-coelima José Martins mantém o anónimo 72.º lugar na corrida Paris-Nice (encabeçada pelo belga Freddy Maertens, com um minuto e oito segundos de vantagem sobre o português), os nomes de quatro ciclistas cá da terra aparecem no rol de 1.ª categoria, elaborado pela Federação Profissional da modalidade: o do citado Martins, mais os de Agostinho, Mendes e Fernando Vieira. Por acaso, o último continua desempregado, ao mesmo tempo que os parceiros tiveram de zarpar para o estrangeiro a oferecerem a força do seu trabalho...

BOAVISTA

Está confirmado o interesse do Boavista pelo futebolista Vitor Pereira, que alinha no Desportivo da Companhia União Fabril.

MORTE

Aos 78 anos, faleceu Carlos Canuto, nome que, nas décadas 30 e 40, marcou a época da arbitragem futebolística. Ganhando a internacionalização quando isso era um quase tabu para os juízes portugueses, Carlos Canuto distinguiu-se por uma autoritária mas alegre forma de conduzir os embates de chuto, não raras vezes se dirigindo aos jogadores para lhes fazer lembrar que aquele era um jogo para **duros** e, portanto, não havia razão para sucessivos pedidos de marcação de **penalties**, por encostos na grande área. Carlos Canuto, figura exponencial do Atlético (como, antes, alinhara com as cores do Carcavelinhos) era casado com D. Lenínia de Almeida e vai esta tarde a sepultar, da Igreja de Alcântara para o Cemitério dos Prazeres. Paz à sua alma.

Na bola

O famalicense N'habola fez os três golos do seu clube frente ao Vilanovense: depois, perdeu um «penalty».

BILHAR

Mário Machado ficou em 9.º lugar no Campeonato Europeu de Bilhar, às três tabelas.

ANTECIPAÇÕES

Mais jogos de futebol, do calendário oficial, antecipam de um dia a sua marcação: Gil Vicente-Penafiel (15 horas), Vilanovense-Sporting da Covilhã e Paredes-Lourosa (16), mais o Feirense-Salgueiros (21 e 30) jogam para a 2.ª divisão, no sábado. A 3.ª divisão tem dois encontros: Costa da Caparica-Alcochetense (15 horas) e Elvense-Marrazes (16).

PAÇO DE ARCOS

Assembleia geral dos associados do Clube Desportivo de Paço de Arcos, na noite de 17 do corrente, para eleição da nova gerência da colectividade.

HÓQUEI EM CAMPO

A selecção nacional de júniores de hóquei em campo (jogadores com menos de 21 anos) participará no campeonato europeu, que vai desenrolar-se em Espanha.

Tempo

No Académico-Cuf (primeira parte) o árbitro Jaime Loureiro (Porto) apitou dois minutos antes do tempo regulamentar, não descontando o seu erro no período complementar do duelo futebolístico.

ESTORIL PRAIA

Sábado, pelas 16 horas, jogo grande para o nacional futebolístico da 1.ª Divisão: no «Antonio Coimbra da Mota» confrontam-se Estoril Praia e Benfica. É «dia do clube» para os estorilenses, que terão de munir-se de bilhetinho especial, no caso de quererem espreitar Simões e Torres face ao antigo emblema.

CACO

A jornada de encerramento do torneio de reservas hóquistas, que tem como prémio maior o troféu «Augusto Tavares», tem lugar a partir das 20 e 30 do próximo sábado, no rinque do Clube Atlético de Campo de Ourique. Há prémios e medalhas para distribuir pelas turmas concorrentes: Cuf, Sottomayor, Paço de Arcos, Sporting, Benfica e CACO.

JÚNIORES

Futebolistas júniores de Portugal e da Hungria actuam hoje, pelas 18 horas, no Estádio «Mário Duarte» (Aveiro), num jogo que será arbitrado por António Garrido, coadjuvado por Angelino Santos e Vítor Serra.

TREINADORES

Os membros do Sindicato de Treinadores de Futebol reúnem-se a 22 do corrente, para analisarem problemas relacionados com a sua profissão.

Geral

Mário Murteira no uso da palavra

Sessão do M.U.T.I.

Mário Murteira falou do desemprego

O problema do desemprego, sua natureza e causas; a análise de conjunto e o significado das diferentes políticas económicas dos sucessivos Governos Provisórios; e as alternativas que, segundo a sua óptica, se nos oferecem para orientar de futuro o modo de resolvermos os nossos problemas, foram os tópicos desenvolvidos pelo prof. Mário Murteira, ex-ministro do Planeamento Económico dos IV e V Governos, numa sessão de esclarecimento promovida pelo M.U.T.I. no Teatro Vasco Santana.

A anteceder a exposição daquele ex-ministro usou da palavra o advogado Luso Soares para tecer algumas considerações de circunstância acerca da personalidade e valor de Augusto Costa Dias, por quem foi guardado um minuto de silêncio. A propósito de Costa Dias, aquele jurisconsulto salientou a sua inteligência crítica, a sua vontade indomável e o seu talento de polemista ao serviço da causa dos trabalhadores, dos explorados e dos oprimidos durante os consulados de Salazar e Caetano.

Mário Murteira, por seu turno, divulgou números relativos à legião de desempregados, lembrando, que entre eles se encontram muitos milhares de jovens e de retornados das ex-colónias, além de militares desmobilizados. «Na estrutura capitalista em que vivemos», afirmou depois, «o número normal de desempregados não deveria ultrapassar os 40 mil», concluindo que a taxa de desemprego é neste momento de cerca de 10 por cento, podendo, portanto, equiparar-se a qualquer país capitalista.

Recordou o «golpe Palma Carlos» e o afastamento de Spínola — que coincidiu com «o desbloquear da descolonização» — para revelar que a taxa de desemprego actualmente existente representa o desajustamento entre a quantidade de postos de trabalho existentes e a disponibilidade e qualidade da oferta. Afirmou ainda que a quebra de produção industrial, especialmente no sector têxtil (o que ocupa mais mão-de-obra) se deve ao boicote dos importadores habituais, sobretudo a Grã-Bretanha. Assinalou, também, a «contracção brutal da emigração» como factor que pesa no número dos que não têm trabalho.

Reportando-se, por último, aos padrões de consumo entre nós, possíveis mediante um grande desenvolvimento das forças produtivas «que nos tornam cada vez mais dependentes do estrangeiro», Mário Murteira chamou a atenção para o esgotamento das nossas reservas de ouro num «prazo de dois anos» (se não forem tomadas medidas em contrário), o que, em sua opinião, não significa que «o País vá morrer de fome» ou que Portugal possa tornar-se um novo Chile.

PUB

A LUTA DOS TRABALHADORES DA FIRESTONE PORTUGUESA

COMUNICADO

Os trabalhadores do armazém de vendas da Av. Infante Santo, motoristas ajudantes e caixeiros vêm por este meio dar todo o apoio aos seus camaradas da Fábrica de Alcochete. Só não o fizeram mais cedo por não estarem devidamente esclarecidos da justa luta dos seus colegas de fábrica. Como tal, deliberaram em plenário tomar parte em todas as formas de luta que se processam em Alcochete.

Lisboa, 5 de Março de 1976

COMUNICADO

Aos trabalhadores de Alcochete

Não podendo deixar de ficar apreensivos pelos métodos postos em prática pelos camaradas de Alcochete consideram os trabalhadores da recauchutagem de Lisboa que a luta encetada por aqueles é uma luta justa e também sua. Assim querem esclarecer que não estão nem nunca estiveram contra os seus companheiros de trabalho como eventualmente poderia ter sido interpretado face a alguns comunicados difundidos nos órgãos de informação.

Os trabalhadores da Recauchutagem de Lisboa

Lisboa, 8 de Março de 1976

COMUNICADO

Os trabalhadores do departamento de quilometragem apoiam totalmente a justa luta dos seus camaradas da fábrica.

— Pela unidade dos trabalhadores
— Só unidos venceremos
— A Luta continua

Lisboa, 9 de Março de 1976

MOÇÃO

Os trabalhadores motoristas da Firestone em reunião geral de fábrica considerando que o advogado da administração desta empresa (Dr. Lopes de Sousa) defensor dos patrões e do capital em prejuízo não só dos trabalhadores motoristas mas também de todos os trabalhadores desta empresa decidem:

— Que a direcção do sindicato dos Rodoviários afaste imediatamente esse senhor advogado por ser incompatível a sua posição com os interesses gerais dos trabalhadores.

Esta moção foi aprovada em reunião por todos os trabalhadores motoristas e pelo plenário em geral.

Os motoristas da Firestone Portuguesa

MOÇÃO

Os trabalhadores da Firestone Portuguesa em luta pelo pagamento correcto dos retroactivos a que têm direito reunidos em plenário em 8 de Março de 1976 no refeitório das instalações fabris em Alcochete decidem:

1°. Manifestar o seu total apoio a todos os trabalhadores de outras empresas que neste momento se encontram em luta pelo direito ao trabalho ou pela melhoria das suas condições económicas e sociais.

2°. Exigir dos órgãos do poder a adopção de uma política que vise a defesa da classe trabalhadora e não a protecção aos capitalistas exploradores como tem vindo a suceder nos últimos meses.

3°. Dar conhecimento destas decisões ao Conselho da Revolução, ao Sr. Presidente da República, ao Primeiro-Ministro, ao Ministério do Trabalho e aos órgãos de Comunicação Social.

— Pelo fim da exploração capitalista
— Contra o divisionismo, unidade dos trabalhadores.
— Unidos e organizados venceremos.

Alcochete, 8 de Março de 1976

MOURÃO-FERREIRA VAI À POLÓNIA

David Mourão-Ferreira, secretário de Estado da Cultura, foi convidado a visitar a Polónia, em Maio, durante uma visita que ontem lhe fez o embaixador daquele país em Lisboa, Wosciech Chabasinki.

Durante a visita foram, ainda, discutidos assuntos relacionados com a intensificação do intercâmbio cultural luso-polaco, nomeadamente no que se refere a exposições de pintura a realizar nos dois países e à edição, de antologias de contistas portugueses e polacos nas duas línguas.

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34-1.° Lisboa
Telefones: 77 02 27 - 76 32 76 - 77 00 66

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores das seguintes empresas:

12-3-76 - Alves Ribeiro
15-3-76 - António Duarte Rodrigues & J. D. Rodrigues
15-3-76 - Betão Liz
16-3-76 - Distribuidora C. da Estremadura «Discer»
17-3-76 - Empresa de Transportes Galamas
17-3-76 - Empresa de Viação e Comércio de Alenquer
18-3-76 - J. Pimenta
19-3-76 - M. B. Pereira da Costa
22-3-76 - Sindicato dos Transportes Rodoviários do D. Lisboa
22-3-76 - Sociedade Abastecedora de Aeronaves
23-3-76 - Sociedade de Estruturas Metálicas do Norte «SONORTE»
24-3-76 - Companhia Industrial de Portugal e Colónias
24-3-76 - Companhia Sintra Atlântico
25-3-76 - Empresa de Camionetas Silmar
25-3-76 - Empresa de Transportes Central da Estefânia
26-3-76 - Empresa de Viação Gaspar
29-3-76 - Lopes & Matos, Ld.ª
29-3-76 - Papelaria Fernandes
30-3-76 - Rádio Televisão Portuguesa
31-3-76 - Transportes Pedrosa, Ld.ª
31-3-76 - Transportes de Sacavém

para plenários a efectuar nas mesmas, nos dias respectivamente acima indicados, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1 Interpretação do Contrato Colectivo de Trabalho
2 Dinamização Sindical

Neste momento é importantíssimo dinamizar toda a nossa vida sindical utilizando novos meios de participação dos trabalhadores.

Para isso contamos contigo Delegado Sindical, verdadeiro elo de ligação entre o Sindicato e os teus companheiros trabalhadores.

O teu contributo neste campo, pode ser bastante valioso, depende da tua vontade e empenhamento.

Saudações sindicais!

SECÇÃO DE APOIO A DELEGADOS SINDICAIS
Rogério Torres

— **PARTICIPA!**
— **ESCLARECE!**
— **AJUDA A MELHORAR A VIDA SINDICAL PORTUGUESA!**

CAMARADA:
RECORTA ESTA CONVOCATÓRIA E AFIXA-A NA TUA EMPRESA EM LOCAL BEM VISÍVEL PARA TODOS OS TRABALHADORES.

PUB

Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro

Sede em RIOMEÃO

MOÇÃO

A totalidade dos Trabalhadores da Argibetão, Fábrica de Ovar, reunidos em Plenário durante a greve de 2 horas, proposta pelo Sindicato dos Metalúrgicos para o dia 26/2/76 e por solidariedade levada à prática em todos os Sectores daquelas instalações, deliberaram por unanimidade:

1 — Denunciar o comportamento antioperário e divisionista da Rádio Difusão Portuguesa pela forma como em 26/2/76, pela manhã, noticiou a luta proposta pelo SINDICATO DOS METALÚRGICOS.

2 — Apoiar a justa luta dos METALÚRGICOS fazendo dela também a sua luta.

3 — Apelar a todos os Trabalhadores para que Unidos avancem na consolidação da Democracia, na defesa das conquistas da Revolução a caminho do Socialismo.

Pel' OS TRABALHADORES DA ARGIBETÃO
da Fábrica de Ovar

Carlos de Oliveira A. Marçal

PUB

SINDICATO DOS ENGENHEIROS DA REGIÃO DO SUL

SESSÕES DE ESCLARECIMENTO SOBRE A ADESÃO DO S.E.R.S À INTERSINDICAL

Para preparação da AG a realizar próximamente pelo S.E.R.S. convidam-se os asociados a participar nestas sessões na sede do Sindicato Av. Guerra Junqueiro, 30-1.º, Esq.º, nos dias 11, 17 e 31 de Março de 1976.

A DIRECÇÃO

Geral

AMANHÃ: DIA DA P.S.P.

O Dia da Polícia de Segurança Pública é comemorado amanhã em todo o País.

A cerimónia no Comando-Geral presidirá o ministro da Administração Interna a quem serão prestadas as honras devidas, à porta de armas.

No desenrolar da cerimónia, após a prestação da continência devida ao ministro, realiza-se a imposição de condecorações a agentes da P.S.P.

MULHERES ANGOLANAS EM LISBOA

"A nossa luta está ligada à das mulheres portuguesas"

A delegação da O. M. A. (Organização da Mulher Angolana) que se encontra em Portugal a convite do Movimento Democrático das Mulheres, deu ontem uma conferência de Imprensa na sede deste Movimento durante a qual foram abordados diversos aspectos da realidade angolana na perspectiva da mulher, cujo papel nas lutas de libertação foi de transcendente importância.

Dina Almeida e Olga Chaves, membros do Comité Executivo da O. M. A., responderam às várias perguntas que lhes foram apresentadas. À primeira, que visava saber em que medida a luta que as mulheres angolanas têm travado contra a opressão colonialista e neocolonialista está ligada com a luta das mulheres portuguesas, responderam:

. «Os objectivos são os mesmos. Lutamos essencialmente pela libertação da mulher. Havia um objectivo comum durante a guerra colonial. Nós combatíamos o colonialismo, elas o fascismo. Nós vencemos o colonialismo, elas ainda não conseguiram vencer o fascismo. Nós avançámos. Os objectivos continuam.»

. Respondendo a outra pergunta sobre o papel das mulheres angolanas na frente de luta no campo especificamente militar, Dina Almeida afirmou que há um grande número de mulheres integradas nas F. A. P. L. A. e na O. D. P. que é uma organização para-militar de defesa civil. E acrescentou:

. «A mulher angolana participa em todas as actividades. Portanto, no campo militar, não podia ficar para trás quando o nosso país está em guerra. Em todas as frentes de combate há mulheres. As mulheres têm um treino militar igual ao dos homens, sem qualquer distinção. Trabalham com armas pesadas, e até superam os homens. Os melhores artilheiros do M. P. L. A. são as mulheres.»

. Em todas as circunstâncias a mulher angolana tomou sempre as posições correctas. Um dos jornalistas quis saber se nos momentos de instabilidade elas teriam sido arrastadas para posições direitistas, como muitas vezes se verifica com a mulher quando esta não dispõe de suficiente base ideológica.

«Em Angola isso não sucedeu», afirmaram as delegadas da O. M. A. «A mulher caminhou para a frente e não tomou qualquer posição direitista. Isto ficou a dever-se ao trabalho que o M. P. L. A. tem vindo a fazer e à grande consciência política que as mulheres angolanas têm.»

. A resposta foi completada por Olga Chaves que salientou: «Elas viram os seus lares destruídos. Não há hipótese de as mulheres se virarem para a direita.»

. Foi também elevado o preço em vidas que a mulher angolana pagou durante as guerras de libertação.

Interrogada sobre o futuro de Angola, Dina Almeida respondeu: «O nosso país está agora livre do imperialismo e tem alguns problemas, mas estamos certas que com todo o nosso trabalho, a médio prazo Angola será um dos maiores países de África.»

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 23/4 %	–	275$	290$
Cons. 3 %	315$	310$	315$
Cons. 3 1/2 %	–	360$	–
Centenários	805$	805$	–
Tes. 5 %	835$	830$	840$
Tes. 10 %	545$	540$	550$
Extern. 1.ª - s.	–	450$	–
Extern. 1.ª - c.	–	450$	–
Extern. 3.ª - s.	–	450$	–
Extern. 3.ª - c.	–	450$	–
Caut. 3.ª - s.	–	–	–
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	–	–	750$
C.M.L. 5 3/4 %	–	830$	–
C.P. 5 1/2 % — 67	–	720$	–
C.P. 5 1/2 % — 68	–	720$	–
C.P. 5 1/2 % — 69	–	720$	–
Corr. 5 3/4 %	815$	815$	820$
Metr. 5 3/4 %	–	820$	–
Tur. 5 3/4 %	–	815$	–
C.P. 6 3/4 %	–	840$	–
ELÉCTRICAS			
G. 5 % — 58	–	690$	750$
G. 5 % — 59	–	690$	–
G. 5 % — 62	–	–	–
G. 5 % — 63	–	–	–
G. 5 % — 64	–	–	–
G. 5 % — 65	–	–	–
G. 6 % — 67	–	–	–
G. 6 % — 69	–	820$	–
G. 7 %	–	900$	–
H.E.A.A. 5 %	650$	640$	660$
H.E.C. 5 %	–	620$	–
H.E.C. 6 %	–	–	–
H.E.D. 5 %	–	600$	–
H.E.D. 6 %	–	–	–
H.E.N.P. 5 %	–	700$	–
H.E.S.E. 5 %	–	–	–
H.E.S.E. 6 %	–	750$	–
H.E.Z. 5 % — 57	–	–	–
H.E.Zêz. 6 %	–	–	–
N. Elec. 5 %	–	670$	–
N. Elec. 6 %	–	650$	–
Termoel. 5 %	–	–	600$
U.E.P. 5 % — 60	–	–	–
U.E.P. 5 % — 63	–	–	–
U.E.P. 6 %	–	760$	–
U.E.P. 7 %	–	–	800$
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % — 56	–	715$	–
A.P.T. 5 % — 58	–	710$	–
Lisnave 6 %	800$	770$	800$
Nitratos — 60	–	–	–
Pet. 2.ª e 3.ª	–	–	–
Sacor 7 %	835$	830$	–
Sacor 5 % — 54	–	–	–
Sacor 5 % — 60	–	850$	–
Sid. 5 % — 2.ª	–	–	750$
Sid. 5 % — 3.ª	–	–	750$
Sid. 5 % — 4.ª	–	–	750$
Socel 5 %	–	–	–
R. Fabril — 67	–	840$	–
R. Fabril — 68	–	–	830$
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	–	–	–
Rev. 5 % — 57	–	–	–
Rev. 5 % — 59-60	–	–	–
Moçambique 5 %	–	–	–
Sonefe 5 %	–	–	–
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	–	–	–
F.I.D.E.S.	–	–	–

BARES • BOITES

RESTAURANTES TÍPICOS

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Striptease-seuse**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 261461/164526/264596/ 264621/264946**

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

FONTE BOA
Máxima 19,5

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado de Noroeste; possibilidades de geada nos locais abrigados do interior de Norte e Centro

TEMPERATURAS DO AR
09.00 H.

PORTO	10°
P. DOURADAS	—
COIMBRA	9°
PORTALEGRE	8°
FARO	14°
FUNCHAL	14°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
11.00	3,1 m	4.21	1,7 m
23.39	3,3 m	16.52	1,7 m
Dia 11			
		5.41	1,6 m
12.23	3,2 m	18.06	1,6 m
Dia 12			
0.51	3,4 m	6.46	1,4 m
13.27	3,4 m	19.07	1,3 m

AMANHÃ

NASCER ÁS 8.49
OCASO ÁS 18.17

DIA 16 — DIA 22 — DIA 30 — DIA 7

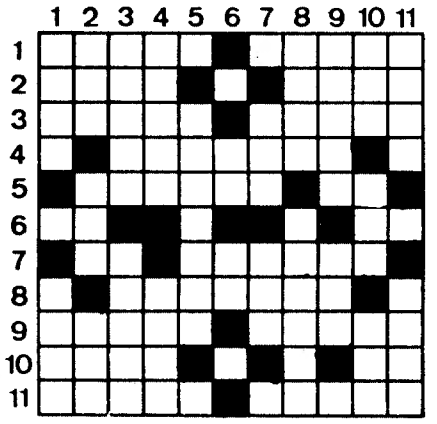
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 316

HORIZONTAIS

1 Guarnecias de asas. Igualmente.
2 Porção de peixe que se vende em leilão. Pequeno barco de recreio.
3 Assusta. Curar.
4 Talhara.
5 Faleces. Batráquio.
6 Oferece. Despido.
7 Samário (s.q.). Extraído.
8 Acometera.
9 Rugidos. Inflamação do ouvido.
10 Terreno duro e liso onde se secam e malham cereais. Artigo definido. Preposição latina que designa movimento.
11 Triturara. Descendência.



VERTICAIS

1 Fileiras. Aquele que.
2 Por baixo de. Conjunção. Curso de água natural e abundante.
3 Carrego. Esbarre com alguém.
4 Préstimo. Soar.
5 Aplanas.
6 Pronome pessoal. Actínio (s.q.)
7 Sadias. Animal doméstico.
8 Fechar as asas para descer mais depressa. Quebrar.
9 Curar. Concedei.
10 Sufixo que designa pequenez. Espaço de doze meses. Bigorna de ourives.
11 Simples. Implora.

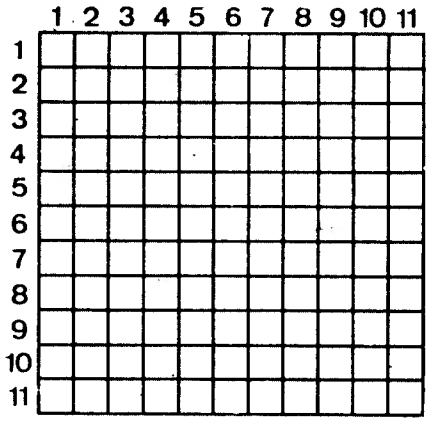
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7476

HORIZONTAIS

1 Modo (fig). Planta também conhecida por ervilha-de-pombo.
2 Mãe do marido em relação à mulher. Mulher de baixa estatura.
3 Seguia. Bigorna de ourives. Artigo indefinido.
4 Rainha do Egipto, filha de Ptolemeu Auleto.
5 Acrescentar. Sadios.
5 Érbio (s.q.) Despidas.
7 Irmãs da mãe. Átomo. Preposição.
8 Nivelara com a rasoira.
9 Artigo definido. Apologia. Serra de Portugal.
10 Saudáveis. Segundo.
11 Estacassemos.



VERTICAIS

1 Que possui muitos bens. Após.
2 Povoações pequenas.
3 Artigo definido. Freguesia do concelho de Coimbra. Apelido.
4 Determinante. Radiado.
5 Cidade de França. Cobre de iodo.
6 Margens. Lavrais.
7 Rádio (s.q.). Tão numerosa. Artigo definido.
8 Sulcou a terra. Roce.
9 Bário (s.q.). Pega. Nesse lugar.
10 Organização das Nações Unidas. Catedral. Curso de água natural e abundante.
11 Bisnaga. Triturais.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 315

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Vales. Fadar.	1 Vacas. Quero.
2 Abanara. Ore.	2 Abor. Gurcas.
3 Coifas. Aras.	3 Lai. Are. Ob.
4 Ar. Ni. It.	4 ENFADA. Mães.
5 Adamara. O.	5 Saa. Nasce.
6 Grã. Ido.	6 Rs. Mias. An.
7 QUE. NÃO. Mós.	7 Fa. Nado.
8 Ur. Mas. Modo.	8 Airó. Mofa.
9 Ecoas. Corem.	9 Dor. Morar.
10 Rabeca. FALA.	10 Arai. Modela.
11 Os. Sentaras.	11 Resto. Somas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7475

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Pala. Catana.	1 Paris. Tecer.
2 Aço. Arroz.	2 Acatar. Lama.
3 Rã. Agueda.	3 Lo. Amen. Rãs.
4 Itaca. Aros.	4 Acaro. Ulo.
5 Samara. Ará.	5 Agar. Ruma.
6 Rer.	6 Cru. Reata.
7 Moradias.	7 Are. Arda. Am.
8 El. Utar. At.	8 Toda. Airada.
9 Caruma. Arco.	9 Azara. Ror.
10 Emala. Adora.	10 Or Sacra.
11 Raso. Amaras.	11 Avisar. Toas.

Provérbio: O QUE NÃO FALA; ENFADA.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-1

ATÉ ÁS 22 HORAS

ALVALADE
Aviz, Avenida de Roma, 56-B/C (Tel. 715370).
AREEIRO
S. Jorge, Largo do Leão, 3-A/B (Tel. 534027).
AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28/30 (Tel. 40536).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Tel. 311216)
BENFICA
Vitex, Estrada de Benfica, 373-B (Tel. 780548).
BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 631958).
CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Tel. 688807).
CAMPO PEQUENO
Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10, lojas 18 e 19 (Tel. 771661).
GRAÇA
Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (Tel. 864351).
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790480).
PENA
Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (Tel. 42829).
SANTA CATARINA
Modelar, Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo). (Tele. 603896).
XABREGAS
Grijó, Rua do Grilo, 25 (Tel. 385264).

TURNO C-2
TODA A NOITE
ALVALADE
Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (Tel. 712682).
ANJOS
Confiança, Av. Almirante Reis, 46-B (Tel. 821653).
AREEIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B (Tel. 801478); **Nova Lisboa**, Rua Guilhermina Suggia, 12 (Tel. 727721).
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praç. Duque Saldanha, 14 (Tel. 41845).
BAIXA
Barral, Rua Augusta, 225 (Tel. 361534-5).
BELÉM
Remisio, Rua dos Jerónimos, 14-C (Tel. 631699).
BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532).
CAMPOLIDE
Central, Rua General Taborda, 17 (Tel. 680304).
MADRAGOA
Nunes Simões, Rua do Quelhas, 1 (Tel. 661275)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B/C (Tel. 720703-728395).
OLIVAIS SUL
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, lote 300 (Tel. 311091).
SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Avenida Ressano Garcia, 7-A (Tel. 571451).
SETE RIOS
Larajeiras, Rua Filipe da Mata, 160/162 (Tel. 761035).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. C.G.Guerra, 29 (T.2112081)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R.Costa Pinto, 184 (T.2432034). Toda a noite
OEIRAS
Godinho, R.Cândido dos Reis, 98 (T.2430090). Até às 22 horas
NOVA OEIRAS
Leal. Até às 22 horas
CARCAVELOS Toda a niote
S.DOMINGOS DE RANA
GodinhodaSilveira,Av.Saboia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (T.2471054). Toda a noite
AMOREIRA
Amoreira. Até às 22 horas
ESTORIL
Parque. Arcadas do Parque, 3 (T.260191). Toda a noite
CASCAIS
Cascais, R.Conde de Monte Real, B.das Caixas (T.282407). Até às 22 horas; **Misericórdia**, R.Regimento 19, 41 (T.280141). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P.D.João I, 9-B (T.932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T.932210); **Igreja**, P.da Igreja, 22-A (T.937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120 (T.938424)
DAMAIA
D.João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T.970461)
QUELUZ **Serra e Pinto**, Av. D.António C.Sá, 50-E (T.957619)
CACÉM
Araújo e Sá, E.de Paço de Arcos, lote 1-B (T.2940781)
MEM MARTINS
Química, E.de Men Martins, 285 (T.2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)
COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L.AntóniodosSantos Jorge, 15 (T.234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Galeno, R.Capitão Leitão, 85-B (T.2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T.2073035)
COVA DA PIEDADE
MOITA LOURO
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Giraldes, R.Almirante Reis, 45 (T.2310008)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Marques, R.Arronches Junqueiro (T.22783); **Bonfim**, Av. Rodrigues Manitto, 12 (T.24558)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Ceolho, 38 (T.2218560)

PORTO

TURNO 19

ATÉ ÁS 22 HORAS

Alves da Silva, Av. da Boavista, 1016; **Azevedo**, R.d Azevedo, 136; **Gomes Ferreira**, R.Faria Guimarães, 449; **Antas**, Av. Fernão de Magalhães, 1076; **Antiga Porta do Olival**, Campo Mártires da Pátria, 122; **Falcão**, R.de Santo Ildefonso, 61; **Lousada**, L.do Campo Lindo, 62

TODA A NOITE

Ferreira, P.D.Afonso V, 55-B; **Ordem da Trindade**, R.Heróis e Mártires de Angola; **Confiança**, R.de Santa Catarina, 960; **Nau Vitória**, R.Nau Vitoria, 723

COIMBRA

LUCIANO e MATOS, Rua da Sofia, 7 Tel. 22147; **MACHADO** — Rua Bernardo Albuquerque, Tel. 23767; **SITÁLIA** — Largo da Sé Velha, 13 — Tel. 23234.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CORNUCÓPIA
21.15 (13 anos)
«Ah Kiul»
MARIA VITÓRIA
20.30, 22.45 (18 anos)
«Força, Força Camarada Zé»
COMUNA
21.30 (18 anos)
«Fogo»
VILLARET
21.30 (13 anos)
«Godspell»
MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Família Até Certo Ponto»
VASCO SANTANA
21.30 (18 anos)
«Preco da vida»
TEATRO DO POVO
21.30 (13 anos)
«Uma canção no Pão»

LISBOA/Cinemas

S.LUIZ
21.15 (13 anos)
«O Pai Tirano»
SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«Delícias Turcas»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«O Tigre de Outo»
EUROPA
21.15 (6 anos)
«French Connection n.º 2»
CINE BOLSO
21.30 (18 anos)
«Prazeres colectivos»
COLISEU
21.30 (13 anos)
«A mansão do cigano»
PARIS
21.15 (18 anos)
«Revolucão Sexual»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«A Rua Infernal»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«A máquina do Amor»
LUMIAR
21.15 (14 anos)
«Um dólar Furado»
IDEAL
21.15 (18 anos)
«Aquele inverno em Veneza»
ARCO
21.30 (10 anos)
«A Deusa do Mal»

LINHA DE CASCAIS

OXFORD
21.15 (18 anos)
«Paulo o Quenae»
S. JOSE
21.15 (13 anos)
«A 7.ª Alvorada»
OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«O Justiceiro da Noite»
ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«Tragam-me a Cabeça de Alfredo Garcia»

LINHA DE SINTRA

CARLOS MANUEL
21.15 (18 anos)
«As Sobrinhas»

OUTRA BANDA

ALMADA
ACADEMIA
21.15 (18 anos)
«Dia de Violência»

ALMADA
Incrível
21.15 (13 anos)
«Onde Fica a Guerra?»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (13 anos)
«Adeus Valentina»

PORTO/Cinemas

COLISEU
21.15 (18 anos)
«A Vida Íntima de Dorian Gray»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Os Prazeres do Vigário»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (6 anos)
«Um Dia nas Corridas»
VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Aâina»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Los Amigos»
S.JOÃO
21.15 (18 anos)
«A Estalagem do Prazer»
JÚLIO DINIS
21.15 (6 anos)
«A Grande Corrida à Volta do Mundo»
ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«A Religiosa»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Deram-lheumaEspingarda»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«ReflexosnumOlhoDourado»
BATALHA
21.15 (18 anos)
«O Diabo Dentro Dela»
CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Não ToquesnaMulherBranca»
OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Garotas em Uniforme»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Estalegem do Prazer»
GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«S. Miguel Tinha um Gato»
S. TEOTÓNIO
21.15 (13 anos)
«A Brigada do Diabo»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Tommy»

rádio

1.º Programa

15.00: Painel da tarde; **18.00**: Música portuguesa; **18.30**: Temas sobre a condição de retornado; **19.00**: Cultura e actualidade, por Luís Pereira de Sousa; **19.30**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **21.00**: 14.º episódio do folhetim «A Noite e a Madrugada», de Fernando Namora, numa adaptação de Judith Navarro — painel da noite; **22.00**: Consultório educativo, programa do Secretariado para a Reestruturação do Ensino Secundário; **00.00**: Ultimojornal; **00.30**: Retrospectiva; **01.00**: Saída e encerramento dos Regionais do Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Covilhã, Viseu, Ponta Delgada e Horta — música na noite; **02.00**: Música na noite.

2.º Programa

16.00: Duetos instrumentais; **16.35** Peomas sinfónicos; **17.05**: **Solos de cravo, por Rafael Puyana**; **17.30**: O maestro Antal Dorati; **18.10**: O Coro PolifónicodeParis, dirigidoporCharles Ravier; **18.25**: Música do século XX; **19.25**: Os grandes pianistas; **20.00**: Orquestras de câmara; **21.00**: A ópera «Il Signore Bruchino», de Rossini, comentada por Maria Helena de Freitas; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.57**: «Le Marteau sans Maitre», obra para voz contralto e seis instrumentos, sobre textos de René Char, de Peirre Boulez; **00.35**: V 3 Prelúdios e Fugas, BWV 867l 868 e 869, do 1.º Caderno de «O Cravo Bem Temperado», de Bach; **01.00**: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Jazz; **00.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA
Emissão contínua — Onda Média (Lisboa), **233,2** m — **1286** KHz: Modulação de Frequência (Lisboa), 93,2 MHz.

cinemas

CASTIL
T.530194 — 15.30, 18.30, 21.15
Int. a men. 18 anos
MÓNICA E O AMOR
c/ Glória Guida, Paolo Carlini
Real. Mário Imperoli
3.ª Semana

IMPÉRIO
T.555134 — 15.15, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
QUANDO ELAS OS PÕEM... FORA DE CASA
c/Maria-José Nat-Mireille Darc
Sessão clássica.
Hoje às 18.30
Não acons. a menores de 13 anos
QUEDA NO ABISMO

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel. 971794 — 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
CASAMENTO PERFEITO

POLITEAMA
T.326305 — 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
Não acons. men. de 18 anos
CAMILLE
As orgias e excessos sexuais
5.ª Semana de enchentes

VOX
T.720808 — 14.15, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. á men. de 13 anos
A QUADRILHA DOS DOBERMAN

ROMA
T.727778 — 15.30, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
A MATULONA
3.ª Semana
c/Elwège Fenech

S. LUÍS
T. 327172 — 18.30, 21.30
Para todos
O LEÃO DA ESTRELA

PALÁCIO FOZ
15.00, 18.15, 21.00
«De Man die Zijn Haar Kort Liet Knipen» («O Homem da Cabeça Rapada»)
Realização de André Delvaux (Bélgica, 1965). Intérpretes: Senne Rouffaer e Beata Tyszkiewiez. Uma história cruel descrita num estilo realista que se aproxima do fantástico Não aconselhável a menores de 13 anos.

CALEIDOSCÓPIO
T.795093 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Para todos
Festival Jerry Lewis
O REI DO CIRCO
Um filme de Jerry Lewis

EDEN
T.320768 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Interdito a men. de 18 anos
Um festival de Kung Fu
O ATAQUE DO DRAGÃO NEGRO
um filme de Chang Cheh

ODEON
T.326283 — 15.15, 18.15 e 21.15
Não acons. a menores 18 anos
2.ª semana de êxito total
Com Sara Montiel na atrevida comédia musical na atrevida comédia musical
5 ALMOFADAS PARA UMA NOITE
Tinha 5 amantes. Mas todos fugiram quando ela disse estar grávida, quem era o pai?

APOLO 70
T.763319 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
A HISTÓRIA DE FERNÃO CAPELO GAIVOTA
11.ª Semana
Hoje às 24 h (Grupo D - M/18 anos)
«OUTUBRO»
de Sergei Eisentein

CASINO ESTORIL
T.264621 — 17.00, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
67 DIAS

S. JORGE
T.54153/4 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
COM JEITO VAI NA FARRA
2.ª SEMANA
c/Elke Sommer e Kenneth Williams

RESTELO
T.610375 — 21.00
Interdito a menores de 18 anos
DECAMERON PROIBIDO

AVIS
T.47163 — 15.30, 18.30, 21.15
Para todos (M de 6 anos)
OS MALUCOS VÃO À GUERRA
16.ª Semana

CARLOS MANUEL — SINTRA
T.2930394 — 21.00
Interdito a menores de 18 anos
AS SOBRINHAS

ESTÚDIO
T.555135 — 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
Michel Picolli-Annie Girarchot
DILLINGER MORREU 2.ª Semana
Um filme de Marco Ferreri

ESTÚDIO 444
T.779095 — 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15
Interdito a men. de 18 anos
O RALLYE DAS GOZONAS
Este filme contem cenas event. chocantes
11. Semana

MUNDIAL
T.538743 — Estreia às 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
AMOR, NÃO FAÇAS MAL!
Talvez um pouco picante mas pode trazer a família

UNIVERSAL
T.774402 — 15.00, 19.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
DEUS PÁTRIA AUTORIDADE
de Rui Simões
Ás 17 e 23 h
Não acons. men. 18 anos
SANGUE CONDOR

CONDES
T.322523 — 14.00, 16.30, 18.45 e 21.45
Não acons. a men. de 13 anos
Ele aí está — tremendo — Bud Spencer
O INSPECTOR MARTELADA

BERNA
T.776098 — 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Todos temos necessidade de amar...
TERNURA E VIOLÊNCIA
um filme de Philippe Labro
2.ª semana

LONDRES
T.801313 — 14.15, 18.00 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
CENAS DA VIDA CONJUGAL
com Liv Ulhmann e Bibi Anderson

ROXY
T.48560 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
ROMANCE POPULAR
c/Hugo Tognazzi e Osnella Muti
Realização de Mário Monicelli

TIVOLI
T.570596 — 15.15, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Todos temos necessidade de amar...
TERNURA E VIOLÊNCIA
2.ª Semana
Um filme de Philipe Labro

ALVALADE
T.897480 — 15.30, 18.30, 21.15
Não acons. a men. 13 anos
Ele aí está — Bud Spencer
O INSPECTOR MARTELADA
com Raymond Pellegrim
2.ª Semana

PATHÉ
T.821933 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Interdito a men. de 18 anos
Ele fez da depravação uma arte, da vitude um vício e da dor um prazer
O MARQUÊS DE SADE

NIMAS
T.574362 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
Não acons. a men. de 13 anos
NÃO TOQUES NA MULHER BRANCA
Um filme de Marco Ferri
6.ª semana

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 65631/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

O que encontraram

A visita a um país estrangeiro, seja turística, seja profissional, implica necessariamente, a saída do próprio país. É mais do que evidente. Mas às vezes é mais difícil sair da própria terra do que entrar na alheia. Foi o que me sucedeu quando me dirigia a Sófia para corresponder a um convite do Ministério dos Negócios Estrangeiros búlgaro ao «Diário de Lisboa». Eu conto rapidamente.

À entrada do aeroporto da Portela, o funcionário perguntava para onde a gente ia. Enquanto as pessoas diziam **Londres, Madrid, Paris** ou coisa que o valha tudo foi bem. Mas quando eu disse **Sófia** o homem encarou-me com atenção e ordenou:

__**Abra a mala.**

E eu abri. Despachei a mala e quando chamaram os passageiros do meu voo pus-me na fila e mostrei o passaporte ao oficial. Que foste fazer! Sofri um interrogatório cerrado, tive que mostrar uns miseráveis dólares mas não me safei.

__**Passe por ali!** __ ordenou.

«Ali» era a passagem dos suspeitos. Tiraram-me tudo o que levava no saco de mão. Viram camisa por camisa, cuecas por cuecas, meias por meias. Tudo. Depois esvaziaram-me os bolsos, esquadrinharam-me a carteira, apalparam-me todo, detectaram-me da cabeça aos pés...mas só encontraram o Manuel de Azevedo, jornalista profissional, tentando seguir de avião para a Bulgária, via Madrid, Zurique e Belgrado.

Quando chegaram a essa conclusão (**«Quem fala em discriminação? Trata-se apenas de uma revista rigorosa por amostragem»**), já todos os companheiros do voo para Madrid se encontravam a bordo. Pelo que segui para o avião, sozinho, num autocarro especial. E mal eu sabia que a mala ficaria retida em Lisboa e que só a viria a receber cinco dias depois, em Sófia.

MANUEL DE AZEVEDO

Semente lançada à terra

Agricultores de Pombal já receberam batata

. «Não queremos toda a batata vermelha (de semente) para nós, mas achamos ter direito a alguma, pelo menos aquela que satisfaça o mínimo dos pedidos que aqui deram entrada» __ afirmou esta manhã, ao «DL», Abílio Ferreira, da Comissão Liquidatária do ex-Grémio da Lavoura de Pombal, que nos informou terem chegado àquele organismo os primeiros 425 sacos dos cerca de 1500 que foram encomendados ao Ministério do Comércio Interno.

Os agricultores do concelho de Pombal inscritos no seu ex-Grémio da Lavoura debatiam-se, conforme foi noticiado neste jornal, com grande falta de batata de semente, tendo interceptado o «rápido» Lisboa-Porto, na última semana, como forma de luta para chamar a atenção das autoridades governamentais, de forma a que o problema fosse solucionado.

Os pequenos e médios lavradores do concelho, em plenário, concederam um prazo para o Governo satisfazer esse pedido, que expirou anteontem. Ante a demora no cumprimento do acordo estabeleceram novos contactos. Esta manhã, finalmente, chegaram os primeiros sacos, procedentes de Setúbal (do importador João Inácio), enquanto outros pedidos afluem àquele organismo agrícola.

Ainda não é conhecido pelo ex-Grémio da Lavoura de Pombal o preço a que a batata chegada foi facturada. Abílio Ferreira deu-nos conta desse pormenor, bem como do facto da J.N.F. ter prometido o envio de mais 361 sacos de três qualidades distintas para responder aos últimos pedidos dos agricultores de Pombal. Mas há um pequeno problema, que se relaciona com o facto da mesma não ser vemelha. A esse propósito, disse-nos ainda aquele dirigente: «Os organismos que fornecem a batata de semente têm de dividir o mal pelas aldeias. Ou há moralidade ou comem todos, porque nós precisamos, também dessa qualidade de batata».

NÃO ERAM PARA NELAS

Não eram para Nelas os 5000 quilos de batata, também de semente, que foram encontradas na estação ferroviária daquela vila beiroa, embora o achado estivesse para ser vendido á população, que se confronta, como muitas outras da Beira Alta, com a falta daquele produto. À última hora, tanto os elementos ligados à Câmara Municipal como os responsáveis pela Comissão Liquidatária de Nelas desistiram dos seus intentos, por entretanto terem sido informados que a mesma se destinava a Seia.

Alertada, a Direcção-Geral de Fiscalização Económica de Viseu resolveu averiguar o caso, concluindo que aquela batata fora já requerida pelos agricultores de Seia e estranhar que tenha sido ali despejada, por ser bem visível o organismo para o qual era enviada. Além desse pormenor, um outro havia: o da firma remetente, A. Sanches Garcia, que, contactada, confirmou Seia como destinatário.

Os elementos daquele organismo económico teriam a oportunidade de garantir à Comissão Liquidatária do ex-Grémio de Nelas a entrega, dentro de dias, de vários sacos de batata Kennebec.

nota tome nota

PROFISSÕES

O MRPP parece ainda disposto a concorrer às eleições para a Legislativa em todos os círculos. Para o efeito, fez já publicar as listas dos seus candidatos.

De muitos dos nomes apontados, salientamos, pela originalidade das suas profissões: Leonel Santos, poeta e operário canteiro (Setúbal); Eduardo Madeira, enfermeiro, retornado pobre (por Vila Real), e João (simplesmente João), pedreiro (Tojal).

Há quem diga que o «soldado Etelvino», ex-furriel do Exército, poderia muito bem candidatar-se como sargento aposentado, além de «carteiro», como vem referido na lista de candidatos por Lisboa.

A PROPRIEDADE A PATACO

No programa da Junta Chilena há uma passagem em que pode ler-se: «Não queremos transformar o Chile num país de proletários. Queremos que todos sejam proprietários.» Temos a impressão de que também já ouvimos isto por cá em qualquer lado.

Sá Carneiro prevê "forte ajuda" depois das eleições

PORTO, 10 __ «Creio que depois das próximas eleições para a Assembleia Legislativa e para a Presidência da República, teremos uma forte ajuda e intensa cooperação internacionais em ordem a permitir ao nosso país resolver os problemas que em alguns sectores se apresentam dramáticos» __ afirmou Sá Carneiro ontem no Aeroporto de Pedras Rubras, regressando de uma longa digressão que o levou ao Canadá, aos Estados Unidos e à França, durante cerca de oito dias.

Acerca do encontro de dirigentes europeus socialistas e sociais-democratas que vai realizar-se no próximo domingo, iniciativa do Comité para a Defesa da Democracia em Portugal é em que o P. S. está empenhado: Sá Carneiro manifestou a sua estranheza, apontando para os objectivos eleitorais que o P. S. pretende atingir com a iniciativa. E lembrou que no próximo sábado e no Porto o P. P. D. realiza um comício na Praça Humberto Delgado.

Sobre as eleições para a Presidência da República: o P. P. D. ainda não tem nenhum candidato __ informou Sá Carneiro.

Falando de alianças, mostrou-se apreensivo pelo facto de Mário Soares ter declarado recentemente que o P. S. não as pretende. O P. P. D. estará em princípio receptivo a alianças com o P. S., caso se proporcione ocasião.

Campinos na Madeira

FUNCHAL, 10 __ Encontra-se na Madeira o ministro do Comércio Externo e Turismo, Jorge Campinos.

À chegada, o ministro declarou: «Quero que a minha estadia aqui no Funchal seja discreta __ ela é, sobretudo, de trabalho.»

Mais adiante, Jorge Campinos precisou: «Venho meditar problemas madeirenses independentemente de ideologias. Venho com as mãos cheias, não de dólares ou escudos, mas de problemas, problemas esses que vão desde a infra-estrutura de hotéis e de gestão, a problemas de abastecimento e, sobretudo, de turismo da Madeira.»

Oficiais espanhóis condenados

HOYO DE MANZANARES, 10 __ (F. P.) __ O Conselho de Guerra de Hoyo de Manzanares condenou hoje os nove oficiais acusados de terem «incitado a sedição» a penas de prisão que vão de dois anos e seis meses a oito anos.

O militar procurador de Justiça, tinha reclamado penas de três a 12 anos de prisão.

11 de Março

C.L.A.R.P. promove "manif"

A realização de uma manifestação junto ao Ralis comemorativa do primeiro aniversário do golpe reaccionário de 11 de Março, que seja mais um marco importante da unidade e combatividade populares contra o fascismo, foi esta manhã anunciada numa conferência de Imprensa promovida pelos C. L. A. R. P.

Os dirigentes do C. L. A. R. P. presentes relembraram que «aqueles camaradas que há um ano souberam abnegadamente opor-se às hostes de Spínola, são hoje apelidados de contra-revolucionários, encarcerados e privados de contactarem com os seus soldados e o povo trabalhador»; ao mesmo tempo que são libertados «pides» e implicados no 11 de Março e no 28 de Setembro, preparando-se uma ampla amnistia para estes.

Foi ainda referida a actual situação dos militares presos, que serão os bodes expiatórios, uma vez que não se conseguiu provar a existência de uma tentativa de golpe político de esquerda. As culpas recairão agora sobre os comandantes do R. P. M. e sobre os sargentos pára-quedistas que se encontram presos, que poderão vir a ser acusados de implicação em insubordinações militares.

TRÊS PROCESSOS ARQUIVADOS

Entretanto, por terem sido ilibados de culpa no golpe de 11 de Março, foram mandados arquivar os processos relativos aos seguintes militares:

. Coronel de Cavalaria Ricardo Fernando Ferreira Durão, capitão de Infantaria Virgílio Vieira da Luz Varela, e capitão de Infantaria Eduardo Alberto Veloso e Matos.

Alentejo em luta pela Reforma Agrária

Milhares de trabalhadores alentejanos desfilarão no próximo sábado pelas ruas das cidades de Portalegre, Évora e Beja numa jornada de luta que visa essencialmente consolidar as conquistas consubstanciadas na Reforma Agrária e no seu avanço. «Pelo pão, pela liberdade, pela democracia» é uma das palavras de ordem. Outras: «Pela defesa e consolidação da Reforma Agrária» e «Em defesa das liberdades e conquistas alcançadas pelo povo».

As manifestações naquelas capitais distritais (Beja, Évora e Portalegre) são convocadas pelos sindicatos dos trabalhadores agrícolas e pelas ligas dos pequenos e médios agricultores, contando com o apoio prático do secretariado das Uniões dos Sindicatos de Beja e Évora (Intersindical), e, ainda, da Comissão Revolucionária de Apoio à Reforma Agrária (C.R.A.R.A.) de Évora. Nesta cidade e em Beja as concentrações processar-se-ão junto dos respectivos centros da Reforma Agrária e, em Portalegre, no largo fronteiro ao edifício do Governo Civil.

Sanches Osório em liberdade

O major Sanches Osório, que há dias se encontrava detido no Forte de Caxias, abandonou ao princípio da tarde aquele estabelecimento prisional.

Eram precisamente 11 e 50 quando o mandato de soltura chegou à Direcção dos Serviços Prisionais Militares.

Ministro da Comunicação Social no I Governo Provisório, e mais tarde secretário-geral do P.D.C., Sanches Osório ausentara-se do País depois do malogro do golpe de 11 de Março, ocorrido faz amanhã um ano.

"Caça às bruxas" na ex-E.N.?

Noticiaristas da Radiodifusão impedidos de trabalhar

«É lamentável, mas atitudes como estas trazem-me à memória o que era a Emissora no tempo do fascismo. Em nome de quê, esta votação contra nós? Será em nome do apregoado «pluralismo»? Que «liberdade de informação» se praticará na actual Radiodifusão Portuguesa, quando se tomam decisões como estas?»

. Estas são algumas das perguntas que nos pôs e às quais, evidentemente, não nos cabe responder, um dos trabalhadores dos serviços informativos aos quais foi recentemente levantada a suspensão que, a pretexto dos acontecimentos de 25 de Novembro foi decretada contra cerca de 40 trabalhadores da ex-E. N.

Segundo nos foi relatado, os actuais funcionários da informação da Radiodifusão Portuguesa (na sua grande maioria afectos ao P. S.), em plenário realizado ontem à tarde, depois de se pronunciarem contra a presença dos referidos trabalhadores, votaram a sua não reintegração nos seus postos de trabalho e, mais, aprovaram que fosse pedido um inquérito a toda a sua actividade anterior ao 25 de Novembro.

«Chegaram ao ponto», disse-nos aquele trabalhador, «de nos acusar de responsáveis pelo ambiente que levou aos acontecimentos registados no País em Novembro. Isto é pura perseguição política em que (acredito) estão a alinhar inocentemente, muitos camaradas de trabalho. Não se esqueça que estamos em vésperas de campanha eleitoral...»

P.P.D. INSATISFEITO

Entretanto o núcleo do P. P. D. na Radiodifusão Portuguesa divulgou um comunicado __ muito semelhante a um outro emitido há dias pela Comissão de Trabalhadores da ex-E. N. __ em que começa por afirmar que «encara com a maior das apreensões a escalada das forças contra-revolucionárias que se verifica a todos os níveis».

Utilizando uma linguagem muito semelhante à do M. R. P. P. e da A. O. C., aquele núcleo do P. P. D. manifesta-se ainda pouco satisfeito com a «qualidade» de programação que a ex-E. N. está actualmente a fornecer ao povo português. Diz o comunicado que «basta ouvir determinados períodos de emissão da Radiodifusão Portuguesa, acompanhar a actividade de alguns sindicatos para se verificar que a democracia está em perigo, que os seus inimigos estão preparados para a esmagar». Em suma o «pluralismo» apregoado pelo P. P. D. ainda não se adequa à actual emissora, mesmo com 40 trabalhadores suspensos e cerca de 20 despedidos.

Há dias foram suspensos mais sete trabalhadores. Alguns eram militantes socialistas. E o P. P. D. ainda não está satisfeito com a «limpeza»!...

Tito fez escala em Santa Maria

. . A caminho do México, o presidente Tito da Jugoslávia passou ontem por Santa Maria, nos Açores, onde foi cumprimentado pelo presidente da Junta Regional do arquipélago, Altino de Magalhães.

Na sua breve escala o marechal Tito desejou as maiores prosperidades ao povo português.